

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE ECONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA POLÍTICA
INTERNACIONAL

NATHANA GARCEZ PORTUGAL

**O PAPEL DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL NA FORMAÇÃO DA
GEOPOLÍTICA DO PETRÓLEO PARA A REGIÃO DO CÁUCASO**

Rio de Janeiro

2020

NATHANA GARCEZ PORTUGAL

O PAPEL DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL NA FORMAÇÃO DA
GEOPOLÍTICA DO PETRÓLEO PARA A REGIÃO DO CÁUCASO

Dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Economia Política Internacional.

Orientador: José Luís Fiori

Rio de Janeiro

2020

FICHA CATELOGRÁFICA

P853 Portugal, Nathana Garcez.

O papel da Primeira Guerra Mundial na formação da geopolítica do petróleo para a região do Cáucaso / Nathana Garcez Portugal. – 2020.

132 f.; 31 cm.

Orientador: José Luís Fiori.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Economia, Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional, 2020.

Bibliografia: f. 125 – 131.

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária: Luiza Hiromi Arao CRB 7 – 6787 Biblioteca
Eugênio Gudín/CCJE/UFRJ

Nathana Garcez Portugal

**O PAPEL DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL NA FORMAÇÃO
DA GEOPOLÍTICA DO PETRÓLEO PARA A REGIÃO DO
CÁUCASO**

Dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Economia Política Internacional.

Aprovada em 26/03/2020

Prof. Dr. José Luís da Costa Fiori (IE/PEPI/UFRJ) - Orientador

Prof. Dr. Numa Mazat (IE/PEPI/UFRJ)

Prof. Dr. Williams da Silva Gonçalves (IFCH/UERJ)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a todas e todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Economia Internacional da UFRJ pelas aulas, ensinamentos, debates e discussões valorosas nesses últimos dois anos.

Dos professores importantes para a minha formação, agradeço particularmente ao Prof. Dr. Maurício Metri, a Prof. Dra. Isabela Nogueira, ao Prof. Dr. Alexander Zhebit e ao Prof. Dr. Daniel Barreiros. Professores são pontes para a transformação e vocês foram minhas pontes na direção de uma pessoa mais capacitada, obrigada a vocês!

Gostaria de agradecer também ao meu orientador José Luís Fiori por ser sempre solícito, gentil e sempre ter me dado a liberdade de pensamento e reflexão. Nossas reuniões, e-mails e conversas na universidade foram essenciais para mim, principalmente nos momentos onde me sentia bloqueada, confusa ou sem inspiração. Suas disciplinas foram determinantes na formação do meu pensamento e me sinto privilegiada pela possibilidade de enriquecimento acadêmico, profissional e pessoal que tive a partir do contato que tivemos.

Existe também um lugar especial no meu coração para a Turma de 2018 do PEPI. Titi, Thomaz, Sérgio, João M., Vitor, Mishell, Igor, Thiago, Matheus, Caio, Juliana, Fernando, Arif e em especial João Vitor, Érica e Joana. Vocês todos fizeram parte da minha vida nesses últimos dois anos, me apoiaram e me engrandeceram em conversas, encontros, discussões e debates acadêmicos ou mesmo nos churrascos, bares ou viagens que fizemos ou fomos. Sem vocês minha vida teria sido mais triste e dura nesse processo do mestrado. Meu muito obrigada, meus amigos.

Outro agradecimento especial é dedicado ao Grupo da pelada do Instituto de economia da UFRJ. A todos os pós-graduandos, muitos já professores, que se tornaram meus amigos durante esses dois anos de muito futebol, economia e debates acalorados.

É necessário agradecer também ao Pedro, Ana Carolina Lacerda, Tainah e Bruna que formaram comigo e outros um dos melhores grupos de pós-graduandos do Rio de Janeiro que existe. Vocês estiveram comigo desde o início dessa empreitada, estudamos juntos, fizemos a seleção juntos e afortunadamente estamos hoje todos na pós-graduação juntos. Durante esses anos, vocês ouviram meus desabafos, minhas iras assim como comemoraram comigo minhas alegrias e vitórias. Obrigada!

Antes de sair do universo acadêmico, preciso agradecer a CAPES já que sem seu financiamento teria sido impossível investir na minha formação acadêmica. Esse apoio é fundamental para amenizar os momentos de pressão, de dúvidas que pairam sobre todos os pós-graduandos durante o período de dedicação profissional à produção científica neste país e eu não fui exceção.

Agradeço também a todos os meus amigos que me apoiaram, me ouviram e me ajudaram sempre que puderam. Que me ensinaram nas contradições, que me encheram de conhecimento sobre os mais diversos temas, que me trouxeram alegrias e que me tornaram uma pessoa infinitamente melhor. Parte importante do que sou hoje e consequentemente desta dissertação reside um pouco em vocês também. Diana, Thaianne, Dani, Thayane, Kinha, Fil, Mali, Lucas, Ana L., Carol Leal, Pedro, Carol Bizo, Karol Belo, Ju Monteiro, Pam, Baldanza, Thiago, Débora, Danielle, Fernando, Grazi, Gabi, Marcus, Natan, Vinícius, Laís, obrigada!

Agradeço também a todas as pessoas especiais que passaram pela minha vida e de alguma forma me deram força e ensinamentos. Certamente não lembrarei o nome de todos, mas espero que com essa citação todos que estão comigo e desejam o meu bem de alguma forma sintam-se contemplados. Obrigada!

Agradeço em especial ao Pedro Allemand que sempre me apoiou e incentivou nessa caminhada acadêmica e foi acima de tudo um amigo especial para todos os momentos. Amigo, eu não estaria aqui se não fosse por você.

Agradeço também à minha família que me apoiou nesse projeto complexo e difícil que é seguir a carreira acadêmica no Brasil. Avó, mãe, vocês são especiais e merecem toda a minha valorização. Obrigada e amo demais vocês!

Agradeço também à Ana Caroline, Carol, por continuar presente na minha vida, seguir me apoiando e ser um ombro amigo, uma ouvinte atenta e compreensiva sempre.

Para a Juliana, o meu agradecimento especial. Se todas as pessoas antes foram importantes, ela sem dúvida foi mais nesses meus dois anos de mestrado. Foi minha amiga, companheira, editora, revisora, ouvinte, minha base de apoio e sempre esteve ao meu lado, fosse para comemorar minhas realizações ou chorar as minhas derrotas que por sorte foram poucas. Com você o mundo é mais colorido, mais especial e mais feliz. Amo você.

Por fim, gostaria de fazer um agradecimento especial à Nathana do passado. Podia não parecer em vários momentos, mas você aguentou firme, forte e cá estamos nós agora, em uma só pessoa, com a dissertação pronta e prestes a se formar mestre. Obrigada por ter aguentado tudo, nem sempre feliz, nem sempre sem chorar e nem sempre autoconfiante de que daria certo. Porém sempre firme e resoluta em não desistir da caminhada que é o seu sonho. Obrigada a você por não ter desistido e que esse recado siga conosco na nossa caminhada futura na vida pessoal e profissional. Vai dar certo e sempre se lembre:

"Enquanto a terra não for livre, eu também não sou."

*Principia - Emicida, Fabiana Cozza, Pastoras do Rosário e
Pastor Henrique Vieira.*

RESUMO

A Grande Guerra deu início ao processo de transformação da hierarquia do Sistema Interestatal que só terminaria no fim da Segunda Guerra Mundial. O esforço constante de preparação para o conflito das grandes potências beligerantes teve como consequência a inauguração do movimento de transição da matriz energética militar (e civil) do carvão para o petróleo. A crescente relevância do petróleo no setor militar durante o conflito, precipitada politicamente pelas potências, deslocou parte do centro de oferta energética para outras regiões do globo e transformou paulatinamente o tabuleiro geopolítico mundial.

A presente pesquisa investigará a relação existente entre a Primeira Guerra Mundial, aqui dividida em duas fases, e o processo de formação de uma Geopolítica do Petróleo envolvendo a região do Cáucaso, segunda maior produtora de petróleo no início do século XX. Assim, será feita uma reconstrução histórica do crescimento da indústria do petróleo e sua ligação com os interesses das grandes potências. Também será analisada a história do Cáucaso e do óleo caucasiano a fim de mensurar a importância geopolítica e geohistórica da região antes e depois do fator petróleo. Nesse sentido, ainda serão analisadas as estratégias político-militares para a região das quatro potências envolvidas nos combates no Cáucaso: Grã-Bretanha, Alemanha, Rússia e Império Otomano. O objetivo dessa investigação é dimensionar a importância do petróleo para aos movimentos estratégico-militares dos impérios na região e verificar se de fato existiu o processo de formação de uma Geopolítica do Petróleo para o Cáucaso. Por fim, ao final da pesquisa serão apresentadas ponderações sobre a real dimensão do óleo no período assim como sobre a importância geoestratégica do Cáucaso para além do recurso natural.

Palavras-chave: Geopolítica, Petróleo, Primeira Guerra Mundial, Cáucaso

ABSTRACT

The Great War was the starting point of the Interstate System hierarchy's transformation process that would only cease at the end of the World War II. The constant preparation effort for the conflict between the belligerent Powerful States had as its consequence the initiation of the military (and civil) energy matrix transition from coal to oil. The increasing relevancy of oil in the military during the conflict, politically anticipated by the powers, dislocated part of the energetic offer to other regions around the globe and progressively transformed the worldwide geopolitical set.

This research will investigate the existing relation between the World War I, here split into two phases, and the transformation process of the Petroleum Geopolitics involving the Caucasus Region, the second biggest worldwide oil producer at the beginning of the XX century. Therefore, in this research, it will be presented a historic reconstruction of the Oil Industry growth and its connection with the Great Powers interests. It will also be analyzed the Caucasus' and the Caucasus oil's history with the purpose of measuring the geopolitical and geohistorical importance of the region before and after the petroleum factor. Still regarding this, it will be analyzed the political-military strategies chosen by the four great State Powers involved in the Caucasus battlefields: Great Britain, Germany, Russia and the Ottoman Empire. This research's objective is to dimension the importance of oil to the strategic-military movements of the empires in this region and verify if, indeed, it existed a formation process of a Petroleum Geopolitics for Caucasus. Finally, at the end of the research it will be presented considerations about the real dimension of oil's influence at the period along with the geostrategic importance of Caucasus beyond the natural resource.

Keywords: Oil, Geopolitics, World War I, Caucasus

LISTA DE IMAGENS

Tabela 1: Produção de petróleo cru entre 1818 e 1849	47
Tabela 2: Produção de petróleo cru entre 1850 e 1862	47
Tabela 3: Produção de petróleo cru entre 1863 e 1888	47-48
Tabela 4: Produção de petróleo cru entre 1889 e 1919	51
Tabela 5: Capacidade máxima de carvão e petróleo dos navios de guerra da frota britânica entre 1914-1918	67
Tabela 6: Produção de petróleo cru nos 4 poços de petróleo de Baku entre 1889 e 1919	77-78
Tabela 7: Produção de petróleo cru nos 4 poços de petróleo de Baku entre 1889 e 1919	78
Tabela 8: Produção de petróleo cru em outros poços de petróleo no Cáucaso entre 1889 e 1919	79
Tabela 9: Produção de petróleo cru nos outros poços de petróleo no Cáucaso entre 1889 e 1919	79
Mapa 1: Desmembramento do Império Otomano (1878-1913)	83
Mapa 2: O Tratado de Brest-Litovsk e a visão alemã da Rússia em 1918	98
Mapa 3: As batalhas no Cáucaso Sul entre janeiro e outubro de 1918	100
Mapa 4: Posições das forças bolcheviques e antibolcheviques na Rússia (1919)	104
Tabela 10: Investimento estrangeiro no petróleo russo em 1914 (milhares de dólares-ouro)	106
Tabela 11: Capital britânico investido no petróleo russo em 1914	106

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
------------------	----

PARTE 1: A DISPUTA NO SISTEMA INTERESTATAL CAPITALISTA NO INÍCIO DO SÉCULO XX E O SURGIMENTO DO PETRÓLEO

Capítulo 1 – Perspectivas teóricas sobre o fenômeno da Guerra e as disputas de hegemonia

1.1 – O fenômeno da Guerra e a Perspectiva do Poder Global	19
1.2 – A guerra como um impulso à inovação tecnológica	27
1.3 – O fim da era dos Impérios e a Geopolítica da guerra	31

Capítulo 2 – O impulso ao ouro negro como uma transformação sistêmica da Grande Guerra

2.1 – O Petróleo e sua indústria no século XIX	40
2.2 – O Cáucaso: o oásis do petróleo	45
2.3 – O início do século XX e o desenvolvimento da indústria petrolífera	52
2.4 – O pré-Grande Guerra e o petróleo: as implicações para o tabuleiro geoestratégico mundial	58

PARTE 2 – A FORMAÇÃO DA GEOPOLÍTICA DO PETRÓLEO PARA O CÁUCASO E SUAS IMPLICAÇÕES NA REGIÃO

Capítulo 3 – O Cáucaso frente à geopolítica na Primeira Guerra Mundial

3.1 – Uma breve história do Cáucaso	68
3.2 – O Petróleo no Cáucaso: uma história conturbada	72
3.3 – O papel do Cáucaso na Grande Guerra (1914-1917)	80
3.4 – A Frente do Cáucaso (1914-1917)	89

Capítulo 4 – A Geopolítica do Petróleo para o Cáucaso e suas implicações para a região
(1918-1922)

4.1 – Aliados ou inimigos? A disputa turco-germânica na ofensiva de 1918 ao Cáucaso	94
4.2 – A defesa e queda de Baku	101
4.3 – A Geopolítica do Petróleo na ocupação britânica da Transcaucásia	103
4.4 – O fim da ocupação britânica e a sovietação do Cáucaso	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	125

INTRODUÇÃO

As reservas de combustíveis fósseis como as de petróleo são vistas como um tema de High Politics e direcionam decisões estratégicas nacionais em diferentes áreas governamentais. Isso acontece porque, como cita Daniel Yergin em seu livro "The Prize: the epic quest for oil, money and power", desde que o petróleo foi descoberto, este significou hegemonia. Isso porque o petróleo está intrinsecamente ligado ao conceito de segurança energética de um país, ou seja, a capacidade de um Estado garantir uma quantidade de energia que mantenha sua indústria em operação e alimente sua economia. Essa segurança energética é fundamental para a manutenção e obtenção de posições estratégicas no Sistema Internacional pelas grandes potências mundiais e nesse contexto, o petróleo é ainda hoje o mais importante recurso natural energético mundial. Tal importância dada ao combustível fóssil não é o que se pode chamar de um evento recente. A sua própria ascensão como relevante fonte energética mundial foi precipitada por uma escolha política feita pelas grandes potências envolvidas na Primeira Guerra Mundial.

A Primeira Guerra Mundial foi o evento que para grande parte da comunidade acadêmica deu início a uma mudança nas posições da hierarquia do Sistema Interestatal que só terminaria oficialmente com o fim da Segunda Guerra Mundial. A guerra sistêmica que teve início em 1914 envolveu quase todos os grandes impérios do século XIX. Destes, o Império Alemão foi o grande postulante a ocupar o lugar de hegemom do sistema se contrapondo diretamente ao detentor da posição naquele momento, o Império Britânico. Além deles, também se envolveram diretamente na guerra Estados Unidos¹, a França e os Impérios Russo, Otomano e Austro-Húngaro, o que significou que pela primeira vez em mais de 50 anos as grandes potências do sistema voltavam a guerrear entre si. Portanto, é possível dizer que a própria dimensão do conflito já dava mostras de que a derrota na guerra não era uma opção para qualquer país que almejasse ocupar posições privilegiadas dentro do Sistema Internacional. Não sendo uma opção a derrota, as grandes potências envolvidas na guerra procuraram empregar o máximo de esforço e investimento para assegurar a vitória e é neste ponto que o petróleo ganha verdadeiro destaque e importância no mundo.

¹ No momento histórico citado, os Estados Unidos estavam em processo de afirmação do seu status de potência que seria fortalecido pela própria Grande Guerra.

As pesquisas sobre as utilidades do petróleo foram fundamentais para definir ações políticas nos anos antes do conflito. Ao passo que elas apontavam benefícios táticos e operacionais do óleo e do motor à combustão interna nas máquinas de guerra, diversos países decidiram iniciar grandes mudanças no seu aparato militar. O governo alemão focou grandes esforços na construção de navios, aviões e tanques movidos a óleo. Percebendo a melhoria na capacidade militar alemã, com destaque para os investimentos na marinha alemã, a Grã-Bretanha decidiu agir. Ela investiu milhões em empresas de petróleo, com destaque para a recém-criada Anglo-Persian Oil Company, empresa que forneceria petróleo para a Armada Real durante a guerra e, décadas depois, se tornaria uma gigante do mercado petrolífero: a British Petroleum Company (BP). Essa rápida mudança forçada prioritariamente por estrategistas militares alemães e britânicos, mas também por outros Estados-impérios, teve suas consequências. A ascensão do petróleo como uma importante matriz energética militar deslocou parte do centro de oferta energética militar para outras regiões do globo e com a crescente utilização pelo petróleo a manutenção do esforço de guerra, a solução encontrada pelas grandes potências foi se lançar em uma busca por garantir o controle sobre regiões com grandes reservas de petróleo mundo afora.

Dentre as regiões petrolíferas do globo que passaram a serem alvos de interesses estratégicos das grandes potências, a esta pesquisa interessou olhar para as movimentações dos Estados-impérios em relação ao Cáucaso, área que está situada entre a Europa Oriental e a Ásia Ocidental. A região já era alvo de disputas territoriais por conta da sua posição estratégica em relação a impérios e essas disputas territoriais se davam entre as cordilheiras caucasianas e dois importantes mares: O Cáspio e o Negro². Porém, no referido período, as significativas reservas de petróleo e gás assim como suas refinarias controladas pelo Império Russo também atraíram a atenção de partes dos impérios beligerantes porque a região passara a ser um dos centros de oferta da energia fóssil necessária para o esforço de guerra.

O Cáucaso, juntamente à Pensilvânia nos Estados Unidos, foi um dos locais de origem da indústria petrolífera. Com as primeiras perfurações datando ainda do século XIX, o petróleo da região foi usado pelo Czar para mover a rápida industrialização russa

² Durante o século XIX o Cáucaso foi alvo de diversos conflitos envolvendo o Império russo, Otomano e a Pérsia. Foram durante alguns destes, como a Guerra do Cáucaso que a Rússia imperial conseguiu se expandir na região.

e no ano de 1904 a indústria de petróleo russa alcançou a incrível fatia de 31% das exportações mundiais de petróleo (YERGIN, 1993). Uma indústria essa que, apesar de ser a base do desenvolvimento econômico russo, foi mal administrada e pouco desenvolvida pelo império durante quase quinze anos. A má administração da região aliada com as péssimas condições de vida dos trabalhadores foram as grandes causas de revoltas que se instalaram na região desencadeando guerras e conflitos financiados por terceiros interessados nas reservas de petróleo. Apesar da destruição de poços petrolíferos em Baku pelos levantes liderados por bolcheviques como o georgiano Josef Stálin e do inevitável declínio de sua produção petrolífera, o Cáucaso (especificamente os territórios próximos à Baku) continuou a ser considerado um prêmio a ser conquistado pelas grandes potências e pelas empresas petroleiras ligadas a esses países (YERGIN, 1993).

Durante a Primeira Guerra Mundial, a região foi alvo de embates militares entre diversos impérios na Campanha do Cáucaso e, em menor grau, na Campanha da Pérsia (ALLEN, W. E. D.; MURATOFF, P., 1953). Além disso, nesse período o Cáucaso ainda passou por outros eventos históricos mais específicos da região. Revoluções, a proclamação de repúblicas no Cáucaso, o Genocídio Armênio, os embates entre o Exército Vermelho e o Exército Branco e o acirramento de tensões e conflitos étnicos são exemplos da efervescência de acontecimentos na região durante o período. Esses eventos assim como outros que se passaram no momento do pós-guerra tem tal relevância que definiram a história da região no século XX (KING, 2008).

Dado que novas historiografias têm revelado ligações entre os interesses de petróleo de grandes potências, as batalhas na guerra e até o furor revolucionário na região³ (KOPISTO, 2011; WINEGARD, 2016), a presente dissertação trabalha com a hipótese de que tais campanhas militares no Cáucaso e importantes acontecimentos político-sociais na região sejam, em parte, resultado de uma embrionária geopolítica de petróleo dos impérios na região. Assim, a pesquisa se propôs a investigar a ligação entre a disputa de hegemonia dentro do Sistema Interestatal Capitalista, materializada na Primeira Guerra Mundial, e o nascimento de uma geopolítica do petróleo para a região do Cáucaso.

Na presente pesquisa as disputas dentro da hierarquia do Sistema Interestatal Capitalista têm um objetivo central: acumulação de poder. Essa ideia, contida nas obras de José Luís Fiori (FIORI, 2004; FIORI, 2007, FIORI, 2014), é a base teórica usada para

³ BBC MEDIA CENTER, 2018.

interpretar os diversos movimentos estratégicos feitos em relação às regiões produtoras de petróleo pelas potências envolvidas na disputa pelo topo da cadeia hierárquica de Estados na Primeira Guerra Mundial.

Dado isso, o primeiro capítulo se dedica a fazer uma reflexão a respeito das perspectivas teóricas em torno das disputas de hegemonia. Para isso, ele define o fenômeno da guerra como objeto de atenções e seleciona trabalhos teóricos sobre o conflito que o conectaram com as questões de hegemonia. Assim, o capítulo caminha na direção da análise feita sobre a Guerra no Sistema Interestatal Capitalista a partir da teoria do Poder Global de José Luis Fiori. O autor demonstra como, durante a História, a busca por poder se transforma empiricamente em disputas bélicas e demonstra como esse processo contínuo de disputas vai formar o Sistema Interestatal Capitalista onde existe uma relação dialética entre o capital e o poder (FIORI, 2004; FIORI, 2007).

Após essa reflexão há uma seção focada na investigação da relação existente entre as disputas dos Estados-Nacionais, a guerra e o impulso tecnológico. Para essa seção são utilizados os trabalhos da Mariana Mazzucatto (2014) e Carlos Medeiros (2004) que observam como os Estados são os grandes fomentadores de políticas de incentivo tecnológico. Os autores percebem em diferentes medidas como a preparação constante para a guerra é a principal razão para esses investimentos que, apesar de muitas vezes extrapolarem para o âmbito civil, são voltados para o setor militar. No geral, a seção tem como objetivo embasar teoricamente os processos de interesses que levaram às pesquisas sobre as utilidades do petróleo dentro do complexo industrial-militar do início do século XX.

Nesse sentido também é apresentado o momento em que se deu a Primeira Guerra Mundial em relação à História. A representatividade da guerra em níveis como o da história conjuntural e da longa duração é de extrema relevância, portanto as contribuições de Eric Hobsbawm (1988, 2012) e José Luis Fiori (2004) foram utilizadas. Ainda dentro do âmbito da história da Primeira Guerra Mundial, os conflitos geopolíticos foram abordados e as teorias Halford Mackinder (1904), Alfred Mahan (COSTA, 1992) e de Friedrich Ratzel (ARCASSA, 2017) foram utilizadas. Elas explicam as políticas de impérios e o fenômeno da expansão alemã na virada do século XIX para o XX que pavimentaram o caminho para a Grande Guerra.

O segundo capítulo apresenta a história do petróleo e da sua indústria, criada no século XIX, até o estopim da Primeira Guerra Mundial em 1914. Ele apresenta a transição do modelo de investimento na indústria petrolífera que sai de um momento onde seus grandes investidores eram capitalistas individuais para a forte presença dos Estados no fomento da indústria. O capítulo ainda liga, por meio da contribuição de Daniel Yergin (1991, 1993), essa transformação com o acirramento das disputas por hegemonia dentro do Sistema Internacional. Bruno Ronchi (2015), Volkan Ediger (2018), Timothy Winegard (2016), entre outros, mostram como a intensificação das políticas estatais para a guerra deu origem ao processo que transformaria o petróleo em fonte energética militar (e civil) e à formação de uma geopolítica do petróleo das grandes potências.

O terceiro capítulo apresenta a história do Cáucaso destacando a sua importância geopolítica e a relação do petróleo com os fenômenos políticos, econômicos e sociais do Cáucaso até a Grande Guerra. Após isso passa a ser debatida a os interesses das grandes potências envolvidas na Primeira Guerra Mundial na região e é nesse momento onde se faz uma discussão sobre a dimensão do papel do petróleo para as disputas no Cáucaso durante o conflito. A seção final apresenta o que consideramos a primeira fase da Primeira Guerra Mundial para o Cáucaso, entre 1914 e o Tratado de Brest-Litovski. Nesta parte da dissertação são muito utilizados os trabalhos de Charles King (2008), Svante Cornell (2005), David Fromkin (2011), Matthew Ghazarian (2016), William Reynolds (2011), entre outros.

O quarto capítulo apresenta a questão principal da pesquisa: o nascimento da geopolítica do petróleo para o Cáucaso durante a "segunda parte" da Primeira Guerra Mundial entre 1918 e 1920. Ele mostra a partir de documentos oficiais e fontes secundárias como a nascente geopolítica do petróleo para a região influenciou decisões estratégicas nos fronts de batalha, na ocupação britânica após o fim oficial da guerra e em todas as políticas das grandes potências para o Cáucaso até a sua sovietação na década de 1920. O último capítulo da dissertação tem forte influência de David Allen e Paul Muratoff (1953), Sean Mcmeekin (2010), Artin Arslanian (1980) e outros autores aqui já citados.

Dessa forma o papel da Primeira Guerra Mundial na formação da geopolítica do petróleo para o Cáucaso será abordada na presente dissertação. A relevância deste projeto de pesquisa está ancorada em aspectos acadêmicos e sociais. Destaca-se primeiramente a

interpretação do fenômeno da Primeira Guerra Mundial sob as perspectivas do Poder Global. A correlação entre a guerra, o início do processo de ascensão do petróleo como matriz energética militar e a transformação do tabuleiro geopolítico mundial em um contexto de ruptura/reorganização no ordenamento do Sistema Internacional Capitalista é uma análise interessante do conflito. Essa perspectiva é abordada, sem o enfoque aqui dado ao Cáucaso, pelo historiador Daniel Yergin em seu livro "The Prize: the epic quest for oil, money and power" (1991). Adicionar a questão geopolítica da disputa por petróleo para o Cáucaso e investigar o conflito na região torna a dissertação singular dentro da historiografia da guerra.

Além disso, analisar o impacto das movimentações dos Estados-Impérios no Cáucaso durante a guerra é fundamental para dimensionar a capacidade de organização/desorganização sistêmica das grandes potências. Essa análise ganha ainda mais destaque em um contexto no qual o petróleo ocupa atualmente o posto de matriz energética produtiva e militar e o tabuleiro geopolítico mundial continua a ser orientado de acordo com os interesses desses poderes em áreas com significativas reservas de petróleo.

Pela questão social, a pesquisa tem extrema relevância porque explora o papel do petróleo na construção de políticas das grandes potências e sua influência na nova formação do tabuleiro geopolítico mundial. Essa discussão tem relevância social por explorar e explicitar o aspecto geopolítico e estratégico que o petróleo tem na construção de autonomia, soberania e manutenção ou ganho de poder de um Estado dentro do Sistema Internacional.

A busca por respostas às perguntas colocadas na pesquisa foi feita usando todas as ferramentas ao alcance. A utilização da metodologia qualitativa permitiu um aprofundamento no recorte temático escolhido e a escolha pela abordagem multidisciplinar possibilitou que diferentes perspectivas sobre o tema fossem agregadas de forma benéfica à dissertação. Dessa forma, em geral a pesquisa foi feita com fontes documentais e secundárias, sem o caráter totalmente empírico que uma metodologia quantitativa permite. Porém, eventualmente também foram utilizados dados quantitativos para efeitos demonstrativos.

Por fim, ainda é preciso dizer que na última parte da dissertação são apresentadas as considerações finais da pesquisa com a mensuração e reflexão da resposta dada à

hipótese levantada sobre a relação entre a Primeira Guerra Mundial, o nascimento da geopolítica para o Cáucaso e os fenômenos políticos, econômicos e sociais na região no período abordado.

PARTE 1: A DISPUTA NO SISTEMA INTERESTATAL CAPITALISTA NO INÍCIO DO SÉCULO XX E O SURGIMENTO DO PETRÓLEO

Capítulo 1: Perspectivas teóricas sobre o fenômeno da Guerra e as disputas de hegemonia

1.1 O fenômeno da Guerra e a Perspectiva do Poder Global

Os primeiros cinquenta anos do século XX foram décadas nas quais houve um verdadeiro processo de reordenamento de hierarquias no Sistema Internacional. Foi justamente durante esse espaço temporal onde ocorreram as duas Guerras Mundiais, conflitos armados que mobilizaram o mundo de uma forma nunca antes vista, e a primeira grande crise da economia mundial, o produto de uma crescente financeirização e interdependência econômica⁴ no mundo. Por fim, após esse período extremamente conturbado, o mundo sofreu profundas transformações em sua organização política, social e econômica. O "novo" mundo se tornou então bipolarizado, haviam novas potências estabelecidas e um novo hegemom, fruto do processo de reordenamento que ocorrera no Sistema Mundial.

De todos os acontecimentos relevantes para a história do Sistema Interestatal Capitalista⁵ nas primeiras décadas do século XX, as duas Guerras Mundiais recebem atenções à parte. Em parte, esse interesse se deve a dimensão da devastação dos conflitos, demonstrada por estatísticas brutais, e pela proporção simbólica dessas guerras que, para muitos, se entrelaçam pelo fio condutor das disputas hegemônicas no Sistema Internacional. De toda a forma, a verdade é que as duas guerras sobreviveram à História e foram quase exaustivamente analisadas sob diferentes perspectivas. Suas histórias foram contadas a partir de análises militares, diplomáticas, sociais e culturais, feitas por pesquisadores que procuraram destrinchar e investigar os dois maiores conflitos da história recente da humanidade. No entanto, é preciso notar que esse interesse em investigar o conflito e a violência generalizada na vida do ser humano em sociedade não é um fato recente.

O tema da Guerra sempre despertou o interesse nas sociedades, o suficiente para que suas primeiras menções remontem obras de períodos de mais de dois mil anos. Essas obras estão espalhadas em diversas formas de arte como, por exemplo, a rupestre e as

⁴ A Crise de 1929 é considerada por muitos a maior crise do sistema financeiro mundial no século XX.

⁵ Sistema Interestatal Capitalista é a denominação utilizada por José Luis Fiori em seu livro *O Poder Americano* (2004) para apontar com exatidão a organização político-econômica vigorante no Sistema Internacional.

pinturas do Antigo Egito. Na literatura, o tópic "conflito" aparece desde tempos tão longínquos quanto os das reflexões de Sun Tzu⁶, Sócrates⁷ e Tucídides⁸ e se faz presente no pensamento de Norberto Bobbio⁹ e de outros autores clássicos. Ainda na arte escrita, o interesse no fenômeno da Guerra tem aumentado nos últimos anos conforme o índice de ocorrência do fenômeno da Guerra se intensificou¹⁰.

Essa literatura concentra uma grande teia de debates e proposições teóricas em relação ao fenômeno social que é o conflito em larga escala. Existem estudos que procuram traçar historicamente, através da Etologia, Antropologia e Arqueologia, os primeiros traços de "violência social". Diversos deles indicam que ela "nasceu" junto com os primeiros primatas e apontam a existência de semelhanças comportamentais entre as suas condutas de certos e do *homo sapiens* em relação à violência. Por outro lado, também há reflexões feitas por diversos pensadores que apontam mais na direção de elucubrações filosóficas em torno das sociedades, seus dilemas éticos em torno do conflito e das motivações e objetivos da guerra.

Nesse sentido, o filósofo grego Heráclito de Éfeso contribui para a reflexão em torno da guerra ao criar três "aforismos dialéticos" importantes que são colocados, a partir de Fiori (FIORI, 2018, p.76), dessa forma:

1. A Guerra está no princípio de todas as coisas e de todas as hierarquias e relações de poder;
2. O conflito entre rivais ou opostos move todos os ciclos vitais e todas as relações sociais;
3. As hierarquias e os conflitos estão na origem da justiça assim como as guerras originam a ética internacional.

Heráclito de Éfeso exprimia em seu pensamento a ideia de que a Guerra ocupava um posto de extrema importância na organização social do ser humano. Nascido na Jônia (atual Turquia) sob o domínio do Império Persa e tendo a influência do Zoroastrismo, o filósofo acreditava que o conflito de opostos não apenas moveria, mas seria o responsável pela origem de todas as coisas do universo, desde os seres vivos até os valores morais

⁶ General e filósofo chinês, autor do livro "A arte da Guerra".

⁷ Filósofo ateniense fundador do que é conhecido hoje como a Filosofia Ocidental.

⁸ General e historiador da Grécia Antiga, autor de "A Guerra do Peloponeso".

⁹ Filósofo italiano autor de "A Era dos Direitos".

¹⁰ FIORI, 2004.

como a justiça e a ética. Dessa forma, e ainda seguindo seu pensamento, Heráclito via na Guerra o conflito de opostos inicial, fundante de todas as relações e valores do ser humano em sociedade. O filósofo não tinha como preocupação entender o fenômeno do conflito além do que a experiência colocava em prática e pouco ou nada se utilizou de valores éticos em suas reflexões. Assim, é possível dizer que Heráclito entendia a guerra apenas por si mesma e como um fenômeno central e organizador da vida social.

No entanto, a visão de Heráclito de Éfeso sobre o fenômeno da guerra foi ao longo do tempo sendo contraposta por outra, mais pacifista, que teve o filósofo grego Aristóteles como um dos preceptores. Apesar de considerar a guerra uma arte e a paz apenas uma causa final para o conflito, Aristóteles acreditava que o objetivo final de uma guerra seria a paz e a atribuía como uma necessidade lógica. Segundo Fiori (FIORI, 2018, p.99), outros filósofos e pensadores como Cícero¹¹ também expressaram essa visão e a disseminaram de tal forma que a paz foi elevada à condição de valor ético universal. Esse movimento foi replicado ao longo da História e dele surgiram diversas teorias sobre o fenômeno da guerra que colocavam a Paz como objetivo último a ser conquistado. Assim, com o tempo as reflexões em torno da guerra se tornaram um debate ético que também envolveu o fenômeno da Paz.

O livro *A arte da Guerra* do general chinês Sun Tzu (1988) também é um dos quais a visão mais pacifista se destaca. Segundo Fiori (FIORI, 2018, p.84), o livro é um dos que inaugura a tese clássica da defesa da paz dentro do debate ético sobre a guerra e a paz. A obra tece dois grandes objetivos da guerra: a conquista da paz e da vitória (FIORI, 2016, p.11) e, para o autor chinês, paz e guerra eram manifestações sociais atreladas uma a outra por meio de uma assimetria de poder representada pela ação da vitória. Em última instância a guerra na verdade serviria para assegurar a paz por meio da vitória. Além dele, outros autores como Immanuel Kant¹² também explicaram o fenômeno da guerra como uma tentativa de se assegurar a paz.

É verdade que, no campo do debate ético sobre o conflito, também surgiram outras teses argumentativas consideradas clássicas, como as ideias da guerra justa e da guerra santa (FIORI, 2018, p.85). Porém, apesar de não serem exatamente pacifistas, as duas teses também são embebidas de valores morais e éticos e se voltam mais para a

¹¹ Político, filósofo e escritor romano que viveu entre 103 a.C. e 43 a.C.

¹² Immanuel Kant exortava a ideia da conquista da Paz Perpétua. Essa paz, eterna, se daria a partir da vitória, em guerra, de um Estado que tivesse a capacidade de impor seus valores a todos os outros.

justificação moral do conflito, o que as diferem da visão mais filosófica de Heráclito que procura compreender o fenômeno da Guerra em si mesmo.

Ainda no espectro da visão mais pacifista explicitada, também surgiram no debate ético, ao longo do tempo, os argumentos que são classificados por José Luis Fiori como modernos (FIORI, 2018, p.84). Por se estabelecerem em maioria já dentro do Sistema Interestatal Capitalista, eles apresentam reflexões mais estratégicas, apesar estarem sempre em diálogo com a questão dos valores éticos. Os fundamentos modernos se dividem em: argumento civilizatório, da hegemonia e do progresso. O argumento civilizatório se originou e ganhou força durante o período das "grandes descobertas" marítimas feitas pelas potências europeias. Nesse período, as potências europeias conviviam com a necessidade de expansão e conquista de novos mercados e matérias primas advinda do processo de transformação capitalista dentro da Europa. Assim, nasceu o princípio do dever civilizatório do Velho Continente para as regiões recém-descobertas, ideia formulada a partir da necessidade de justificação das guerras com os povos nativos das terras do Novo Mundo. Aqui, o apelo aos valores éticos para a execução da guerra é uma tentativa de justificativa moral para o conflito.

Além do argumento civilizatório, o pressuposto da hegemonia também tenta explicar as questões de guerra e paz. Esse pressuposto é uma ideia que existe há pelo menos 300 anos e foi abordada de maneiras diferentes por autores distintos. O *Leviatã* de Thomas Hobbes é um livro que exemplifica o argumento de hegemonia quando versa sobre a necessidade de existência de um *Leviatã* que garanta a ordem no Estado. Durante todo o século XX a ideia do *Leviatã* foi se expandindo por vários autores que investigavam a política internacional. Por fim, na década de 1970 Charles Kindleberger e Robert Gilpin formularam a Teoria da Estabilidade Hegemônica. Essa teoria se dedicou a expressar a ideia de que para que a paz no Sistema Internacional fosse alcançada e permanentemente garantida, era necessário que houvesse uma potência hegemônica que tivesse poder (bélico) suficiente para garantir a ordem no sistema. É possível perceber nesse argumento que o debate está bem mais relacionado à reflexão sobre fenômeno da paz e a ordem, colocado como os objetivos a serem alcançados na sociedade (FIORI, 2004).

Por fim, o último argumento moderno que conecta a ideia de guerra, paz e ética é a aspiração ao progresso. Segundo Fiori (2016), a utopia moderna e iluminista europeia

se fundamenta na ideia de progresso. Isso significa que para os europeus, o progresso (com destaque para o setor econômico e as novas tecnologias) levaria indubitavelmente a uma paz. Essas ideias se fizeram presentes desde os iluministas como Montesquieu até economistas como Adam Smith e David Ricardo. Esse argumento, assim como a premissa sobre a hegemonia, não ligam a paz necessariamente a guerra. A paz aparece novamente como o foco do debate enquanto o fenômeno da guerra se vê quase que esquecido. Porém, assim como o ideal civilizatório e a reflexão sobre hegemonia, o progresso também é um conceito que está diretamente ligado com a valoração moral europeia, e aparece em um período em que as potências europeias já empreendiam expansões, muitas vezes belicosas, que precisavam ser justificadas moralmente.

Então, o que se nota é que ao longo do tempo se tornou cada vez mais comum o afastamento do debate ético sobre a guerra e a paz do próprio fenômeno da guerra. As teses clássicas ainda delegam à Guerra um papel central em suas reflexões, porém os argumentos modernos cada vez mais se voltam para a questão da paz, relegando à guerra um papel de uma via para o objetivo final: a paz. Assim, a guerra passou cada vez mais a ser uma coadjuvante em seu próprio debate, principalmente a partir do estabelecimento da paz como um valor universal.

No entanto, é interessante notar que diferentemente do que se pregou nos argumentos modernos, nem o movimento "civilizatório", nem uma grande hegemonia e muito menos o "progresso" levou o mundo à paz. As milhares de guerras coloniais e as guerras entre as potências europeias durante os últimos séculos são exemplos claros de que nem o movimento civilizatório e nem o progresso levaram a qualquer paz dentro do Sistema Internacional. Fortalecendo essa percepção, os dados levantados sobre guerras nos últimos trezentos anos¹³ mostram que, neste período, as potências hegemônicas no sistema (Inglaterra e Estados Unidos) foram as que mais iniciaram guerras no mundo. Segundo Niall Ferguson, historiador escocês, o século XX foi, de longe, o mais violento da história¹⁴ mesmo com o progresso tecnológico alcançado em larga escala.

Esses apontamentos levam a ponderação de que a guerra é um fenômeno social que precisa ser estudado como um objeto singular e ímpar. Partindo da análise de Daniel Barreiros em "A Filogenia da Guerra" (BARREIROS, 2017), é possível tirar a conclusão

¹³ FIORI, 2016.

¹⁴ FERGUSON, 2006.

de que a Guerra é além de evento social, também um fenômeno histórico da longa duração¹⁵. Sua existência está condicionada a evolução dos seres humanos e vem acontecendo, ainda que de forma mais rudimentar e não tão complexa, desde o início da existência do *homo sapiens*. Nesses últimos milênios a Guerra apresentou um desenvolvimento conforme o processo de complexificação das formas de interação em sociedade dos seres humanos foi ocorrendo. Com as relações sociais se multifacetando, a política adquiriu o status de atividade fundamental do ser humano¹⁶ e o que se percebeu é que onde a política falhava, havia guerra.

Outro estudo importante sobre o fenômeno da Guerra passa pela compreensão e exposição da conexão entre o conflito e a política, um raciocínio que aparece na obra clássica de Carl Von Clausewitz. O ex-general prussiano dedica seu livro "Da Guerra" à análise do funcionamento e da dinâmica das guerras, não se preocupando em tentar justificar o fenômeno ou prever a paz a partir de valores éticos. Fazendo essa reflexão, ele chega a conclusão de que "a guerra é um ato de força para obrigar o nosso inimigo a fazer a nossa vontade" (CLAUSEWITZ, 2010, p.75). A Guerra é vista como uma ação política utilizada por duas ou mais partes quando estas não entram em acordo sobre contendas específicas. Dessa forma, a própria guerra, a política pela violência, também tem seus objetivos políticos que vão além da vitória simples, apesar desta ser fundamental para alcançar os outros interesses. Essa conceituação do fenômeno é explicitada no livro na passagem: "a guerra é meramente a continuação da política por outros meios" (CLAUSEWITZ, 2010, p.91).

Ainda sobre a Guerra, é pela ideia de que ela é uma espécie de braço armado da política convencional que uma de suas características fundamentais salta aos olhos. Quando a guerra acontece, esse evento conjuntural da curta duração, o seu curso compreende vitoriosos, perdedores, objetivos da guerra e também a criação e organização do fenômeno da paz. Essa paz em uma guerra é feita pelos vitoriosos que tem a capacidade (bélica) de impor os seus valores aos perdedores. Assim, a paz com seus valores, crenças, organização e estrutura é criada a partir de uma condição de assimetria que não tem retorno até que essa nova hierarquia criada seja desafiada. Nos casos de disputas

¹⁵ Entende-se aqui longa duração por um período 6 milhões de anos nos quais os antepassados do ser humano já praticavam a guerra.

¹⁶ Fala atribuída a Darcy Ribeiro. Disponível em: <<https://brunohoffmann.wordpress.com/2014/05/06/explicador-do-povo-brasileiro/>>. Acesso em: 13/10/2019.

hegemônicas, o sistema criado a partir de dessa guerra impõe uma paz que por ser assimétrica, é benéfica a uns e maléfica a outros. Isso gera um problema que não tem solução via política, já que é inviável para os vencedores ceder nas características bases do novo sistema onde são hegemônicos. Portanto, nessa condição que é colocada por Fiori (FIORI, 2018, p.99-100), a paz é um fenômeno passageiro e finito que, em última instância, é o processo para uma nova guerra sistêmica.

Essa noção quase metafórica de que a guerra tem como objetivo desarmar totalmente o oponente e, dessa forma, seria a criadora das hierarquias dentro das sociedades colocada por Clausewitz, segue o mesmo raciocínio do aforismo de Hércules de Éfeso que diz: "a Guerra está no princípio de todas as coisas e de todas as hierarquias e relações de poder" (FIORI, 2018, p.78). Suas reflexões acerca da guerra e da construção das hierarquias sociais são, de certa forma, aprofundadas por José Luis Fiori tanto em sua pesquisa sobre a guerra, quanto em seus estudos sobre a Economia Política Internacional contemporânea, que resultaram na perspectiva teórica conhecida como o "Poder Global".

Em seu livro "Sobre a Guerra", Fiori examina as reflexões de Heráclito e conclui que o filósofo dá passos essenciais na busca por uma maior compreensão do fenômeno do conflito, ao perceber que é ele que move o universo e que constrói, ao mesmo tempo, hierarquias sociais, a ideia de justiça e ética. Porém, o autor aponta, com determinada razão, que Heráclito não se aprofunda em uma questão importante acerca da guerra. Para Fiori, existe uma conexão vital entre a guerra e as hierarquias que é o Poder. Para Fiori, "toda a hierarquia envolve um tipo específico de 'conflito de opostos' que disputam entre si alguma forma de poder" (FIORI, 2018, p.98). Assim, o autor entende que o poder, percebido como a forma mais genérica de relacionamento assimétrico entre os seres humanos, pode então ser entendido como um produto da própria guerra.

A relação umbilical entre o fenômeno da guerra e o poder é alvo da atenção de Fiori em sua extensa pesquisa sobre a Economia Política Internacional contemporânea. O início dessa pesquisa se deu a partir justamente da percepção do autor de que os argumentos modernos no debate ético sobre o fenômeno da Guerra (e da Paz) não se transpuseram para a realidade. Testemunhando as evidências empíricas que contradiziam os argumentos modernos como a "Teoria da Estabilidade Hegemônica", ou de ideais como o da "Paz Perpétua", e observando o poder como elo fundamental entre a guerra e as hierarquias, o autor se dedicou a entender o funcionamento do atual Sistema

Interestatal Capitalista. Nesse sentido, o autor trouxe grandes contribuições para o debate sobre a guerra. Sua pesquisa exorta no poder político uma importância central para a formação do sistema mundial moderno cada vez mais belicoso e conectado ao capital. Em Fiori, esse poder aparece como um fluxo, muito mais do que algo a ser estocado. Dessa forma, o poder precisa se reproduzir e ser acumulado permanentemente e o ato da conquista¹⁷, aqui entendido como a vitória na guerra, é a força originária do poder e de sua acumulação (FIORI, 2004).

Apresentando a guerra e o poder como dois conceitos absolutamente entrelaçados, o autor define a guerra como a forma mais radical de resolução de um conflito de opostos, através do uso disseminado da violência e da submissão do *outro*, ele ressalta que essa suposta "eliminação" do inimigo não resulta em desaparecimento do próprio poder ou da guerra. Isso porque uma das características principais do poder é a sua dimensão triangular e não binária. Essa característica define a impossibilidade do fim do fenômeno da guerra já, ao fim de um conflito entre poderes rivais, ainda existirão outras relações entre possíveis opostos na sociedade.

Ainda sobre a perspectiva do Poder Global, é interessante notar que ela não é uma teoria sobre a guerra, mas sim uma reflexão teórica sobre o funcionamento do sistema mundial moderno, feita a partir de uma metodologia de análise histórica. No entanto, ela dialoga em diversos momentos com o debate sobre o conflito e até mesmo reflete sobre o fenômeno. Conforme o autor vai destrinchando o processo que levou à formação da relação dialética entre a acumulação de poder e de riqueza no Sistema Interestatal Capitalista, ele aponta que a guerra e a necessidade de constante preparação para ela são os cerne do desenvolvimento desta relação. Assim, são esses dois os fenômenos responsáveis pela necessidade cada vez maior de recursos que vai gerar as primeiras tributações. Por sua vez, as tributações, feitas de forma arbitrária pelo poder soberano em preparação para a guerra, definem para a sociedade o que é o trabalho necessário e o trabalho excedente passível de apropriação pelo poder territorial soberano.

Fiori aponta que à medida que as guerras desses poderes territoriais cresceram a tributação também aumentou. Isso forçou o aumento da produtividade e do trabalho excedente, e o pagamento desses tributos em dinheiro estimulou a troca do excedente nos

¹⁷ Para Fiori, a conquista seria o movimento de expansão de um poder soberano que acumula mais poder, em geral por meio da guerra, contra outros poderes soberanos.

mercados como forma de acumulação de créditos necessários para o pagamento das dívidas em moeda soberana. Esse processo criou um ciclo virtuoso entre a acumulação de poder e o aumento do excedente, das trocas e do mercado. Lentamente o poder dos soberanos passou a ser definido pela sua quantidade de território, população e também pela riqueza acumulada na cobrança de tributos e em conquistas de guerra. Segundo o autor, esse processo culmina na formação dos bancos, no nascimento do capital e na sua relação com os governos soberanos, já que os bancos passaram a ativamente bancar as preparações para a guerra dos poderes territoriais. A relação entre poderes soberanos e suas atividades econômicas, sempre em função da proteção da ameaça da competição e guerra, se complexifica e dá origem, na Europa, aos Estados-economias nacionais que são verdadeiras máquinas de acumulação de poder e riqueza.

Os Estados-economias nacionais são a primeira base para a formação do atual sistema político-econômico. Aos poucos eles se espalham pela Europa formando uma pressão competitiva entre os povos europeus que disputavam espaços em um continente amplamente ocupado. Essa competição aumenta o perigo de uma guerra entre poderes europeus e força os Estados buscarem novos territórios, novos tributos e novos espaços econômicos para os seus capitais nascentes. É essa busca que expande o novo sistema para fora da Europa. A formação do sistema político mundial atual é resultado de uma busca por poder e da compulsão imperial dos estados nacionais sempre preocupados com as guerras, a acumulação de poder.

Por fim, além de colaborar para o entendimento da dimensão da importância do fenômeno da guerra para a formação do atual sistema político-econômico mundial, as reflexões de José Luis Fiori, ainda contribuem para o debate sobre o fenômeno da guerra, por se afastarem das concepções embebidas de valorações éticas criadas no Sistema Internacional organizado e produzido por potências europeias (FIORI, 2018. p.96). Seus trabalhos e outras obras já citadas ajudam a entender a guerra como um fenômeno social com o poder de mover todas as coisas do universo e dar origem a valores e regras na vida do ser humano. Em resumo, é possível entender a guerra como um fenômeno constante, integrador e organizador da vida, assim como cíclico e finito no atual Sistema Interestatal.

1.2 A guerra como um impulso à inovação tecnológica

"Uma guerra sempre avança a tecnologia, mesmo sendo guerra santa, quente, morna ou fria" Renato Russo – Música: "A canção do senhor da guerra" (1992).

Na perspectiva do Poder Global, Fiori aponta a guerra como um fenômeno integrador, criador de todas as coisas e também uma atividade crônica do sistema assim. A partir do conflito é definida a hierarquia entre os poderes nacionais e, portanto, os poderosos e os subjugados no atual Sistema Interestatal Capitalista. Dadas essas características, o autor infere naturalmente que a preparação para a guerra, assim como o próprio conflito, é uma ação constante dos Estados. Ele também determina que as duas atividades são instrumentos de conquista e acúmulo de poder e, dentro do contexto de busca pela acumulação permanente por poder, é razoável deduzir que essa preparação angaria os maiores esforços possíveis dos Estados. Esses esforços resultam por sua vez em inovações tecnológicas e essa relação entre o impulso tecnológico e o conflito é o tema abordado nesta seção.

Como dito, Fiori se dedica a analisar a relação do conflito com o dinheiro no atual Sistema Interestatal Capitalista e termina por construir uma teoria de poder e a acumulação de poder e de suas relações com o capital e a acumulação de capital. Seu objetivo é entender as dinâmicas do atual sistema mundial moderno, porém suas pesquisas, feitas em conjunto com outros pesquisadores da Economia Política Internacional contemporânea, podem ser consideradas base teórica para compreender como a relação entre a acumulação de poder e de capital tem reflexos determinantes no processo de inovação tecnológica.

Sobre o tema, é preciso apontar que a tecnologia e o avanço tecnológico podem ser definidos, de forma simples, como afirma Mario Bunge: “enquanto se aplica ao melhoramento de nosso meio natural e artificial, a invenção e a manufatura de bens materiais e culturais, a ciência se converte em tecnologia” (BUNGE, 2006apud AGOSTINHO, 2011). Assim, para a inovação tecnológica surgir, não basta existir o conhecimento científico apenas, mas sim adequá-lo às pessoas e aos processos das instituições (NASCIMENTO; COSTA, 2017, p.64). Disto, se destaca a reflexão de que o mundo e as percepções sociais sobre a vida se transformam com o tempo, um fenômeno que é influenciado diretamente pelas inovações e transformações tecnológicas que interferem na vida da sociedade.

É nesse sentido que a guerra tem papel fundamental. É verdade que existe uma concepção de que ela não é a única propulsora das inovações tecnológicas, já que o ser humano sempre produziu ferramentas que o ajudassem a executar o que seu corpo não

permitia ou que melhorassem sua relação com o ambiente em que vivia. Como cita Tiago César Agostinho: "A tecnologia o ajudou a alterar seu espaço físico e, dessa forma, a interação dele com esse espaço. A luta pela sobrevivência fez o homem superar diversas ameaças, e, desde a pré-história, o mesmo faz uso desses artifícios para enfrentar essas adversidades" (AGOSTINHO, 2011, p.2). Porém, esta dissertação segue a visão do economista Carlos Aguiar de Medeiros de que as grandes inovações tecnológicas que transformaram as sociedades foram concebidas, desenvolvidas e dirigidas como um empreendimento militar¹⁸ (MEDEIROS, 2004, p.225).

Na História, existem diversos exemplos de como o conflito e as transformações tecnológicas estão intrinsecamente conectados. Há dois mil anos o general Sun Tzu já valorizava tecnologias de guerra como os armamentos, veículos, equipamentos e fortificações para as estratégias bélicas (TZU, 1988). Durante as Guerras Napoleônicas foram criados os primeiros telégrafos para transmitir mensagens militares de forma mais eficiente e rápida, assim como também foi concebido o primeiro método de enlatamento de alimentos que possibilitou o armazenamento barato das rações diárias das tropas. Outro exemplo interessante, mais antigo, é o das primeiras "ambulâncias". Ainda no século XV o exército espanhol contava com um serviço de carruagens puxadas por cavalos que, após as batalhas, entrava nos campos em busca de combatentes que precisassem de socorro; essa ideia foi utilizada por séculos, se popularizando a ponto de atualmente ser um serviço essencial para a população civil.

Além dos exemplos já citados de deslocamento da fronteira científico-tecnológica, pode-se citar o caso da pólvora no século XV que foi uma inovação que transformou a estrutura do fenômeno da guerra. Também se faz necessário citar inovações mais recentes que reforçam a ideia de que a guerra produz impulsos tecnológicos que interferem e transformam as sociedades. As duas guerras mundiais que transformaram o Sistema Mundial no século XX apresentaram para o mundo como a ciência utilizada para um evento social se transforma em inovação tecnológica. Para os conflitos foram produzidos em massa diversos aparatos novos que seriam incorporados ao mundo civil

¹⁸ A ideia que consiste neste trabalho é de que a guerra sempre atuou como um impulso tecnológico, porém que a partir da formação do Sistema Interestatal Capitalista, os Estados passaram a fomentar projetos políticos para desenvolver a área de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) sempre a partir de interesses militarizados. Teria sido assim que, conforme ressalta Felipe Fonseca (FONSECA, 2019, p.34) com o passar do tempo no século XX se consolidou o "complexo militar-industrial-acadêmico" no hegemon do sistema, os Estados Unidos.

nas décadas seguintes como os carros, aviões, os motores à propulsão, e os primeiros sistemas de informação, que seriam a base científica para a criação do rádio, telefone, internet e computador.

Todos os exemplos de novas tecnologias empregadas na guerra apontam para a existência de uma ligação entre a tecnologia e o conflito. Porém, a ideia de que a preparação constante dos Estados para a guerra, financiada por capitais, é a produtora das inovações tecnológicas é mais profunda. Em "O Poder Americano", Fiori recua no tempo e mostra como a necessidade de um esforço de guerra cada vez maior foi o estopim para a criação de um processo que, em última instância, produziria os primeiros bancos que financiavam os exércitos dos príncipes¹⁹. Por sua vez, à medida que os príncipes vencedores dos conflitos conquistavam mais territórios a serem tributados, aumentavam seu poder e sua capacidade de pagamento aos bancos credores de seus empréstimos.

O aprofundamento da associação entre poder e capital é expresso na formação dos Estados Nacionais e do Sistema Interestatal Capitalista. Nesse novo sistema onde os atores são os Estados nacionais, a competição interestatal é alta assim como a necessidade de exercício constante de poder para manutenção ou conquista de posições na hierarquia do sistema. É nesse cenário onde Carlos Medeiros (MEDEIROS, 2004, p. 227-231) enfatiza que essa necessidade se traduz em um ritmo de desenvolvimento e inovação na esfera militar sem paralelo na esfera civil.

Outra pesquisadora que pensa o Estado como o ator que promove, a partir de necessidades estratégicas geralmente bélicas, investimentos e incentivos às políticas de pesquisa e desenvolvimento é a economista italiana Mariana Mazzucato. A autora mostra em seu livro "O Estado Empreendedor" que é o Estado quem intervém na economia, dinamizando a capacidade e disposição do empresariado nacional e criando, de diversas formas, o "ambiente" necessário para a pesquisa e produção científica (MAZZUCATO, 2014). Segundo ela, é comum que estados promovam o crescimento ou mesmo o nascimento de empresas nacionais em setores estratégicos utilizando-se de grandes e arriscados investimentos por meio de parcerias ou contratos. Um exemplo atual desse tipo de organização é o caso dos contratos públicos realizados pelo Departamento de Defesa

¹⁹ Conceito inspirado no livro "O Príncipe" de Nicolau Maquiavel.

dos Estados Unidos²⁰, atual Estado hegemom do Sistema Internacional, que pavimentaram a criação da indústria de microprocessadores e impulsionaram empresas como a Intel²¹.

A autora também ressalta que o papel do Estado não se limita a eliminar riscos e incentivos pontuais para as empresas de setores estratégicos. O Estado é responsável também muitas vezes pela criação do próprio mercado consumidor dessas inovações como uma garantia para as produções. Dessa forma o Estado se empenha em fomentar em seu setor público e privado a produção científica que pode transformar e melhorar seu aparato bélico. Dentre os setores beneficiados ou até mesmo criados por essas decisões estratégicas estão de produção em massa, automotivo, aviação, espacial, telecomunicações e nuclear.

A ideia deste subcapítulo não se confere em tecer um longo e complexo debate sobre o processo de transformação da ciência em tecnologia utilizável pelo setor militar e civil. O que o subcapítulo se propõe e almeja alcançar é demonstrar, ainda que de forma simplificada, a existência de uma relação causal entre a preparação constante para a guerra feita pelos Estados no Sistema Interestatal Capitalista e a inovação tecnológica em diversos setores. Isso não significa que a inovação tecnológica venha unicamente desse processo belicista. Porém, cabe aqui destacar que ele existe e é na relação direta entre os poderes nacionais e o capital durante a preparação para a guerra que se dá importante parte dos investimentos na área de ciência e tecnologia. Inegavelmente, esses investimentos resultam nos impulsos tecnológicos que transformam a História como fica evidente no caso da Primeira Guerra Mundial.

1.3 O fim da era dos Impérios e a Geopolítica da guerra.

"'As luzes se apagam em toda a Europa' Edward Grey, secretário das Relações Exteriores da Grã-Bretanha" (HOBSBAWM, 2012, p.30.).

A frase expressada pelo secretário das Relações Exteriores da Grã-Bretanha dá o tom da dimensão da Primeira Guerra Mundial para os europeus e, conseqüentemente, para o ordenamento do Sistema Internacional do início do século XX. A Grande Guerra

²⁰ Segundo dados oficiais de diversos países, compilados pelo jornal El País, o Departamento de Defesa americano detém o maior orçamento militar do mundo. Em 2018 seus gastos orçados alcançaram a marca de 648,8 bilhões de dólares, o que representa um número pelo menos duas vezes maior do que o segundo maior orçamento, o do departamento de defesa chinês, que teve um orçamento equivalente à 250 bilhões de dólares. Fonte: <https://elpais.com/internacional/2019/04/28/actualidad/1556487884_515159.html>.

²¹ DEUS DEU, 2019.

vitimou milhões entre civis e militares nas frentes Ocidental e Oriental, assim como nas batalhas em outras regiões. Somado às perdas humanas também houve crises político-econômicas que assolaram desde os Estados do centro da Europa até o Japão (HOBSBAWM, 2012, p.36-37). Nenhum país participante da guerra sobreviveu incólume ao conflito e mesmo as potências europeias vencedoras tiveram seus poderes e forças extremamente abalados. A nível político, A Grande Guerra seria transformadora. Suas bombas causaram o primeiro abalo a uma Ordem Internacional que não sobreviveria às conturbadas décadas seguintes.

A Primeira Guerra Mundial contou com a participação de todas as grandes potências do Sistema Internacional do início do século XX. Apesar disso, o estopim do conflito foi o assassinato do herdeiro ao trono do Império Austro-Húngaro, Francisco Ferdinando, por um estudante sérvio-bósnio em Sarajevo em julho de 1914. Por que então um conflito que a priori envolvia apenas uma grande potência evoluiu tão rapidamente para logo se tornar uma guerra europeia e, não muito depois, a Primeira Guerra Mundial na História? A resposta dessa pergunta dialoga diretamente com a tese do Poder Global, as disputas de hegemonia (entre o fim do século XIX e início do XX), e as questões geopolíticas e interesses geoestratégicos dos grandes impérios envolvidos na guerra.

Conforme diz o historiador Eric Hobsbawm em seu livro "A era dos Impérios", a partir da segunda metade do século XIX a Europa foi lentamente se dividindo em dois blocos de grandes nações (HOBSBAWM, 1988, p.272). Esse processo deriva da unificação do Estado alemão que posteriormente se transformaria no Império Alemão. O primeiro passo para essa divisão europeia foi a Guerra Franco-Prussiana de 1871 (HOBSBAWM, 1988, p. 273). A guerra que unificou a Alemanha automaticamente colocara a França como seu Estado inimigo e competidor nas disputas territoriais europeias (Alsácia-Lorena) e posteriormente esse entrevero seria realçado pelas disputas nos territórios ultramarinos (Marrocos).

A Alemanha era um novo Estado muito fortalecido por uma indústria e comércio que se desenvolviam a pleno vapor e tinha ambições de contestar o ordenamento mundial em vigor, como simboliza a frase nacionalista alemã famosa na época: *Heute Deutschland, morgen die ganze Welt* (tradução: hoje a Alemanha, amanhã o mundo inteiro)²². Porém o maior obstáculo ao sonho de tornar-se a potência hegemônica mundial

²² HOBSBAWM, 1988, p. 278.

era a falta de colônias que possibilitassem políticas imperialistas em uma competição com Estados-Impérios europeus que haviam conquistado possessões ultramarinas por todo o planeta.

Em sua perspectiva sobre o Poder Global, José Luis Fiori mostra que os Estados europeus já haviam nascido como cabeças de grandes impérios. A pressão competitiva entre os novos estados europeus realçou suas necessidades de preparação constante para a guerra. Com pouco território disponível na Europa e guerras cada vez maiores, esses poderes precisavam aumentar seus territórios econômicos e sua capacidade de tributação e seu espaço econômico. Essas necessidades se traduziram em verdadeiras políticas expansionistas no além-mar que tiveram como resultado final a expansão do Sistema Interestatal Capitalista para fora da Europa. Como cita Fiori, a formação do sistema político mundial foi resultado de uma verdadeira busca por poder e compulsão imperial dos estados nacionais.

Esse processo de expansão teve início no século XV com as Grandes Navegações. Na segunda metade do século XIX, a maioria dos espaços geográficos habitáveis no mundo estava sob a influência de algum Estado-Império europeu, à exceção de Estados Unidos e Japão que estavam em transcurso para se tornarem potências no sistema. Então, a recém-unificada Alemanha enfrentava dificuldades em conquistar novos espaços econômicos para manter seus projetos ambiciosos e sua saída era a disputa (política ou bélica) por possessões em territórios já tutelados por outros impérios. Por contar com a política diplomática de destaque feita pelo chanceler Otto von Bismark, conhecida como *Realpolitik*, durante anos a Alemanha conseguiu alinhar uma política expansionista com boas relações com a maioria dos impérios europeus.

Foi a diplomacia de Bismark que aproximou, ainda em 1866, a Alemanha de um Império Austro-Húngaro cada vez mais fragilizado pelas disputas étnicas em seu vasto território. A aliança entre os dois Estados foi um cálculo benéfico a ambos, dado que, aos poucos, a Alemanha tornara-se fundamental para a manutenção do multinacional império Habsburgo. Por outro lado, a manutenção do império era importante para a manutenção do equilíbrio do sistema de Estados europeu em um período onde a Alemanha ainda não tinha capacidade para se impor como potência hegemônica (HOBSBAWM, 1988, p.273). Essa aliança primordial entre alemães e Habsburgos viria a se tornar, em 1822, a Tríplice Aliança com a participação da também recém-unificada Itália que, assim como a

Alemanha, contestava a divisão colonial feita pelos Estados Europeus. Assim, pautado pelo imperialismo e disputas no sistema, se formou o primeiro bloco fundamental para a História da Primeira Guerra Mundial.

Por outro lado, O Império Austro-Húngaro se encontrava nesse período em oposição ao Império Russo, principalmente após a conquista da Bósnia-Herzegovina em 1878 (HOBSBAWM, 1988, p.273). A parte oriental da Europa estava sob disputa entre os dois impérios e a tensão era grande o suficiente para que, com a criação da Tríplice Aliança, o Império Russo firmasse um acordo militar com uma França ainda ressentida pela perda da Alsácia-Lorena. Porém, apesar dos blocos estarem se desenhando, Hobsbawm considera que a guerra não era inevitável. As tensões desenhadas eram demasiadamente regionalizadas e o cálculo político mostrava que não valiam uma precipitação bélica. As questões que rivalizavam França e Alemanha não eram um assunto considerado primordial para o Império Habsburgo, enquanto que a questão da influência russa nos Bálcãs não era incontornável para o chanceler Bismark. Além disso, o *kaiser* Guilherme II ainda buscava a manutenção de um relacionamento cordial com seu primo, o *czar* Nicolau II da Rússia.

Para Hobsbawm, três problemas, completamente embebidos da tônica da disputa hegemônica, foram fundamentais para transformar esse sistema de alianças em uma bomba-relógio: a lógica de planejamento militar conjunto feito pelas alianças, as tensões crescentes no ordenamento mundial dadas as novas ambições entre as nações e, principalmente, a entrada do hegemom do sistema, a Grã-Bretanha, no bloco de países que formaria a Tríplice Entente (HOBSBAWM, 1988, p.273).

A Grã-Bretanha tinha uma longa história de rivalidades e disputas geopolíticas com a França e o Império Russo. Com o Império Alemão, até a virada do século a Grã-Bretanha não tinha históricos de rivalidades. Por isso, a formação de alianças militares bilaterais com França e Rússia foi, do ponto de vista puramente histórico, surpreendente. Porém, se as perspectivas geopolíticas e do Poder Global forem aplicadas para analisar as últimas décadas antes do estopim da Primeira Guerra Mundial, percebe-se a construção lenta das condições que levaram à formação de uma rivalidade anglo-germânica que foi fundamental para a construção da Tríplice Entente.

A Geopolítica é, segundo a interpretação de Leonel Mello sobre Zbigniew Brzezinski, a combinação de fatores geográficos e políticos que determinam a condição

de poder de um Estado ou região frente a outros (MELLO, 1999, p.11). Para Brzezinski, além da geopolítica está a estratégia que é a aplicação ampla e planejada de medidas em busca de objetivos políticos ou recursos vitais de importância militar (MELLO, 1999, p.11). Essa visão de Geopolítica e estratégia de alguma forma se assemelha aos debates sobre o conceito de Geografia Política e Geopolítica.

Segundo a geógrafa brasileira Iná Castro (CASTRO, 2005), a Geografia Política como um ramo da Geografia moderna foi formalmente formulada por Friedrich Ratzel na sua obra "*Politische Geographie*" de 1897, uma reflexão evidente no trecho abaixo:

"Embora pouco ressaltada, a expressão geografia política foi usada pela primeira vez em 1750 pelo filósofo francês Turgot em seu projeto de uma Teoria de Geografia Política, redigido enquanto era estudante (...). Sua preocupação era demonstrar que o governo começa no estudo dos fatores geográficos da política, o que antecede à sua participação política e sobretudo à ação. Porém, a concepção moderna da geografia política, como terminologia e área de conhecimento consolidada nas ciências sociais, data do final do século XIX, com a institucionalização da geografia e o reconhecimento da geografia política como uma subdisciplina formal na Alemanha, a partir dos trabalhos de Friedrich Ratzel". (CASTRO, 2005, p.19)

A Geografia Política nasceu como o campo do conhecimento que analisa a correlação entre o território e a política, dois componentes fundamentais no processo histórico de formação das sociedades. De acordo com Castro, a geografia política analisa como os fenômenos políticos se territorializam e perpassam espaços significativos das relações sociais (CASTRO, 2005, p.53). Em seu cerne, a Geografia Política nasce voltada para a reflexão teórico-acadêmica sem necessariamente estar vinculada a projetos do Estado, apesar de os trabalhos de Ratzel terem uma clara ideologia nacionalista compatível com os interesses do Estado alemão.

Enquanto isso, em 1905 o jurista sueco Rudolf Kjellén cunhou o termo Geopolítica em seu artigo "As Grandes Potências" como um novo saber com proposições novas. Apesar de o termo ter inspirações no conceito ratzeliano de geografia política, o autor concebia a geopolítica como um ramo autônomo da Ciência Política enquanto definia a Geografia Política como um sub-ramo da Geografia (COSTA, 1992, p. 56). Para Kjellén, a Geopolítica seria o campo que utilizaria a análise da geografia dos territórios para a formulação de estratégias e teorias voltadas para a obtenção de poder para os Estados. Alinhado a essa percepção, Wanderlei de Messias da Costa ainda declara que

Kjellén dirigia a nova ciência para as grandes potências, os impérios centrais da Europa, em especial a Alemanha (COSTA, 1992, p.56).

"Nesse contexto, inúmeros pensadores se engajaram na tarefa, apelidada de geopolítica por Kjellén, de compreender o equilíbrio de forças no espaço mundial e as condições pela qual um determinado Estado pode se tornar uma grande potência. Na visão desses pensadores, de forma inclusive coerente com a sua época, o fundamental era a quantidade de recursos – mercados, povos (mão-de-obra, soldados), solos agriculturáveis, minérios, espaço geográfico enfim. Daí as geopolíticas clássicas terem sido em geral explicações a respeito da importância estratégica de determinados territórios, da necessidade de expansão territorial – ou controle de espaços (rotas marítimas ou áreas geoestratégicas) – como forma de fortalecimento do Estado e de adquirir hegemonia." (VESENTINI, 2005, p.16).

Em geral, apesar do conhecimento da Geografia sempre ter sido utilizado política e estrategicamente pelos poderes ao longo da História, apenas entre o fim do século XIX e início do XX, a Geopolítica foi se formando e fortalecendo enquanto uma disciplina de conhecimento integrado. Como visto, esse campo teve diversos colaboradores e influências, alguns que influenciaram notadamente as políticas e estratégias das grandes potências como os próprios Friedrich Ratzel, Rudolf Kjellén, Alfred Mahan, entre outros. Dentre esses, é preciso destacar Sir Halford J. Mackinder com seu trabalho "*O pivô geográfico da História*" de 1904 (MACKINDER, 1904).

Para além da formulação da tese sobre o poder terrestre, Halford Mackinder inovou ao se propor a realizar uma abordagem da história mundial a partir das causalidades geográficas existentes (MELLO, 1999, p.32). Como diz Leonel Mello em seu livro "*Quem tem medo da Geopolítica?*", Mackinder acreditava que as coerções e desafios impostos pela causalidade geográfica influenciavam decisivamente a história dos povos, modelando seu caráter nacional e desenvolvendo neles vocações marítimas ou continentais (MELLO, 1999, p.35).

No caso da Grã-Bretanha, a sua insularidade após a sua expulsão do continente europeu atuaria, como Mackinder acena, de forma a desenvolver nos ingleses uma vocação predominantemente marítima. Essa vocação de fato existiu e durante muito tempo após o início dos projetos coloniais/expansionistas o Império Britânico foi a única das grandes potências com objetivos políticos realmente mundiais (HOBSBAWM, 1988, p. 275).

O imperialismo além-mar solidificou a Inglaterra como o hegemom do Sistema Internacional e para proteger essa posição, uma das diretrizes do Império Britânico era a manutenção da sua armada naval, sempre muito superior a qualquer força continental da Europa. Os interesses britânicos dependiam tão profundamente de suas rotas marítimas que, à exceção da Índia, haviam deixado as posições mais continentais para os exércitos de Estados predominantemente terrestres (HOBSBAWM, 1988, p. 278). Porém, na virada do século XX, tanto a superioridade da armada naval britânica quanto sua posição hegemônica começaram a ser questionadas e desafiadas.

A Alemanha da última década do século XIX tinha interesses em ter um crescimento ilimitado tanto em seu poder político quanto econômico. Essa ambição era resultado de uma série de reflexões feitas por pensadores na Alemanha neste período. Desses, Friedrich Ratzel foi um dos mais influentes ao cunhar a ideia de espaço vital, o *lebensraum*. Ratzel acreditava que o Estado que almejasse viver sem ameaças à sua integridade deveria sempre possuir uma grande extensão territorial. Caso não conquistasse o espaço considerado vital para sua sobrevivência, o Estado estaria quase condenado à desintegração. Essa ideia construiu parte do sentimento de necessidade de expansão alemão tanto dentro da Europa como em termos de possessões ultramarinas (HOBSBAWM, 1988).

Somada a essa ambição alemã por conquistas territoriais havia a preocupação com os imperativos geográficos de uma Alemanha em crescimento. No período logo após a unificação, a Alemanha se via com poucas saídas para o oceano. Ela, naquele momento, era suscetível a bloqueios marítimos que colocariam em risco seu desenvolvimento, já que os mares eram as vias comerciais mais utilizadas no mundo e o caminho para a conquista de novas possessões. De certa forma, as reflexões geopolíticas indicavam para o Estado alemão que para tornar-se um poder global, com seu espaço vital conquistado, este precisava ter uma marinha global que possibilitasse a conquista de posições ultramarinas e garantisse a manutenção das vias comerciais marítimas alemães. Assim, a Alemanha se lançou em um projeto de construção de uma esquadra naval de guerra que ultrapasse em poder a marinha britânica.

A Grã-Bretanha entendeu esse projeto como um aviso de competição e conflito, ainda que os estadistas dos dois lados não planejassem propriamente iniciar uma guerra. Ela não poderia colocar em risco o controle sobre suas rotas marítimas consideradas vitais

e desejava imensamente manter o *status quo* que era questionado constantemente pela Alemanha.

Foi a partir dessa leitura da situação somada a conjunturas específicas²³ que a Grã-Bretanha se aproximou definitivamente de inimigos históricos como a França e a Rússia. No período da formalização da Tríplice Entente (1907) ainda houve dois incidentes internacionais que aumentaram as tensões entre os blocos, sendo eles uma disputa colonial entre França e Alemanha no Marrocos (1905) e a anexação da Bósnia-Herzegovina pela Áustria que criou uma crise quase bélica entre o império e a Rússia. Por fim, ainda houve a Crise de Agadir em 1911 que foi a terceira dessa série de tensões que quase geraram o estopim de um conflito. A essa altura, com as amarras criadas pelos blocos militares e pelas ambições distintas das nações, qualquer tensão era um perigo de guerra e inevitavelmente os impérios já se preparavam para um conflito (HOBBSAWM, 1988, p. 280).

Apesar das chances de que a guerra acontecesse a partir de um embate direto, a crise final que gerou a Grande Guerra de fato só ocorreu em 1914 pelas mãos de Gravilo Princip, o estudante nacionalista sérvio-bósnio que assassinou o herdeiro do Império Austro-Húngaro e sua esposa. Dentre os impérios, a Áustria-Hungria era um dos que mais enfrentava problemas, tanto administrativos quanto étnicos. Ela chegara ao novo século recorrendo quase sempre à violência militar para conter os projetos separatistas e os movimentos nacionalistas em seu território.

Então, a decisão natural do imperador Francisco José ao assassinato do herdeiro ao trono por um estudante anarquista sérvio-bósnio foi a do recurso às armas contra a Sérvia. Para isso, contou com o apoio alemão porque já esperava uma resposta russa em apoio aos sérvios. Os alemães, por sua vez, declararam guerra prontamente aos países da Tríplice Entente que logo empunharam suas armas. A partir disso, a roda da História já girava inexoravelmente e em um período de menos de dois meses uma relativa paz de quase cem anos na Europa cedia lugar à uma guerra total que transformaria o mundo.

²³ Eric Hobsbawm (1988) cita que a derrota russa na Guerra Sino-Russa e a consequente Revolução Russa de 1905 foram fatores importantes para a Inglaterra decidir se aproximar da Rússia. Primeiro porque a partir delas os britânicos passaram a não considerar mais a Rússia uma ameaça à sua posição no Sistema Internacional e segundo porque a derrota do Império Russo destruiu o equilíbrio no continente europeu demonstrando a todos que a Alemanha era a nova força militar terrestre dominante na Europa.

Seja pela visão história de Eric Hobsbawm ou a partir da Geopolítica, são consistentes os indícios que apontam a Primeira Guerra Mundial como o início de uma disputa pela hegemonia do Sistema Interestatal Capitalista e uma tentativa de reordenamento do sistema. A partir de uma metodologia que privilegia as perspectivas geopolíticas e históricas, a teoria do Poder Global é um olhar privilegiado que permite que seja possível observar e analisar como os Estados-economias caminharam, no início do século XX, em direção a uma guerra que transformaria os rumos não apenas do Sistema Internacional como da História.

Além disso, cabe destacar que foi a partir do momento no qual se definiram as alianças militares que os Estados passaram a atuar de maneira a intensificar as suas preparações para a guerra. É nesse ponto em que poderes passaram a investir estrategicamente para desenvolver suas forças militares, seja por meio de empresas públicas ou privadas, que surgiram o que chamamos anteriormente de avanços tecnológicos. Entre esses avanços estiveram o desenvolvimento do motor à explosão e, principalmente, do petróleo como um combustível compatível com esses novos motores. A utilização do petróleo como fonte energética militar durante a Primeira Guerra Mundial seria o primeiro passo na direção de uma transição energética mundial que transformaria a história das regiões ricas no recurso natural.

Capítulo 2: O impulso ao ouro negro como uma transformação sistêmica da Grande Guerra

2.1 O Petróleo e sua indústria no século XIX

Segundo a teoria mais aceita acerca da origem do petróleo, o óleo teria se formado a partir da decomposição de materiais orgânicos causada por pouca oxigenação e pela ação de bactérias. Acumulados no fundo de lagos e mares durante milhões de anos, esses materiais teriam sofrido constante pressão do peso dos sedimentos acima deles. Essa pressão teria levado tanto à sua compactação quanto ao seu aquecimento que, a determinadas temperaturas, teria dado surgimento ao petróleo (BRANCO, 2014). No entanto, de forma mais simplificada o petróleo é considerado uma combinação de hidrocarbonetos que pode conter quantidades de oxigênio, nitrogênio, enxofre e outros elementos.

A idade das reservas do petróleo que se formaram ao longo do tempo é extremamente variável. O que se sabe é que os campos mais jovens costumam ter ao menos 10 milhões de anos (NEIVA, 1993apudRODRIGUES, 2012, p.19) enquanto os mais antigos podem chegar aos 400 milhões de anos. Então, a história do petróleo é de uma escala não tão grandiosa quanto à vida multicelular na Terra²⁴, porém absolutamente maior do que a vida do ser humano, o homo sapiens, que data mais ou menos de 350 mil anos. Porém é apenas nos últimos 150 anos, quando o petróleo passa a ser refinado e industrializado que pode-se dizer que a história do petróleo na Terra muda drasticamente.

A história do petróleo e a história do homem em sociedade se cruzam muito antes do início da indústria petrolífera. Sob diferentes nomes o petróleo, ou muitas vezes seus derivados, apareceu em peças históricas de diversas sociedades ancestrais. Dentre esses relatos, se destaca a substância semissólida chamada betume que vazava pelas pedras desde a Antiguidade, cerca de três mil anos antes de Cristo na Mesopotâmia. Uma referência importante ao derivado do petróleo está contida na Bíblia, onde Deus diz à Noé: "betumerás com betume sua arca, tanto por dentro como por fora" (livro de Gênesis, capítulo 6, versículo 14) e nela é possível perceber que o betume era utilizado na fabricação de embarcações por torná-las impermeáveis. Ainda sobre o betume, no século I já havia menções sobre uma "indústria" da substância lodosa que era usada

²⁴ É um consenso científico que a vida multicelular na Terra remonta 3 bilhões de anos.

principalmente para contenção de vazamentos de reservatórios de água e para pavimentação de estradas na região.

O petróleo e seus derivados também tinham outras utilidades, sendo empregados muitas vezes como argamassa em construções milenares (ex.: as muralhas de Jericó e os Jardins Suspensos da Babilônia); na cremação de mortos (CARDOSO, 2008) e como um tipo de remédio para distintos males em lugares da Europa na Idade Média (YERGIN, 1993, p.8). Como iluminação, o petróleo também foi utilizado, embora de modo extremamente rudimentar e limitado, no Oriente Médio; na China, porém, desde o século V já existiam perfurações profundas de poços (YERGIN, 1993, p.10) que extraíam óleo da terra para ou utilizá-lo como iluminação ou queimá-lo para produzir sal.

O misticismo e a religiosidade também se mostraram pontos de convergência onde a história do petróleo se entrelaçou com a do ser humano em sociedade. Para o Zoroastrismo, a primeira religião monoteísta da qual se tem conhecimento, o fogo era um dos elementos sagrados. O Zoroastrismo foi uma religião que nasceu na Ásia oriental e tornou-se forte em partes do que hoje é o Afeganistão e também no Azerbaijão, regiões onde era comum haver vazamentos de petróleo e gases. Os templos de adoração e celebração da religião se chamavam "Templos de Fogo", e continham em seu centro uma espécie de câmara, com altar de "fogo sagrado", que era facilmente mantido pela combinação dos vazamentos do petróleo com os inflamáveis gases que escapavam das fendas de calcário na região.

Entre as outras utilidades descobertas do petróleo, a sua capacidade inflamável e da preservação das suas chamas durante longos períodos de tempo fez com que o óleo negro vazado das rochas passasse a ser convertido em chamas incessantes. Por sua vez, elas tiveram papéis de destaque em guerras famosas como a Guerra de Tróia retratada na *Ilíada* de Homero e na invasão de Ciro II à Babilônia²⁵. Séculos mais tarde seu uso bélico permaneceu em alta com o uso de misturas de petróleo e cal por bizantinos no século VII e assim continuou até o século XXI com diversas variações do seu uso ao longo do tempo.

Essas são, possivelmente, apenas algumas das utilizações do petróleo registradas ao longo da história mais antiga do ser humano. Porém, quase todos os conhecimentos dessas aplicações milenares do mineral se perderam para o ocidente, a Europa ocidental,

²⁵ YERGIN, 1993, p.8.

ao longo do tempo. Essa perda, que só se reverteu no século XIX, pode ter sido ocasionada pelo fato de que as principais fontes de conhecimento sobre o petróleo e seus derivados ficaram além das fronteiras do Império Romano, a grande base da cultura ocidental europeia.

Fora dos limites do "mundo ocidental", na região da Pérsia, o conhecimento de petróleo se preservou em alguma medida. Em 1594 foram escavados os primeiros poços de petróleo rudimentares da Pérsia, na região de Baku²⁶, e nos séculos seguintes eles se espalharam por diversos outros locais da Mesopotâmia (PAPAVINASAM, 2014, p.13). No início do século XIX, em cidades como Grozny, no Cáucaso, já havia inclusive extração de petróleo bruto e refino do óleo (DOROGOCHINSKII, 1993, p.602). Foram nessas áreas onde o conhecimento e a tecnologia de refinação foram aprimorados e, de forma quase que excepcional, exportados para lugares da Europa como a Galícia e a Romênia já no século XIX. Nas duas regiões, camponeses passaram a perfurar o solo manualmente para extração de petróleo que posteriormente seria refinado, transformado em querosene e vendido em praças de comércio como Viena (YERGIN, 1993, p.9).

É apenas no século XIX onde a relação extremamente harmônica entre homem e natureza, com destaque aqui para a extração e uso rudimentar de petróleo, começa a dar indícios de que se modificaria. Com a revolução industrial a plenos pulmões no coração da Europa ocidental, se espalhando para outros locais e levando consigo uma explosão populacional e transformação econômica, surgiu uma necessidade cada vez mais premente por iluminação artificial mais eficiente e mais barata do que as mais comuns à época (YERGIN, 1993, p.7). Nesse contexto, a procura por um produto que pudesse suprir essas novas necessidades das novas sociedades industrializadas escalou rapidamente e o óleo de pedra passou a ser alvo da atenção de investidores em diversas regiões do planeta, com destaque para a América do Norte e o Cáucaso.

O petróleo também era, de fato, um velho conhecido dos americanos desde a Era Pré-Colombiana. No século XVIII os primeiros povos canadenses já utilizavam o óleo extraído das areias betuminosas para diversos fins e nos Estados Unidos o petróleo chegou a ser batizado de "óleo de sêneca" em homenagem aos americanos indígenas do local que teriam revelado aos homens brancos os poderes do óleo (YERGIN, 1993, p. 4). Na recém-

²⁶ O controle da região de Baku esteve em disputa durante séculos por persas e russos. Apenas após a Guerra Russo-Persa (1804-1813) que a área passa a ser definitivamente controlada pelo Império Russo.

formada república americana, o petróleo era um resíduo que borbulhava em mananciais ou era produzido não intencionalmente em poços e minas de sal na Pensilvânia. Uma de suas características mais conhecidas era a sua capacidade inflamável e, na metade do século XIX, ela gerou um frisson em um seleto grupo de investidores americanos que começaram juntos a pensar em um ambicioso projeto.

O projeto dos empresários envolvia importantes pressuposições²⁷ sobre as propriedades do óleo. A primeira delas dizia respeito a capacidade de processamento do petróleo em um líquido a ser utilizado como fonte de iluminação, e a segunda era referente a possibilidade de utilização do petróleo ou de seus possíveis derivados como um óleo lubrificante de peças industriais (YERGIN, 1993, p. 3-4). A partir dessas suposições, os líderes do pequeno grupo de investidores, George Bissell e James Townsend, ainda contavam com a possibilidade de que o petróleo e seus derivados pudessem ser produzidos em grandes quantidades e a preços competitivos que viabilizassem exportações; o objetivo delas seria suprir a necessidade crescente das populações industrializadas que sofriam com a escassez de iluminação artificial. Porém, naquele momento não havia provas concretas que evidenciassem que suas conjecturas sobre o petróleo eram factíveis (YERGIN, 1993, p. 4-7).

O que os investidores precisavam era de provas científicas das propriedades do petróleo. Assim, em 1854 o professor de química da Universidade de Yale, Benjamin Silliman Jr., foi contratado para um projeto de estudo sobre as propriedades do petróleo (YERGIN, 1993, p.5). O relatório saiu em abril de 1855 e confirmava as pressuposições feitas: o óleo poderia ser refinado de muitas formas, resultando em diversos subprodutos que poderiam ser utilizados como iluminante de alta qualidade, assim como lubrificante de peças industriais. A partir do relatório, foi fácil achar mais investidores interessados no projeto e assim foi criada a Pennsylvania Rock Oil Company, a primeira empresa de petróleo nos Estados Unidos (YERGIN, 1993, p. 6).

A Pennsylvania Rock Oil Company utilizou conhecimentos sobre perfuração de poços adquiridos da observação da técnica na China e com algum custo conseguiu realizar sua primeira perfuração de poço de petróleo bem sucedida em 1859 (YERGIN, 1993, p. 12). Aos poucos a notícia da extração de petróleo e suas propriedades se espalharam e

²⁷ É possível que na década de 1850 os investidores já tivessem conhecimento de que em outras regiões do globo o petróleo já era utilizado como fonte de iluminação e que já existia algum nível de refino de petróleo para transformá-lo em produtos como querosene, por exemplo.

geraram um frenesi na região da Pensilvânia tanto na área de perfuração quanto na indústria de refino de petróleo (YERGIN, 1993, p. 12-147). Neste momento, considerado por muitos o período dos heróis pioneiros do petróleo, o que se viu foi o exercício mais próximo da ideia de livre concorrência no ramo recém-criado.

A produção, impulsionada por milhares de aventureiros no ramo, cresceu de 450 mil barris em 1860 para três milhões em 1862 e a Guerra de Secessão americana também teve um relevante papel na difusão e crescimento da extração, uso e exportação do óleo (YERGIN, 1993, p.15). O querosene foi a alternativa encontrada para suprir a escassez de óleos iluminantes baratos para o Norte que sofria com a barreira imposta pelo Sul ao envio de canfeno para a região. Além disso, o petróleo passou a ser uma alternativa de ganhos para o Norte e suas exportações a Europa rapidamente escalonaram.

Após a guerra, a corrida do petróleo continuou nos Estados Unidos. Linhas férreas foram criadas para escoar o óleo para outros lugares e próximo a essas linhas foram criadas refinarias que se multiplicariam até a casa dos 16 mil até o fim do século. Uma delas, em Cleveland, se chamava Standard Oil e pertencia a John. D. Rockefeller e já na década de 1870 se tornaria uma das primeiras e maiores empresas multinacionais do mundo já sob a alcunha de Standard Oil Company (YERGIN, 1993, p. 20-22).

Até o início do século XX, a empresa liderou investimentos na melhoria da qualidade do refino e na integração de todo o sistema, desde a perfuração até a venda dos produtos, e atuou de forma implacável contra concorrentes. A companhia sobreviveu ao esgotamento de vários poços com inteligência se ramificando pelos Estados Unidos e no fim de 1880 formou o primeiro grande truste de petróleo controlando mais de 80% das refinarias e um quarto do total de petróleo bruto americano (YERGIN, 1993, p.39).

Paralelamente, em outras regiões e locais do planeta como Cáucaso, Pérsia, Sumatra e Burma, já havia vazamentos ou extração rudimentar de petróleo no início do século XIX (YERGIN, 1993, p. 61). Em outras áreas como o Canadá, a produção começou quase que paralelamente a dos Estados Unidos. Em todos esses lugares houve um grande crescimento da extração de petróleo a partir da segunda metade do século XIX. Na região de Baku, tão logo a tecnologia de extração foi implementada, ainda em meados das décadas de 1860 e 1870, as produções cresceram e antes de 1900 já atingiam a escala dos milhões de barris de petróleo extraídos (YERGIN, 1993, p. 46-7). Em locais das Índias Orientais Holandesas, como Sumatra, houve contratempos que fizeram com que

apenas nos últimos quinze anos do século houvesse extração produtiva para a indústria do petróleo. Porém, apesar do aparente atraso, entre 1895 e 1897 a produção quintuplicou e a empresa que atuava na região, a recém-criada Royal Dutch, finalmente viu o negócio se tornar lucrativo (YERGIN, 1993, p. 62-63).

A Royal Dutch na verdade havia nascido anos antes sob o nome de *Crown Oil* após Aeilko Jans Zijlker, o administrador da Companhia de Tabaco de Sumatra Oriental, perceber a compatibilidade entre o óleo das terras litorâneas de Sumatra e o querosene e decidir investir na extração na área. O primeiro poço foi construído com tecnologia ultrapassada e demorou cerca de cinco anos para ser concluído, mas gerou enorme expectativa por parte de investidores na Holanda. Assim, a Crown Oil se tornou Royal Dutch em 1890 a partir dos investimentos do ex-diretor do banco central das Índias Orientais e do ex-governador geral holandês. Porém, sobretudo, recebeu o melhor auspício ao obter a permissão do uso da alcunha "*Royal*" do próprio rei Guilherme III.

A operação da Royal Dutch se mostrou lenta, marcada por percalços. Em 1892 um grande oleoduto construído que passou a ligar as florestas de Sumatra à refinaria do rio Balaban foi o passo central para a melhoria logística que tiraria a empresa dos prejuízos constantes. A partir disso, as operações cresceram vertiginosamente ao ponto de Sumatra tornar-se a 3ª maior província produtora do mundo (YERGIN, 1993, p. 61).

A Royal Dutch e a Standard Oil foram duas das empresas que abriram caminho para o florescimento da indústria do petróleo mundial e ao longo do século XX se manteriam, mesmo após eventuais desmembramentos, no topo de um ramo tão instável quanto o do petróleo. Porém elas não estiveram sozinhas no topo desse mercado. Junto com elas existiram também outras empresas tão relevantes para a consolidação do setor petrolífero no mundo. Essas empresas seriam controladas por duas famílias europeias e iriam comandar o início de uma competição feroz pelos mercados de petróleo. Elas foram criadas e operaram desde a segunda maior região produtora de petróleo do mundo: o Cáucaso.

2.2 O Cáucaso: o oásis do petróleo

"If oil is - Queen, then Baku is her Throne." Winston Churchill²⁸

²⁸ MIRBABAYEV, 2018, p.6

Das grandes áreas petrolíferas, o Cáucaso se destaca não apenas por ser tema desta pesquisa como também pela sua posição de vanguarda em relação à história da indústria do petróleo. Em Baku, cidade considerada o centro histórico do petróleo russo, já havia perfurações rudimentares no início do século XIX e a extração do óleo não despertou interesse do Império Russo²⁹ até 1820. A partir desse ano, o governo do czar decidiu realizar contratos de direitos de extração e venda do petróleo em troca de pagamentos anuais ao império (KANO & KELLY, 1977, p. 309). Esse sistema funcionou até 1834 quando as autoridades do governo passaram a assumir as operações na região. Formando assim um monopólio formal da produção e venda do petróleo que durou até 1849, ano em que, novamente, o governo passou a conceder direitos de exploração e venda por meio de licitações para cessão de terras para exploração de curto prazo (em geral quatro anos).

Durante esse período de monopólio formal, especificamente em 1846, foi realizada a primeira perfuração moderna, não manual, de um poço de petróleo no Cáucaso russo em Bibi-Heybat, uma área próxima a Baku. O poço é considerado a primeira extração moderna de petróleo do mundo, antecedendo em 13 anos o primeiro poço americano na Pensilvânia (MIRBABAYEV, 2018, p.177). O poço de Bibi-Heybat foi o primeiro de uma série de outros poços perfurados na região rica no óleo de pedra. Porém, durante todos esses primeiros anos de exploração, os poços e a indústria de petróleo nascente da região da península de Aspheron, onde fica Baku, continuaram pouco desenvolvidos. Diversos motivos podem ser apontados para esse não investimento; sob o olhar histórico, o Cáucaso foi uma região disputada por 3 impérios diferentes no século XIX e uma hipótese a ser levantada é que as muitas guerras na região afetaram e impediram maiores investimentos na indústria nascente.

As primeiras décadas de produção de petróleo da região foram de resultados pouco expressivos. É apenas em 1873 que a indústria petrolífera russa decola, resultado em parte decorrente da modificação que o Estado russo faz na forma de exploração dos poços pertencentes ao seu território. A abertura de leilões para concessões de longo prazo de terras petrolíferas em troca de montantes fixos e baixos aluguéis anuais (KANO &

²⁹ A região na qual a cidade de Baku está situada foi cedida pela Pérsia ao Império Russo em 1813 por meio do Tratado de Gulistan.

KELLY, 1977, p. 310) permitiu que a produção russa, conduzida pela exploração no Cáucaso, crescesse exponencialmente como fica claro nas tabelas³⁰³¹ abaixo:

Tabela 1³²: Produção de petróleo cru entre 1818 e 1849 (em milhares de poods).

TABLE 1

NEW SERIES ON CRUDE OIL PRODUCTION: 1818-1849
(in thousands of poods)

Year	Production	Year	Production
1818	253	1834	345
1819	252	1835	352
1820	—	1836	353
1821	211	1837	344
1822	211	1838	340
1823	211	1839	358
1824	211	1840	337
1825	216	1841	326
1826	257	1842	329
1827	261	1843	327
1828	261	1844	328
1829	261	1845	327
1830	261	1846	332
1831	261	1847	316
1832	272	1848	287
1833	251	1849	262

Tabela 2³³: Produção de petróleo cru entre 1850 e 1862 (em milhares de poods).

TABLE 2

NEW SERIES ON CRUDE OIL PRODUCTION: 1850-1862
(in thousands of poods)

Year	Production
1850	260
1851	—
1852	—
1853	—
1854	—
1855	217
1856	—
1857	220
1858	—
1859	200
1860	224
1861	200
1862	267

Tabela 3³⁴: Produção de petróleo cru entre 1863 e 1888 (em milhares de poods).

³⁰ As tabelas seguem as medidas oficiais usadas na indústria petrolífera do Império Russo e, portanto, apresentam "poods" como medida de conta. Segundo Kano e Kelly, 1 pood é aproximadamente 16 quilos. É preciso salientar que a unidade de medida internacional utilizada atualmente para medição de petróleo é o barril que equivale a, aproximadamente, 159 litros ou 159 quilos.

³¹ Há de se salientar que as estatísticas de petróleo do período anterior a 1889 são consideradas por diversos autores, inclusive Kano e Kelly, de precisão questionável, servindo mais como estimativas.

³² KANO; KELLY, 1977, p. 312.

³³ KANO; KELLY, 1977, p. 312.

³⁴ KANO; KELLY, 1977, p. 313.

TABLE 3

NEW SERIES ON CRUDE OIL PRODUCTION: 1863-1888
(in thousands of poods)

Year	Production	Year	Production
1863	340	1876	14,100
1864	540	1877	20,100
1865	558	1878	27,100
1866	697	1879	30,100
1867	999	1880	34,100
1868	1,754	1881	47,100
1869	1,685	1882	51,100
1870	1,704	1883	60,100
1871	1,376	1884	89,100
1872	1,536	1885	115,100
1873	3,400	1886	123,300
1874	5,400	1887	156,000
1875	8,600	1888	183,400

Entre 1871 e 1872, quando começaram os preparativos para a mudança no formato do sistema de exploração e venda do petróleo na Rússia, foram perfurados diversos poços e logo no ano da implementação do novo modelo pelo menos 20 pequenas refinarias foram instauradas na região de Baku (YERGIN, 1993, p. 45). Dentre essas refinarias, uma merece um destaque: a pertencente a família Nobel. Em 1873, o suíço Robert Nobel adquiriu com dinheiro do irmão mais novo, Ludwig, uma pequena refinaria em Baku pelo preço de 25 mil rublos. Robert Nobel modernizou e tornou a refinaria eficiente e em 1876 foi enviada a primeira remessa de óleo iluminante para São Petersburgo, a capital russa.

Com o sucesso rápido da empreitada, o irmão mais novo e mais bem sucedido como empresário, Ludwig, foi até Baku e iniciou um projeto de grandes proporções para o negócio dos Nobel. Ludwig analisou todas as fases do negócio do petróleo e usou a ciência, inovação e planejamento como formas de melhorar e expandir seus empreendimentos em Baku. Foram de Ludwig as ideias que para as construções do primeiro navio petroleiro do mundo em 1878, o Zoroastro, e do primeiro oleoduto do Império Russo que ligava o campo de petróleo de Balakhani até a cintura industrial petrolífera do Cáucaso que ficou conhecida como cidade negra³⁵³⁶.

³⁵ A região conhecida como Black City era basicamente um cinturão industrial próximo da cidade de Baku onde estavam situadas as grandes refinarias.

³⁶ O oleoduto que ligou Balakhani até a Cidade Negra foi o primeiro de uma série de oleodutos que seriam construídos na região de Baku no final do século XIX como forma de tentar mitigar uma série de problemas logísticos enfrentados pela indústria petrolífera russa.

A Companhia de Produção de Petróleo Irmãos Nobel, a Branobel, começou a ser notada em todos os setores da cadeia produtiva da indústria do petróleo e ainda mais. Os irmãos construíram sua própria ferrovia, depósitos para estocagem e uma complexa rede de distribuição dos produtos refinados. Esses investimentos dos Nobel fizeram a produção de seu negócio (e conseqüentemente da indústria de petróleo russa) crescer vertiginosamente. A produção de petróleo bruto na Rússia passou de menos de 600 mil barris em 1874 para incríveis 10,8 milhões de barris apenas uma década depois (YERGIN, 1993, p.47) e os irmãos Nobel passaram a deter mais de 50% de todo o querosene produzido no império. No entanto, o cenário do petróleo russo não era apenas de boas notícias para os investidores do ramo e o óleo russo enfrentava dificuldades para despontar como maior produto nacional para mercados internos e externos, apesar da grandeza de sua produção.

A área da região produtora, o Cáucaso, que anteriormente apresentara uma oportunidade de lucro gigantesca por suas riquezas também apresentava grandes questões a serem solucionadas. A sua localização em relação ao resto do Império Russo e, principalmente, a possíveis mercados externos europeus dificultava todos os processos logísticos da cadeia varejista do petróleo. Baku, a maior cidade produtora, estava praticamente isolada do resto do Império Russo tanto pela sua localização quanto pela falta de redes de transportes bem desenvolvidas na Rússia. Além disso, a questão do forte inverno russo não podia ser ignorada já que dificultava e algumas vezes até impedia o transporte do querosene pelo Mar Cáspio (YERGIN, 1993, p.47).

A situação socioeconômica do império também era uma questão relevante para a indústria de petróleo. A verdade era que o uso do querosene, do óleo iluminante, era pouco necessário para a massa populacional humilde que vivia quase que exclusivamente nas zonas rurais e mesmo que o fosse, seria pouco viável financeiramente. Assim, a melhor alternativa para escoar a crescente produção de petróleo do Cáucaso era o mercado externo, em especial o europeu, porém esta opção enfrentava as dificuldades logísticas citadas.

Nessa situação, os investidores do ramo do petróleo decidiram investir privadamente na construção de ferrovias. Além do empreendimento dos Nobel, que já vinham construindo sua própria ferrovia, dois outros produtores (Bunge e Palashkovsky) decidiram investir na construção de outras ferrovias, em especial na extensão da já

existente linha férrea que ligava Poti a Tbilisi (YERGIN, 1993, p.60). A intenção era, a partir dessa linha já existente, construir uma malha ferroviária que ligasse Baku, à beira do Mar Cáspio, a Batumi, um porto no Mar Negro (BAGATURIA & GORSHKOV, 2000, p. 42).

A empreitada em direção a oeste, autorizada pelo governo russo, foi ameaçada com a queda do preço internacional do petróleo e os produtores receberam uma inesperada ajuda estrangeira. Os Rothschild eram uma família francesa com expertise no investimento no ramo férreo que decidiram socorrer os produtores e salvar o projeto da ferrovia Baku-Batumi, com o interesse de obter petróleo bruto russo barato para sua refinaria no Mar Adriático. Com a ferrovia completa em 1883, Batumi se transformou em um dos maiores portos petrolíferos do planeta. Por sua vez, os Rothschild se tornaram a segunda família estrangeira a entrar tão forte no negócio petrolífero no Cáucaso, ao fundar a Companhia de Petróleo do Mar Cáspio e do Mar Negro, ou BNITO nas iniciais traduzidas do cirílico (YERGIN, 1993, p.61).

Os Nobel e os Rothschild lideraram uma série de outros investidores do ramo do petróleo na Rússia no caminho dos grandes investimentos por toda a cadeia produtiva do petróleo. Campos foram abertos, refinarias criadas, oleodutos e ferrovias foram construídos, assim como grandes centrais de armazenamento para o petróleo bruto e os produtos refinados do óleo. Com esses avanços tecnológicos e logísticos obtidos a partir dos esforços dos investidores de Baku na última década do século XIX, o norte do Cáucaso também passou a produzir petróleo.

O primeiro poço foi perfurado na cidade de Grozny em 1893 e no ano de 1900 a produção da cidade já ultrapassara a casa das 300 mil toneladas de petróleo extraído³⁷ (DOROGOCHINSLDI, 1993, p.602). Além de novos poços, outro impacto dos avanços tecnológicos foi a melhoria da qualidade dos produtos refinados produzidos no Cáucaso. Essa melhoria era considerada essencial pelos maiores refinadores para que seus produtos, principalmente o querosene, pudessem competir com a Standard Oil Company nos mercados estrangeiros.

Assim, as iniciativas de expansão da rede de distribuição eram um projeto interligado com o aumento da produção de petróleo bruto e esses dois fatores, juntos,

³⁷ A medida foi mantida em quilos pela proximidade existente entre o sistema de contagem russo do século XIX (classificado pela unidade "pood") e o Sistema Internacional de Unidades para a grandeza massa.

permitiram que o petróleo russo pudesse entrar de vez no tão almejado mercado europeu e conquistasse ainda mais. Entre 1888 e 1891 a parcela russa nas exportações mundiais de óleo iluminante cresceu de 22% para 29%, alcançando o um terço da venda mundial do produto³⁸. Esse percentual significava o segundo lugar na lista de países exportadores de petróleo do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos e a Rússia se manteve nesse posto até o início do século XX (MIRBABAYEV, 2008, p.60).

As terras montanhosas do Cáucaso foram o berço da indústria de petróleo russa e também seu coração pulsante nos anos 1800, como é possível perceber pela tabela abaixo:

Tabela 4³⁹: Produção de petróleo cru entre 1889 e 1919 (em milhões de poods).

TABLE 4

NEW SERIES ON CRUDE OIL PRODUCTION: 1889-1919
(in millions of poods)

Year	Four-Old Baku Fields ^a	Other Fields ^b	All Russia
1889	192.3	.8	193.1
1890	226.8	2.2	229.0
1891	274.6	1.4	276.0
1892	286.5	1.3	287.8
1893	324.7	8.0	332.7
1894	297.5	5.2	302.7
1895	377.4	28.4	405.8
1896	386.1	17.2	403.3
1897	421.7	27.8	449.5
1898	485.7	17.9	503.6
1899	525.1	25.4	550.5
1900	600.3	31.1	631.4
1901	670.8	35.2	706.0
1902	636.0	34.6	670.6
1903	596.3	33.2	629.5
1904	613.3	41.4	654.7
1905	409.4	45.9	455.3
1906	447.7	45.1	492.8
1907	476.0	46.2	522.2
1908	466.8	59.9	526.7
1909	490.2	70.0	560.2
1910	478.0	104.5	582.5
1911	425.2	127.6	552.8
1912	419.0	140.5	559.5
1913	390.3	159.8	550.1
1914	338.0	207.2	545.2
1915	342.8	223.2	566.0
1916	329.4	273.2	602.6
1917	262.9	271.7	534.6
1918	132.8	92.5	225.3
1919	161.8	109.1	270.9

No ano de 1901 o petróleo da região de Baku representava aproximadamente 95% de toda a produção russa do óleo (MIRBABAYEV, 2008, p.58). Regiões como Baku,

³⁸ Apesar do crescimento das exportações, a competição com a Standard Oil pelos mercados mundiais era feroz e fez com que os Rothschild, em situação menos favorável do que os Nobel que detinham o controle do mercado interno russo, ousassem buscar novos mercados para escoar sua produção de Baku. Eles passaram os últimos anos do século XIX procurando viabilizar os canais de distribuição do petróleo para a Ásia e assim ampliar seu mercado consumidor em direção ao Oriente via Canal de Suez.

³⁹ KANO; KELLY, 1977, p. 322.

Grozny e Terskaya eram grandes produtoras e os investimentos privados feitos por empresários, em especial os Nobel e os Rothschild, foram essenciais para a criação de uma cadeia logística que se tornou rapidamente a segunda mais relevante do mundo (MIRBABAYEV, 2008, p.58-60). No entanto, o novo século viria trazendo transformações tanto no Sistema Internacional quanto na esfera interna russa que mexeriam com a situação socioeconômica e política russa e com a indústria petrolífera em Baku.

2.3 O início do século XX e o desenvolvimento da indústria petrolífera

Para analisar a situação da indústria petrolífera e seu desenvolvimento ao redor do globo no início dos anos 1900, é necessária a compreensão de que são poucos e de difícil acesso os dados oficiais de Estados disponíveis que condensam as informações sobre as suas indústrias de petróleo. A maioria desses dados disponíveis remontam períodos posteriores às primeiras décadas do século XX e, por isso, a pesquisa recorre à bibliografia existente que, em geral, traça as atuações das grandes empresas em países específicos de produção de petróleo. Então, muito da história do petróleo no mundo até a Primeira Guerra Mundial que será relatada aqui é um reflexo direto da história das grandes empresas do ramo da época.

Como dito anteriormente, o novo século apontava no horizonte com grandes mudanças no Sistema Interestatal Capitalista. Ao mesmo tempo em que a produção e o mercado envolvendo o petróleo decolavam mundo afora, as últimas décadas dos anos 1800 foram um momento de grande mudança no cenário das inovações tecnológicas. Em 1877 o inventor Thomas Edison havia elaborado uma inovação em termos de tecnologia que prometia diminuir os riscos e a sujeira que a vela, o querosene e o gás natural extraído de carvão e petróleo causavam no processo de iluminação. Dois anos depois o inventor patenteou a lâmpada incandescente como sua invenção (YERGIN, 1991, p.79) e no ano de 1892 funda a Edison General Electric Company of Schenectady, depois conhecida apenas como GE, que dominaria nos anos seguintes todo o setor de produtos vinculados à eletricidade.

Em 1902 o número de lâmpadas em utilização no mundo já ultrapassava a marca de já dois milhões. Dessa forma se tornava claro que, para aqueles que pudessem ter acesso a essa tecnologia, a iluminação artificial não seria mais obtida pelo querosene e passaria a vir da eletricidade (YERGIN, 1993, p.67). Essa transformação colocou em

alerta a indústria petrolífera que dependia do mercado de iluminação. Uma mudança repentina e expansiva poderia colocar toda a cadeia industrial do petróleo em risco. Porém, os mesmos ventos que haviam trazido a incerteza do mercado da iluminação também trouxeram novas possibilidades. A realocação da indústria de gás natural para os sistemas de aquecimento e para as cozinhas salvaria a produção de gás extraído do petróleo (YERGIN, 1993, p.79) e o surgimento do motor à combustão para o mundo faria os mercados de querosene e da, até então pouco utilizada, gasolina explodirem em poucas décadas.

Os primeiros automóveis do mundo, conhecidos como as carruagens sem cavalos, tinham como sua força de propulsão baseada em um "mecanismo de combustão interna que utilizava para a propulsão uma explosão canalizada de gasolina." (YERGIN, 1993, p.67). Eles ganharam notoriedade na Europa ainda na última década do século XIX, porém a verdadeira credibilidade em seu uso nos Estados Unidos só foi conquistada anos depois quando duzentos automóveis propelidos à gasolina foram utilizados para apoio no socorro e assistência de vítimas no terremoto de São Francisco de 1906. O resultado dessa confiabilidade conquistada se mostraria em números: se em 1902 havia apenas oito mil licenciamentos para automóveis nos Estados Unidos, o ano de 1912 teve 902 mil licenças para carros no país (YERGIN, 1991, p.80).

Com a realocação dos mercados internos por meio do aparecimento dos carros, dos sistemas de aquecimento e dos aparelhos de cozinha que utilizavam refinados de petróleo, não apenas a necessidade de produção aumentou nos Estados Unidos como também os interessados em controlar as novas reservas a serem descobertas. De fato, algumas dessas reservas já eram de conhecimento público. A região da Califórnia já havia sido alvo de interesses desde 1860, mas apenas no fim de 1870 começou a haver uma produção ainda modesta. Outras áreas como a que hoje está situada a Costa do Golfo do México, em especial o estado do Texas, tiveram sua capacidade de produção descoberta mais tarde. No geral, essas regiões tiveram um boom de produção entre as décadas de 1890 e 1900 e mexeram com os interesses políticos e sociais da época.

O resultado do desenvolvimento desses novos poços de petróleo na costa do Golfo do México e na região central dos Estados Unidos foi uma ligeira fragilização da posição da Standard Oil de primeiro e maior truste de petróleo. Naquele momento nos Estados Unidos já existia uma sensação na população de que o truste da Standard Oil era um

predador para os pequenos e médios produtores e refinadores. Cada vez que a Standard Oil passava por cima desses produtores por meio de manipulação de preços e aquisições secretas, maior se tornava o receio da população americana. No fim dos anos 1800 os americanos conseguiram suas primeiras vitórias ao politizar sua luta contra os avanços da companhia. Estados produtores como Texas, Ohio passaram a ter políticos eleitos que se colocavam como opositores da Standard Oil e se utilizavam de investidas legais antimonopolistas para impedi-la de conquistar os novos espaços de produção de petróleo.

Nesse período de crescimento da onda contrária à Standard Oil nasceram algumas das grandes empresas de petróleo do século XX, entre elas a Gulf Corporation e a Texaco, nascida em 1906 e que décadas depois se tornaria uma das maiores do país americano. Essas companhias, alinhadas com o sentimento antitruste da população americana e as investidas legais feitas por estados americanos, resultaram na perda de parte do controle da capacidade de refino da empresa. Entre 1880 e 1911 a capacidade de refino da Standard Oil nos EUA diminuiu de quase 90% para 65 ou 60% (YERGIN, 1993, p. 84) e o controle sobre a exploração da produção nos EUA também diminuiu ligeiramente com a posição dos novos estados produtores americanos e das empresas lá nascentes.

Em 1906 a história da Standard Oil sofreria uma mudança drástica. Foi neste ano que a administração do então presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt, que ficaria conhecido como "demolidor de trustes", protocolou uma ação na Corte Federal contra a Standard Oil alegando conspiração para dominar o comércio com base no Ato Antitruste Sherman de 1890. Apesar dos altos investimentos em advogados e de um julgamento longo de provas volumosas e centenas de testemunhas, em 1909 a Corte Federal ordenou a dissolução da Standard Oil (YERGIN, 1991, p.109). Apesar de a empresa ter recorrido à Suprema Corte, esta também opinou a favor do governo e em 1911 a Standard Oil foi condenada e obrigada a ser dissolvida⁴⁰.

Em consequência da decisão do tribunal superior americano pelo desmantelamento da Standard Oil para se adequar à lei antitruste, surgiram 33 outras empresas de petróleo, entre as quais a Standard Oil of New Jersey, Standard Oil of New York, Standard Oil of Califórnia, Standard Oil of Ohio e Standard Oil of Indiana. Essas empresas se tornariam no futuro algumas das principais indústrias de petróleo do mundo

⁴⁰ Mesmo com a disputa jurídica, as vendas das standard oil continuaram crescendo em números absolutos e em 1911 a venda da gasolina superou pela primeira vez a venda da querosene na empresa.

sob as alcunhas de Esso e Exxon, Mobil, Chevron, Sohio e Amoco. Apesar de a dissolução ter criado novas empresas, as ações delas foram divididas de acordo com as parcelas de ações dos acionistas majoritários da Standard Oil. Assim, os Rockefellers continuaram a deter um quarto do total de ações das novas companhias de petróleo que, com o tempo, se valorizariam os tornando ainda mais ricos (YERGIN, 1991, p.113).

Talvez a maior consequência da dissolução da Standard Oil esteja no campo tecnológico e não na volta relativa da competição nos setores de transporte, refino e distribuição de petróleo. A partir de 1912, as novas empresas não estavam mais presas à Standard Oil of New Jersey como as filiais antigas estiveram anteriormente. Essa maior liberdade possibilitou que novos investimentos fossem feitos em tecnologia e foi na antiga Standard Oil of Indiana que surgiu um novo processo de formação de gasolina que não apenas tornava maior a produção do produto a partir do barril de petróleo bruto, como também tornava-o mais eficiente para os carros.

O avanço tecnológico, conseqüente da dissolução do antigo truste somado à rápida ascensão do automóvel e às novas descobertas de petróleo nos Estados Unidos, possibilitou que o valor das ações das sucessoras da Standard Oil dobrasse em menos de um ano. Um exemplo disso está nas ações da Standard of Indiana que após a descoberta do novo processo de formação da gasolina teve o valor de suas ações triplicado. Como diz Yergin (1993, p.103), no fim das contas, ninguém se saíra tão bem quanto John D. Rockefeller que viu sua fortuna decolar após a dissolução.

Do outro lado do mundo, já no fim da década de 1890, os Rotschild se encontravam em uma situação delicada. Ao passo em que sua produção aumentava, a BNITO não tinha assegurado um mercado para escoar seus produtos; a família Nobel e suas empresas haviam conquistado o controle sobre o mercado interno russo. Com a necessidade de assegurar um grande mercado para não ver sua indústria em risco, os Rotschild passaram a ambicionar à possibilidade de escoar sua produção para a Ásia, porém havia a questão de como tornar possível o transporte dos seus produtos até o continente. A solução da questão do transporte foi resolvida por Marcus Samuel, um comerciante inglês, e suas empresas de transporte internacional detentoras de navios-tanques e oleodutos extremamente tecnológicos para a época. Em 1891 um acordo entre a BNITO e a M. Samuel & Company estabeleceu para Samuel os direitos de venda

exclusiva de querosene da empresa dos Rotschild à leste de Suez; já no ano seguinte 90% do petróleo que atravessou o canal pertencia a Samuel (YERGIN, 1993, p. 58).

O início do negócio de transporte e revenda de petróleo inspirou em Samuel a ambição de entrar de vez também nos ramos de produção e refino do óleo. Ainda no século XIX o comerciante procurou estabelecer contratos com companhias produtoras americanas e obteve uma concessão na região de Kutei, em Bornéu, para a produção e refino do óleo que começaram, ainda que lentamente, nos três últimos anos da década de 1890. Com a expansão de seus negócios por toda a cadeia produtiva do petróleo, Marcus Samuel decidiu realocar seus negócios em apenas uma grande empresa, a *Shell Transport and Trading Company*.

Junto à Royal Dutch, a recém-criada Shell passou a controlar, no início do século XX, mais da metade das exportações do petróleo russo e do extremo Oriente. Porém, mesmo com esses números e da conquista da concessão de Bornéu, a empresa passava por momentos complicados em 1901. Além da produção complicada e lenta em Bornéu, fatores externos como guerras na China, depressão econômica e colheitas ruins no Império Russo haviam depreciado a demanda interna dos dois Estados por óleo e obrigado os russos a aumentarem sua produção e exportação de petróleo (YERGIN, 1993, p.107). Essa conjunção de fatores causara uma superabundância do produto e a queda vertiginosa de seus preços no mercado mundial e colocara a recém-criada Shell em uma situação difícil.

Enquanto Marcus Samuel lidava com esses problemas, a holandesa Royal Dutch (outra competidora pelos mercados a leste do Canal de Suez) também encontrava dificuldades em Sumatra após um de seus maiores poços começarem a enfrentar problemas de escassez. Nesse ínterim de questões internacionais que depreciaram o preço do petróleo, a Standard Oil começava a avançar ainda mais fortemente sobre os deteriorados mercados fora dos Estados Unidos em razão de competitividade de seus preços, causada por uma política de subsídios trocados (FRERET; CHAVES; JONES, 2018, p.3). Havendo o perigo iminente de uma competição desleal entre a Standard Oil com a companhia holandesa, a direção da Royal Dutch decidiu que uma fusão de companhias de petróleo grandes era a melhor forma de proteção contra os avanços da companhia americana nos seus mercados e a escolhida para o projeto de fusão foi a britânica Shell.

De fato, a Royal Dutch não era a única interessada em fazer negócios com a Shell. No fim de 1901 a Standard Oil fez uma proposta pela aquisição da companhia. Porém, Marcus Samuel decidiu-se pela aliança com a empresa holandesa pela possibilidade de manutenção e divisão do controle da nova companhia que surgiria. A fusão completa das empresas e o nascimento do grupo formado da aliança ocorreram em 1907: o Royal Dutch-Shell Group havia nascido e batalharia com a Standard Oil pelo mercado mundial de petróleo.

A Shell não havia sido a única empresa de donos britânicos de petróleo ao redor do mundo até o século XX. Na Pérsia, em 1872 e 1889 foram obtidas duas concessões por ingleses para a exploração do petróleo na área que tiveram uma curta vida. As concessões além de gerarem protestos na Pérsia e opiniões contrárias na vizinha Rússia, também causaram muito desperdício em tentativas mal sucedidas de extração de petróleo. Essas iniciativas de produção do óleo não ficariam solitárias e nem seriam as únicas investidas inglesas na região da Pérsia.

Os interesses nos investimentos de petróleo na Pérsia por parte dos ingleses tinham motivações políticas além das motivações financeiras. A Pérsia era considerada por ingleses como uma região tampão entre as investidas expansionistas da Rússia no século XIX e a Índia. Assim, investimentos na Pérsia serviriam para manter a influência inglesa na região, mantê-la independente dos russos e proteger a Índia. Nesse contexto, no início do século XX a Inglaterra decide apoiar os esforços de um empreendedor inglês que tinha interesse em uma concessão para extração de petróleo na Pérsia. Em 1901 o governo persa, na figura do xá Muzaffar al-Din, assinou o contrato de concessão de três quartos do território do país por um período de sessenta anos para o empreendedor William Knox D'arcy.

O processo até a extração bem sucedida na Pérsia foi penoso para D'arcy durante os três primeiros anos de tentativas; muito dinheiro foi investido e houve pouco retorno financeiro. A situação só mudou em 1904 quando o Ministério das Relações Exteriores, temendo uma venda da concessão para interesses estrangeiros, colocou o investidor em contato com a Burmah Oil, uma companhia escocesa de petróleo. No ano seguinte, resultado de pressões do governo inglês que não queria colocar em risco a influência na Pérsia, foi firmado um contrato entre a petroleira e D'arcy onde foi estabelecido um Sindicato de Concessão. Nesse acordo a Burmah Oil garantiria investimento,

conhecimento técnico e de administração à subsidiária formada pelo empreendimento que anteriormente era de D'arcy e este seria o novo diretor da nova empresa.

A partir disso, novos esforços foram empreendidos para a extração de petróleo na Pérsia, dessa vez em uma região mais central conhecida como Masjid-i-Suleiman. Apesar dos contratempos persistentes que quase colocaram fim a iniciativa novamente (YERGIN, 1993, p. 139), em 1908 finalmente foi feita uma perfuração bem sucedida e a extração de petróleo começou de forma imediata. No ano seguinte uma nova configuração corporativa foi criada para explorar a concessão que agora estava em vias de dar grande retorno financeiro. A Anglo-Persian Oil Company admitiu participação de investimento popular no mesmo ano e a Burmah Oil compraria a maior parte dessas ações tornando-a assim sua subsidiária. A nova empresa teve sucesso meteórico devido não apenas aos investimentos feitos, mas ao sucesso de uma operação de extração que levou anos para ser realizada e no ano de 1910 a Anglo-Persian já empregava 2.500 trabalhadores.

2.4 O pré-Grande Guerra e o petróleo: as implicações para o tabuleiro geoestratégico mundial.

O período do século XIX, onde a indústria do petróleo começou a se desenvolver, ficou conhecido pela bibliografia convencional como a era dos heróis do petróleo já que muito da evolução da indústria passou mais pelo esforço de indivíduos do que pelo apoio de Estados. Na passagem para os anos 1900 essas características individualista e liberal da indústria se mostrariam fadadas ao fim com a intensificação das relações entre Estado e Capital no ramo, uma consequência direta de uma série de transformações no Sistema Internacional que culminariam em 1914 no início da Primeira Guerra Mundial.

O novo século trouxe o acirramento de um contexto de disputa no Sistema Interestatal Capitalista. Como colocado no capítulo anterior, a recém-unificada Alemanha se desenvolvia rapidamente e seu processo de revolução industrial demandava que novos espaços ricos em recursos naturais fossem conquistados ou entrassem na esfera de influência alemã. Correlatamente a processo, a Alemanha almejava cada vez mais ocupar uma nova posição dentro do Sistema Internacional. Para os alemães que viviam um crescente desenvolvimento, a posição do Segundo Reich na hierarquia do Sistema Interestatal Capitalista não condizia mais com a sua realidade e população e governo alemão pareciam cada vez mais dispostos a questionar essa hierarquia; uma prova dessa

mudança de postura foi, inclusive, a criação da nova política externa alemã: a *Weltpolitik*⁴¹ em meados de 1890.

O que poderia impedir esse processo em direção à supremacia na visão alemã eram dois fatores, sendo um deles geoestratégico. A Alemanha dispunha de duas fronteiras marítimas, uma para o Mar Báltico e outra para o Mar do Norte, porém apenas a última levava o Estado a ter um acesso ao oceano. Dessa forma, os alemães tinham apenas um caminho para "navegar pelo mundo e transportar todo o tipo de bens por via marítima para este e deste para o seu espaço." (FERNANDES, 2016, p.134). Somado a isso, havia outra questão geográfica relevante: existiam poucos locais no Mar do Norte que davam acesso para os navios mercantes ao sistema hidroviário alemão e a possibilidade de realização de bloqueios marítimos que estrangulassem a Alemanha era uma fonte de preocupação para o governo alemão.

O outro fator que poderia impedir a ascensão alemã também tinha relação direta com o mar: a supremacia naval inglesa no alto-mar. A Inglaterra, com seus imperativos geográficos, havia construído por séculos uma armada naval que era até então a mais poderosa do planeta. Além disso, e novamente revisitando o capítulo anterior deste trabalho, o próprio império inglês era recheado de possessões ultramarinas que, em última instância, eram um objeto de desejo alemão.

Parte dessa preocupação intensamente voltada para os mares e os poderes navais se deve à influência da obra "The Influence of Sea Power Upon History: 1660-1783", do almirante americano Alfred Mahan, sobre o imaginário alemão. O livro que se debruçava sobre a questão da utilização de poder do Estado nos mares como uma estratégia de domínio de espaços marítimos com o objetivo de garantir um domínio mundial foi um sucesso na Alemanha do Kaiser Whillhem II (FERNANDES, 2016, p.138). O livro inspirou uma série de políticos, pensadores e até mesmo o imperador alemão. Dessa forma e talvez como uma resposta a esses imperativos geográficos, essas preocupações e à ambição de conquistar a posição de hegemom do Sistema Internacional, o governo do Kaiser pareceu entender que era necessário fazer uma escolha política: investir na sua armada naval e tentar rivalizar com a Grã-Bretanha nos mares.

⁴¹ Política externa alemã que pressupunha a ideia de um impulso da Alemanha em direção a posição de poder global e marcou o fim da *Realpolitik* bismarquiana.

É neste contexto onde o petróleo começa a ganhar proeminência e um status de recurso estratégico dentro dos assuntos de Estado (e não apenas da Alemanha como será visto a seguir). Em um primeiro momento, a indústria petrolífera havia se desenvolvido em torno do mercado de óleos para iluminação, porém o advento da lâmpada e o aparecimento do motor à combustão interna haviam transformado a indústria no início do novo século. O aumento constante da produção de carros impulsionou a produção de combustíveis derivados do petróleo em diversos lugares do mundo, entre eles a Alemanha, França, Reino Unido (RONCHI et al, 2015, p.59). Conforme a produção do motor foi aperfeiçoada e com a garantia da existência de petróleo em larga escala no mundo, cada vez mais o seu uso como combustível passou a ser considerado (estrategicamente), inclusive em outros tipos de transportes como o marítimo.

Em meados de 1870 surgiram os primeiros navios movidos a óleo na região do Mar Cáspio onde havia extração de petróleo russo (BROWN, 2003). Essa utilização do óleo em oposição ao carvão mineral foi se expandindo lentamente e no início do século XX ainda havia poucos navios na esfera civil que fossem propelidos à óleo. Porém, a Alemanha, em particular, com suas questões geoestratégicas, já havia se lançado no desafio de descobrir a viabilidade de construir uma marinha que rivalizasse com a britânica e por isso foi um dos primeiros Estados a testar navios e submarinos movidos à combustão do derivado de petróleo após passar sua Primeira Lei Naval ainda 1898⁴².

Como é dito em Ediger e Bowlus (2018, p.10), era difícil ignorar o potencial do óleo como combustível naval. Pesquisas apontavam o petróleo como um combustível mais limpo do que o concorrente carvão e logisticamente menos custoso por reduzir o número de pessoal necessário no processo de reabastecimento; o uso do óleo também aumentava a aceleração e a velocidade dos navios, o que era considerado essencial para objetivos estratégicos militares de embarcações menores como submarinos e *destroyers*. Outro apontamento importante era o de que o petróleo produzia mais energia do que o carvão e permitia que os navios viajassem duas vezes mais longe antes do reabastecimento, o que daria mais liberdade e manobra de ação militar no caso de possíveis embates nos oceanos. Por fim e citando mais uma das vantagens operativas do

⁴² Hobsbawm (1988, p.268) menciona que no período entre 1890 e 1914 os gastos militares da Alemanha com a sua marinha saltaram de 90 milhões de marcos para um montante de 400 milhões de marcos.

uso naval-militar petróleo, o óleo ocupava menor volume nos navios e seus tanques de armazenamento podiam ser alocados em qualquer espaço das embarcações.

Mesmo com todos os benefícios apontados e sendo uma pioneira nos testes do petróleo em sua armada naval, a Alemanha não abandonou o carvão. Mesmo com os testes e grandes investimentos para dobrar o tamanho de sua frota até 1920 (EDIGER; BOWLUS, 2018, p. 14), ela manteve seus maiores e principais navios de guerra movidos a carvão, sem qualquer sistema de combustível auxiliar. Isso se deve a uma questão estratégica: a Alemanha não tinha acesso seguro aos espaços produtores de petróleo e dependia das exportações da Standard Oil Company que dominava a distribuição e venda no mercado interno germânico. A maior esperança de conquista de suprimento seguro de petróleo da Alemanha residia na Mesopotâmia e o governo do kaiser se empenhou em uma aproximação diplomática com o Império Otomano. Esse esforço resultou na construção da ferrovia Berlim-Bagdá que facilitaria a distribuição do petróleo para os alemães e em uma concessão para exploração de petróleo de pequena uma área de 20 quilômetros próxima a Bagdá e Mosul em 1903. No geral, a combinação dos impulsos à implementação do óleo nos navios menores e as subseqüentes movimentações estratégicas no tabuleiro geopolítico internacional chamaram a atenção de outros Estados poderosos do sistema.

O governo do Reino Unido em conjunto do seu almirantado passou a avaliar a viabilidade do uso do petróleo como combustível entre 1898 e 1901. Como as primeiras avaliações foram positivas, o governo estabeleceu ainda em 1902 a Estação Experimental de Petróleo. Ali começaram os testes de conversão para óleo, ainda como um combustível auxiliar, dos primeiros encouraçados e destroyers britânicos. Apesar da divergência existente na bibliografia quanto às datas e aos resultados dos primeiros testes⁴³, a caminhada britânica em direção ao uso do petróleo como combustível naval continuou com o apontamento do almirante John Arbuthnot Fisher como Primeiro Lorde do Mar em 1904.

O almirante John Fisher era um entusiasta de longa data do petróleo. Sob sua influência, o governo britânico respondeu à ameaça alemã com a modernização de sua

⁴³ Em Yergin (1993) é citado que o primeiro teste em um encouraçado inglês, o HMS Hannibal, havia falhado miseravelmente em razão de um queimador defeituoso antes de 1903. Por outro lado, Ediger e Bowlus (2018, p.11) relatam que o almirantado inglês só implementou o sistema de queima de óleo no cargueiro em 1904-05 e não cita nenhum problema.

armada e com um amplo programa de reconstrução (YERGIN, 1993, p.146). Em 1905 foram construídos os primeiros destroyers propelidos apenas à óleo e no mesmo ano todos os principais navios passaram ter um sistema de queima de óleo como combustível auxiliar. Porém a conversão total para o petróleo ainda estava longe de ser uma unanimidade no Reino Unido. Havia uma disputa política intensa no partido Liberal, no poder, entre os "armadistas", a favor dos investimentos na marinha, e os "economistas" que preferiam a realocação desses gastos militares em programas de bem-estar social; a maioria dos políticos dessa ala não entendia os investimentos alemães como uma ameaça direta à posição da Grã-Bretanha no sistema.

Além dessa primeira questão, também havia na Inglaterra o receio quanto à existência de petróleo em tão larga escala. Ajudava a alguns se oporem à conversão total da frota o fato de que o Estado já era bem suprido pelo carvão galês que era barato e se tinha uma garantia de suprimento seguro; ser a favor da conversão para óleo geraria inclusive uma tensão interna com os produtores de carvão. De toda a forma, esse contexto não impediu, porém, que parte da frota naval da Grã-Bretanha continuasse na direção do petróleo (YERGIN, 1993).

Toda e qualquer dúvida no parlamento britânico que pairava ainda sobre investir ou não na frota naval britânica acabou após a Crise de Agadir⁴⁴. A aproximação irreversível do momento em que a Alemanha contestaria a hierarquia do Sistema Internacional se aproximava e o perigo da perda de poder com todas as consequências que isso traria movimentaram o campo político da Grã-Bretanha. A mudança de opinião de Winston Churchill, então importante deputado "economista", em relação à possibilidade de um conflito entre as grandes potências foi fundamental para a decisão do próprio parlamento de continuar orientando os recursos ingleses para a Armada Real. Ao fim da crise de Agadir e do ano de 1911, Churchill tornou-se Primeiro Lorde do Almirantado, posto civil mais alto da Armada Real, e ao lado do almirante Fisher procuraram preparar ainda mais a Inglaterra para um futuro ataque alemão e para a batalha pela manutenção da hegemonia inglesa (YERGIN, 1993).

⁴⁴ A Crise de Agadir foi uma crise internacional envolvendo Alemanha e França em 1911. O incidente teve início quando a França enviou tropas suas ao Marrocos para dirimir uma revolta popular e, diante da possibilidade da anexação do Marrocos à França, a Alemanha enviou uma canhoneira chamada *Phanter* ao porto estratégico de Agadir como forma de mostrar sua insatisfação em ver outras potências conquistando novas colônias enquanto ela não.

Em 1911, o almirante Fisher e Churchill convenceram o parlamento e os programas navais dos anos de 1912, 1913 e 1914 da Armada Real foram os mais caros da história (YERGIN, 1993, p.149). Todos os navios a serem construídos pelos programas, inclusive os encouraçados, eram movidos a óleo, o que os tornavam mais rápidos, eficientes e independentes do uso de mão de obra para mantê-los navegando. Essa mudança na marinha real britânica foi o ponto chave na mudança de orientação estratégica da Inglaterra. A partir disso, uma das prioridades do governo britânico passou a ser encontrar soluções para suprir a grande demanda que fora criada. Onde poderia se encontrar o óleo para a produção de combustível? E como assegurar que uma vez encontrada a oferta para a demanda britânica, ela ficaria segura e seria suficiente para o esforço de guerra? Certamente essas perguntas representariam em si um esforço e investimentos britânicos ainda maiores, mas na visão de Winston Churchill "a própria hegemonia seria o prêmio do risco" (YERGIN, 1993, p.150).

O planejamento em prol da defesa da hegemonia britânica continuou em 1914 e grandes investimentos foram feitos na companhia de petróleo britânica Anglo-Persian que passava por dificuldades financeiras à época. Assim, o governo britânico conquistou 51% das ações além do controle sobre decisões da companhia. Além da compra, a Anglo-Persian precisava ser uma empresa que além da extração de petróleo bruto também estivesse em todos os outros setores da indústria do petróleo, como o refino e distribuição do produto. Para isso, logo no início da guerra, o governo inglês tomou do Deutsche Bank o controle da companhia de distribuição British Petroleum e a incorporou à Anglo-Persian. Com a fusão, a Grã-Bretanha formava uma empresa capaz de ser autossuficiente e integrada no mercado do petróleo (YERGIN, 1993).

Com essas mudanças, o governo e empresas inglesas puderam continuar seu plano de busca por terras com abundantes reservas de petróleo. Essas terras encontradas seriam alvos de disputas que transformariam suas histórias. Entre elas estava a região da Ásia Menor e do Cáucaso⁴⁵. Essas regiões foram alvo de investidas do governo britânico durante e após a Primeira Guerra Mundial e foram irreversivelmente transformadas com base nos interesses estratégicos das potências da época. Interesses esses que versavam

⁴⁵ Entre 1898 e 1903 os investimentos britânicos somavam 85% do total dos investimentos estrangeiros na indústria de petróleo russa e em 1913 o petróleo russo estava entre os mais importados pelos britânicos. Sendo o Cáucaso o maior produtor de petróleo russo, soa natural que o Reino Unido tivesse interesse em manter influência na região e garantir que esse petróleo continuasse abastecendo as suas necessidades.

desde a prioridade na conquista do petróleo para uso bélico, questões econômicas relacionadas ao investimento na companhia de petróleo Anglo-Persian e o controle do Canal de Suez para manutenção do funcionamento da economia interna (YERGIN, 1993).

É na esteira dessas decisões que passa a ficar cada vez mais clara a conexão entre Estado e Capital na história do petróleo. Nesse contexto de preparação para a guerra e de transformação da marinha britânica⁴⁶ um papel relevante foi o de Marcus Samuel que fez forte lobby para que o almirantado continuasse seus investimentos, o que garantiria à Shell (ainda não fundida à Royal Dutch) um forte mercado para seu óleo vindo em tanques de Bornéu e Estados Unidos. Essa ligação entre poder e dinheiro também estaria presente em momentos já citados aqui, como quando o governo britânico obtém a maioria das ações da Anglo-Persian Oil Company com o objetivo de controlar as decisões estratégicas da empresa e também, aqui já durante a guerra, na retomada do controle sobre a distribuidora British Petroleum que estivera sob o comando do Deutsche Bank. Nesse segundo caso inclusive chama a atenção que a retomada de controle foi seguida de uma incorporação da distribuidora à Anglo-Persian.

Por fim, outras potências como a França, o Império Russo e os Estados Unidos viviam momentos absolutamente distintos no início do século XX. Os Estados Unidos, a partir também de interferências e controle na sua indústria de petróleo como na dissolução da Standard Oil, passou a ter voz ativa nas decisões estratégicas da indústria. Com maior controle sobre a indústria, o governo conseguiu garantir uma demanda segura de petróleo para o desenvolvimento da sua frota marítima. No final de 1913 a marinha americana havia construído ou tinha em construção quatro navios de guerra, quarenta destroyers, trinta submarinos e diversos rebocadores e outros navios menores que queimavam exclusivamente petróleo. Além desse número, ela também tinha oito navios de guerra, um navio de transporte e um navio de suprimento que podiam usar petróleo e combustível auxiliar (EDIGER; BOWLUS, 2018, p.21).

Por sua vez, a França enfrentou duas crises diplomáticas com a Alemanha em 1905 e 1911 envolvendo o Marrocos, um território importante para a proteção francesa

⁴⁶ Segundo Hobsbawm (1988, p.268), os estáveis gastos militares britânicos passaram de 32 milhões de libras em 1887 a 44,7 milhões de libras esterlinas em 1888-1889 e saltaram a mais de 77 milhões em 1913-1914. Desse aumento de gastos, a marinha foi o setor militar mais privilegiado saindo de um investimento de 11 milhões de libras em 1885 (um valor semelhante ao de 1860) para um montante quatro vezes maior em 1913-1914.

de sua fronteira argelina e por sua posição estratégica em relação a dois oceanos. Após as crises, foi inevitável que o clima de hostilidade entre alemães e franceses que vigorava desde a Guerra Franco-Prussiana aumentasse e corroborasse para a ideia de que a guerra se aproximava rapidamente. Aliado a isso, a França passava por um momento de perda de proeminência na Europa e sabia que não poderia perder mais guerras e territórios em disputas com europeus, principalmente novas potências como a Alemanha que buscavam espaços de poder no Sistema Internacional.

Ao mesmo tempo em que o governo francês tinha essa percepção, o militarismo ofensivo alemão jogava as potências em uma espiral de corrida militar de preparação para uma possível guerra. A França não foi uma exceção e também começou seus preparativos para defender sua posição no sistema. Um exemplo dos novos esforços feitos foi a aliança de apoio militar entre franceses e russos. Infelizmente, no que se refere às mudanças da armada francesa ligadas ao petróleo a bibliografia existente não esclarece o nível de investimento feito, mas sabe-se que a França tinha conhecimento tanto da revolução pela qual passava a marinha inglesa tanto quanto dos avanços alemães. O país também tinha conhecimento de que havia interesse desses países na capacidade petrolífera da região da Mesopotâmia porque recebera pelo menos três relatórios secretos sobre as buscas por petróleo na região (FITZGERALD, 2006, p. 700-702).

A Rússia imperial, por outro lado, convivia com tensões bem particulares. Os ares do século XX eram tensos para o governo czarista. Além de sofrer com uma colheita desastrosa em 1900, a Guerra Russo-Japonesa havia destruído parte importante das suas frotas marítima, drenado ainda mais sua economia e gerado uma crise interna de grandes proporções que teve seu ápice na Revolução Russa de 1905. Essa mesma crise afetou severamente a indústria russa de petróleo no Cáucaso e a porção da produção russa em relação à produção mundial de petróleo caiu de 31% para 9% (YERGIN, 1993, p.125).

Quanto às forças armadas imperiais russas, é preciso dizer que uma nova bibliografia tem surgido mais distanciada da bibliografia soviética que durante décadas destacou o esforço dos heróis de guerra russos. Essa bibliografia tem acenado com a hipótese de que as forças armadas imperiais sofriam de problemas logísticos, organizacionais e administrativos que não foram resolvidos devido às grandes divergências nos altos escalões militares quanto às necessidades de reformas (KUSBER,

2014, p.251). Em 1905, a maioria do Conselho de Segurança de Estado Russo era conservadora e absolutamente contra grandes reformas.

O petróleo seria relativamente pouco utilizado pelas forças armadas russas que não sofreram grandes reformas estruturais nos anos precedentes à Primeira Guerra Mundial. Apesar de algumas mudanças terem sido feitas principalmente no concernente ao Plano de Mobilização, a maioria conservadora nas forças armadas impediu qualquer reforma mais profunda no exército imperial. Além do conservadorismo e da situação da indústria petrolífera russa que vira sua produção diminuir, o imperativo geopolítico russo também foi fundamental para que os russos fizessem diferente de alemães e britânicos. Dadas as dimensões continentais de seu território e as crescentes tensões com impérios terrestres europeus, as atenções do alto escalão militar russo estaviveram mais concentradas nas forças terrestres do que em sua frota naval⁴⁷. Como a proeminência do papel do petróleo na Grande Guerra se deu mais pelas novas frotas navais movidas a óleo e do que pela utilização de tanques e aviões que só viriam a serem desenvolvidos durante o conflito, pode-se dizer que, apesar do petróleo ser considerado um recurso estratégico para a Rússia, ele foi subaproveitado pelas suas forças armadas na Primeira Guerra Mundial (KUSBER, 2014).

A mensuração do uso do petróleo na Grande Guerra é uma questão a ser abordada aqui. O uso militar do petróleo e seus derivados no período de preparações para o conflito por vezes é mal dimensionado. Para não cair em erros de anacronismo, é necessário enfatizar que o uso do petróleo não foi totalmente expandido e grande parte dos exércitos e frotas navais utilizou o carvão como principal recurso energético militar durante a Primeira Guerra Mundial. De qualquer forma, também não seria correto subdimensionar a relevância do petróleo para o esforço de guerra. O petróleo e seus derivados fizeram parte de uma transformação em parte relevante das armadas de algumas das principais potências que se envolveram na guerra. Isto é possível ver abaixo na tabela que mostra a comparação entre a capacidade de óleo e carvão na frota de navios militares britânicos durante os anos de guerra:

⁴⁷ Importa dizer que a Rússia possuía portos estratégicos como o de Sevastopol e Batumi no Mar Negro, no Mar Cáspio e no Oceano Pacífico. Isso fez com que, em alguma medida, poucos anos antes do início da guerra houvesse movimentação considerável do exército imperial na direção de começar um processo de melhorias na sua frota naval (ALLEN, W. E. D; MURATOFF, 1953, p. 232). Esse processo tardio adentraria a guerra e não esteve necessariamente focado na transição naval russa do carvão para o petróleo.

Tabela 5⁴⁸⁴⁹: Capacidade máxima de carvão e petróleo dos navios de guerra da frota britânica entre 1914-1918 (em toneladas)

	1914	1915	1916	1917	1918
Coal-burning					
Dreadnoughts	96,528	109,083	116,005	102,936	111,050
Others	40,270	40,786	39,859	24,203	12,800
Total	136,798	149,869	155,864	127,139	123,850
Oil-burning					
Dreadnoughts	25,736	32,965	42,816	65,842	87,715
Others	21,405	28,571	47,761	66,173	70,267
Total	47,141	61,536	90,577	132,015	157,982

Note: 'Others' include cruisers, light cruisers, leaders, and destroyers.

Source: Sumida, 'British naval operational', pp. 462-3.

Essa mudança teve impactos no tabuleiro geoestratégico mundial. Como citado anteriormente, parte das grandes potências, lideradas pelo Reino Unido, passaram a considerar como interesse estratégico a garantia ao acesso seguro e irrestrito ao suprimento de petróleo. Isso significou que regiões ricas no recurso passaram a ser alvo de uma embrionária geopolítica de petróleo das grandes potências. O Cáucaso é uma dessas regiões que viu sua história se modificar a partir do desenvolvimento e expansão da indústria petrolífera e do crescente interesse no óleo da região por parte de algumas das principais potências do Sistema Interestatal Capitalista.

⁴⁸ SUMIDA, 1993, p. 462-463.

⁴⁹ Nota do autor sobre a tabela: Sumida aponta que a categoria "outros" se refere a outros tipos de navios como *cruisers*, *light cruisers*, *leaders* e destróieres.

PARTE 2 – A FORMAÇÃO DA GEOPOLÍTICA DO PETRÓLEO PARA O CÁUCASO E SUAS IMPLICAÇÕES NA REGIÃO

Capítulo 3: O Cáucaso frente à geopolítica na Primeira Guerra Mundial

3.1. Uma breve história do Cáucaso

A região geográfica conhecida hoje como o Cáucaso se formou há cerca de 25 milhões de anos quando massas continentais colidiram em um ponto que ficaria conhecido como a interseção, ou união, da Europa e da Ásia (KING, 2008, p.3). O Cáucaso também se posiciona entre dois mares importantes geográfica e politicamente⁵⁰: o Mar Negro e o Mar Cáspio. Uma relevante parte de sua área é composta uma cordilheira de oitocentos quilômetros de extensão que divide o Cáucaso do Norte (Ciscaucásia) e o Cáucaso do Sul (Transcaucásia⁵¹)⁵² e possui montanhas alcançando os 5 mil metros de altura, como o Monte Kazbek. O Cáucaso do Norte, que fica mais próximo ao continente europeu, é composto por territórios que se localizam na Geórgia, os kraís russos Krasnodar e Stravopol, e as seguintes repúblicas autônomas russas: Adiguésia, Carachai-Circássia, Kabardino-Balkaria, Ossétia do Norte, Inguchétia, Chechênia e Daguestão. Enquanto isso, fazem parte do Cáucaso do Sul os territórios da Armênia, o Azerbaijão e grande parte da Geórgia (CORNELL, 2001, p.4).

Além da cordilheira que divide a região em duas, o Cáucaso tem uma variedade considerável de climas e de topografia. Tem planícies áridas, sopés semitropicais, desfiladeiros escarpados e picos alpinos (KING, 2008, p.8). Essa variedade ajuda senão a construir, pelo menos a compreender a multiplicidade de influências culturais, políticas e econômicas na região. De fato, o Cáucaso é essencialmente multicultural. Tem uma das maiores densidades linguísticas do planeta (SEQUEIRA, 2014, p.21) apesar de estar situada em um território limitado de 400.000 km² com uma população um pouco maior do que 20 milhões de pessoas (CORNELL, 2001, p.4). Etnograficamente o Sul do Cáucaso registra pelo menos 10 nacionalidades diferentes e três grandes grupos étnicos

⁵⁰ Os dois mares estão situados entre a Europa e a Ásia. O Mar Cáspio é considerado o maior corpo de água fechado do mundo e é utilizado como via de comunicação, transporte e para extração de petróleo entre os países que são banhados por suas águas. O Mar Negro tem localização estratégica por se ligar ao Oceano Atlântico, outros mares e estreitos, o que o torna uma importante via comercial e estratégico do ponto de vista militar.

⁵¹ Segundo Cornell (2011, p.4), Transcaucásia em russo significa literalmente "as terras além das montanhas do Cáucaso" e tem um contexto político relevante. O termo Cáucaso do Sul é, de acordo com Cornell, mais neutro.

⁵² Segundo Sequeira (2014, p.22) a terminologia Cáucaso do Norte e Cáucaso do Sul passou a ser usada somente a partir das independências de Armênia, Geórgia e Azerbaijão.

(Armênios, Azeris e Georgianos). Enquanto isso, o norte do Cáucaso apresenta um mapa populacional mais complicado com diversos povos indígenas e diferentes grupos étnicos habitando a região.

O Cáucaso também tem uma rica história com relação a religiões. O Azerbaijão é considerado o berço da primeira religião monoteísta do mundo, o Zoroastrismo (KING, 2008, p.89). Além da passagem histórica do Zoroastrismo, a região do Cáucaso tem pelo menos quatro grandes religiões apresentando seguidores em sua área nos dias de hoje. Diferentes vertentes do Cristianismo estão muito presentes tanto na Armênia quanto na Geórgia (Igreja Ortodoxa da Geórgia) e nas repúblicas autônomas russas. O Islamismo, por sua vez, é a fé da maioria da população do Azerbaijão assim como de povos das Repúblicas Autônomas da Rússia. O Judaísmo é a religião praticada um povo indígena que vive na Geórgia e pelos Tats ou judeus da montanha, outro povo indígena que reside em partes do Azerbaijão e no Dagestão; por fim, o Budismo é a religião do povo Kalmyk, um povo indígena russo a noroeste do Mar Cáspio que está em constante contato com o povo do Cáucaso que faz fronteira com o seu território (CORNELL, 2001, p.6).

Essa pluralidade cultural, religiosa, étnica pode ser explicada a partir da história de disputas nas quais o território do Cáucaso foi palco dada a sua posição geográfica há muito considerada estratégica para grandes impérios. De acordo com João Sequeira (2014, p.22), a região seria habitada há mais de 200 mil anos e os primeiros povos a nela se instalarem teriam sido povos nômades saqueadores ainda na Idade do Bronze. Essa história dos povos do período até a época das Invasões Romanas na década de 70 a.C. é pouco conhecida. O pouco que se tem notícia, a partir de alguns historiadores, aponta para uma colonização babilônica e depois assíria nos territórios onde se situam a Armênia e Geórgia. Outros povos que estiveram no Cáucaso foram os Urartu que durante 860 a.C. e 590 a.C. formalizaram o Reino de Urartu em grande parte do território caucasiano e também os Medos⁵³ com seu Reino de Medos. Entretanto, como o autor cita em seu trabalho *Nacionalismos e conflitos étnicos no Cáucaso*, o fim do período antigo ficou marcado pelo aumento da influência persa na região. O Império Aquemênida, o primeiro Império Persa, conquistaria o Reino de Medos em 550 a.C. e ligou inexoravelmente a região aos persas (SEQUEIRA, 2014).

⁵³ Os Medos foram uma tribo indígena da Ásia Central que migrou para a região do atual Irã e, no fim do século VII a.C., formou o Império Medo na cidade de Ecbátana (atual Hamadã).

Em 329 a.C. Alexandre, o Grande, conquistou o Império Persa e o anexou ao Império Macedônio, o que levou o Cáucaso a fazer parte desse poder. Porém, com a morte de Alexandre e a conseqüente desintegração do Império Macedônio, o Cáucaso e toda a região da Pérsia passaram por um longo período de tensões e disputas onde suas fronteiras foram alvo de interesses romanos, gregos e persas (SEQUEIRA, 2014, p.25). Essas disputas ocorreram inclusive diante do desmantelamento do Império Romano e o surgimento do Império Bizantino, da anexação do Império Arsácida pelo Império Sassânida e da invasão do Califado Ortodoxo, o Império Árabe Islâmico, a territórios bizantinos e sassânidas já no século VII D.C.

No ano de 640 D.C. os árabes ainda estavam empreendendo uma espécie de guerra santa em busca de espalhar a sua religião pelo mundo e, aproveitando-se da fragilidade pela qual o Império Bizantino passava, expandiram-se para a Ásia Menor alcançando as montanhas do Cáucaso. No Cáucaso, o Califado sofreria grandes derrotas em sua ambição de conquista total da região para a Cazária, um império que era, naquele momento, uma potência regional de população não eslava que vivia no que é atualmente a Ciscaucásia (SEQUEIRA, 2014, p.27).

A partir dessa época, o Cáucaso passa por alguns séculos onde seu território estava dividido entre Impérios cujas culturas, religiões e processos políticos eram distintos. Ainda ao longo da História, o Cáucaso seria alvo em outras querelas envolvendo impérios. Nos séculos seguintes, impérios como o Sejúlida, o Mongol, o Otomano e o Persa disputaram o controle da região não sem sofrer oposição dos povos caucasianos. Foi inclusive no período de início do controle otomano, após as Guerras Otomanas-Bizantinas, que os armênios começaram a ser expulsos de suas terras (SEQUEIRA, 2014, p. 37) e durante o controle efetuado pelos persas a partir do século XVII que deportações em massa foram organizadas para impedir insurreições pró-otomanos na região.

O Cáucaso ainda se veria entre os séculos XVII e XIX sob uma intensa disputa entre o Império Otomano, o Império Persa e, a partir de 1721, o Império Russo. A região ficaria muito tempo dividida entre otomanos e persas e apenas no início do século XIX que o Império Russo conquistaria, aos poucos, o controle sobre o Cáucaso do Sul, já territorialmente modificado⁵⁴. Entre 1800 e 1864 os russos investiriam pesado na

⁵⁴ É sabido que o território ocupado por populações armênias era consideravelmente maior e foi diminuído durante o controle otomano.

conquista da região, subjugando diversas regiões importantes como Baku em 1806, Tíflis, Derbent, Karabakh entre outras (SEQUEIRA, 2014, p.44). Pelo menos duas guerras importantes nesse processo ocorreram envolvendo Rússia e Pérsia. Ao fim da primeira, em 1813, foi assinado o Tratado do Gulistão onde a Pérsia renunciava à soberania sobre diversos canatos⁵⁵ onde ficam a Geórgia, Daguestão e parte do Azerbaijão (CORNELL, 2001, p.22). Na segunda, e última, Guerra Russo-Persa (1826-1828) mais uma vez a Pérsia foi derrotada e o Tratado de Turkmenchay completou a conquista russa no Cáucaso do Sul ao garantir o controle e soberania sobre canatos, onde atualmente ficam a Armênia, uma parte do Azerbaijão e pequena parte da Turquia.

Além dos conflitos russos-persas, a Rússia também se envolveria em diversas guerras com o Império Otomano durante o século XIX. Essas guerras muitas vezes coincidiram com os conflitos russos-persas e colocaram a região do Cáucaso sob completo caos. Um desses casos seria a Guerra Russo-Turca (1828-1829) que terminou com o Tratado de Adrianopole (1829) com a conquista russa da grande parte da costa leste do Mar Negro, de Canatos armênios, entre outros territórios fora do Cáucaso. Além da guerra contra outros impérios, a Rússia desde o fim do século XVIII, tentava empreender invasões bem sucedidas na região do Cáucaso do Norte. Elas colocaram o povo circassiano⁵⁶, de maioria islâmica, contra os russos e durante quase trinta anos as áreas do Dagestão e Chechênia foram um Estado conhecido como o Imamato Caucasiano (CORNELL, 2001, P.12).

A conquista total do Cáucaso pela Rússia se daria, no entanto, apenas na segunda metade do século XIX. Isso porque o Cáucaso do Norte sofreria com duas guerras envolvendo seus povos e o Império Russo. A Conquista russa da Chechênia e do Daguestão levaria quase 30 anos de batalhas (1820-1859) e foi tão impactante para sua época que seria retratada depois em livros de Leon Tolstói⁵⁷. Além dela, a sangrenta Guerra Russo-Circassiana que ocorreria entre 1863 e 1864 selaria o controle russo no Cáucaso do Norte e a submissão das tribos da região à lei russa⁵⁸ (CORNELL, 2001,

⁵⁵ Khanato ou Canato é considerado um território governado por um Khan ou Cão em português, um príncipe ou chefe político.

⁵⁶ O povo circassiano era composto por doze tribos diferentes que viviam na região montanhosa do Cáucaso do Norte.

⁵⁷ Os livros de Leon Tolstói que abordam a conquista russa no Cáucaso são: *Os Cossacos* (1863) e *The Raid* (1852).

⁵⁸ Após a vitória russa no conflito o Império Russo empregou uma política de repressão aos povos circassianos que é atualmente reivindicada politicamente por esses povos como um genocídio, o Genocídio Circassiano.

p.13). O território do Cáucaso sob o controle russo ainda sofreria um ou outro acréscimo com a Guerra da Crimeia (1853-1856) e a Guerra Russo-Turca (1877-1888) sendo os mais importantes deles os portos de Batum ou Batumi e a cidade de Kars. A partir desse século de intensas batalhas, o Império Russo conquistou de vez um controle sobre o Cáucaso que só seria ameaçado nos períodos das duas guerras mundiais no século seguinte e, mesmo então, por pouco tempo; o domínio russo sobre o Cáucaso se manteria, com brevíssimas interrupções, até a desintegração da União Soviética em 1991 (CORNELL, 2001).

A posição estratégica do Cáucaso o tornou, durante a História, um constante alvo das disputas estratégicas dos impérios. Essa recorrência histórica é explicável a partir da geopolítica. Sua posição entre dois importantes mares para as rotas comerciais assim como sua localização ligando dois continentes foram determinantes para que diferentes impérios próximos da região almejassem conquistar o controle sobre a mesma. A posição geográfica já havia selado a história do Cáucaso até o século XIX. O que foi uma surpresa a partir da segunda metade do período foi a (re)descoberta de um elemento da região, ou a descoberta de sua utilização a partir de novas tecnologias, que aprofundaria ainda mais o interesse dos impérios sob ela.

Foi durante o século XIX que as utilidades de um óleo que existia em profusão na região começaram a ser alvo de uma intensa pesquisa científica. A utilização desse óleo iria primeiro em direção à iluminação e ao ser uma alternativa para os recém-criados motores à combustão (YERGIN, 1993). Ao fim do século, passaria a mudar as estruturas das disputas bélicas, transformando o tabuleiro geoestratégico mundial e, posteriormente, seria expandida para a esfera civil se tornando a maior fonte energética mundial na metade do século XX. Esse óleo extremamente abundante na região era o petróleo e o aumento crescente de sua relevância a nível estratégico transformaria de vez a história já conturbada do Cáucaso.

3.2. O Petróleo no Cáucaso: uma história conturbada

No segundo capítulo deste trabalho foi feita uma recapitulação histórica do desenvolvimento da indústria do petróleo no século XIX. No Cáucaso, este período foi extremamente conturbado do ponto de vista sociopolítico, onde (como dito anteriormente) o território foi alvo de uma série de guerras envolvendo interesses geoestratégicos de grandes impérios fronteiriços à região. Certamente esses fenômenos

sociopolíticos foram causadores de um estado social extremamente tenso. No entanto, é impossível desconsiderar que o imperialismo exercido pelo Império Russo sobre a região, assim como o capitalismo selvagem exercido pelas empresas em busca de petróleo nas terras caucasianas, agravou uma situação já complicada. Uma série de fatores históricos aponta como o crescimento acelerado da indústria petrolífera a partir de 1850 também contribuiu para o estado de rebuliço social que teria seu ápice nas primeiras décadas do século XX.

O Cáucaso, a sede da indústria de petróleo russa, teve um crescimento estupendo no século XIX. Em determinado momento, a Rússia, via Cáucaso, chegou a ser tornar a maior extratora mundial de petróleo, extraíndo 16,7 milhões de barris de petróleo contra 14 milhões dos Estados Unidos (MIRBABAYEV, 2008, p.57). Apesar de não ter conseguido manter sempre este padrão (ANANICH, 2006, p.415), o Cáucaso garantiu ao Império Russo durante muito tempo o segundo lugar entre os maiores extratores de petróleo do mundo. Porém, apesar desse desenvolvimento em larga escala e da riqueza obtida com o óleo, o território caucasiano era uma das regiões mais mal administradas do império. As desigualdades eram latentes.

A indústria do petróleo no Cáucaso era, como dito no capítulo anterior, organizada por empresas estrangeiras, em geral britânicas. A família Rotschild, a família Nobel e a Royal Dutch-Shell tinham presença forte na região que em determinado momento chegou a contar com mais de 150 empresas de petróleo. Eram essas empresas que se beneficiavam dos lucros da indústria enquanto o império investia na russificação da Caucásia, o que ampliava as tensões locais. Além disso, as condições de trabalho e de vida na área eram absolutamente deploráveis para os trabalhadores da indústria do petróleo. Estes, na maioria das vezes vivendo solitários a trabalho, frequentemente lidavam com cargas de trabalho que chegavam a quatorze horas (YERGIN, 1991, p. 129).

A região onde atualmente se situa a Geórgia, por exemplo, tinha uma tradição bem consolidada de movimentos de resistência (KING, 2008, p.172). Sua construção social era feita por uma pequena classe média escolarizada, um crescente proletariado proveniente dos trabalhadores das malhas ferroviárias construídas para o escoamento do petróleo, trabalhadores em minas e uma nobreza ressentida pela russificação progressiva implementada pelo Império Russo. Somada a essa configuração social, colheitas desastrosas empurraram trabalhadores rurais para as cidades criando uma massa de

peças desempregadas, deslocadas e descontentes. Assim, para Charles King, o espaço georgiano era adequado para o crescimento de pensamentos progressistas e do movimento socialista (KING, 2008, p.172).

Na virada do século XX, organizações políticas clandestinas fomentavam demonstrações públicas de insatisfação e houve diversas greves organizadas por trabalhadores industriais. Também muitas vezes o May Day, dia de celebrações comemorado pela primeira vez em Tiflis⁵⁹ e considerado dia dos trabalhadores pelos socialistas, terminou em manifestações e confrontos entre os soldados do império e os manifestantes. Em 1901 foi organizada a primeira conferência da filial georgiana do Partido dos Trabalhadores Sociais Democratas Russos, a maior organização marxista do Império Russo (KING, 2008, p.172). A partir desse momento a estrada estava pavimentada para as demonstrações massivas de descontentamento e os protestos públicos que ocorreriam entre 1905 e 1917 e se alongariam até a declaração de independência da Geórgia.

Diferente de Tiflis (Tbilisi) e do espaço georgiano que em geral cresceram com base no comércio e na administração imperial, Baku era uma cidade em expansão clássica (KING, 2008, p. 173). A cidade crescia rapidamente com os poços de petróleo nos arredores e a indústria petrolífera bancando o seu desenvolvimento. Em 1893 havia 458 poços sendo operados na região, em 1914, às portas da guerra, havia 2541; em 1917 haviam cerca de 150 empresas diferentes de petróleo em Baku. Esse desenvolvimento, porém, era marcado por contrastes e desigualdades. Grandes partes do lucro obtido com o petróleo não ficavam na cidade em função dos repasses das empresas estrangeiras e para o governo russo. Além disso, o lucro que ficava em Baku era concentrado em poucas mãos e mal administrado.

A cidade se dividia em duas, a velha com design persa e árabe empobrecido pelo tempo e falta de manutenção enquanto a nova, mais ao leste, era um produto da riqueza garantida pelo petróleo. A cidade também havia se tornado um ótimo porto comercial

⁵⁹ A partir dos anos 1930 Tiflis passou-se a chamar Tbilisi. A cidade georgiana que resistira às campanhas persas de 1795 reunia características contrastantes. Partes dela continuaram destruídas pelas batalhas enquanto outra parte da municipalidade unia políticos e empresários do setor de mineração assim como de setores de transportes do petróleo, o que impulsionou o seu desenvolvimento. Assim como todo o Cáucaso, Tiflis era um ponto de fluxo comercial com pequenas manufaturas e, por isso, abrigava em seu espaço a vinda de trabalhadores de diferentes culturas. Em 1811 a cidade tinha cerca de 8 mil habitantes. Esse número saltou para 60 mil em 1864 e incríveis 190 mil habitantes em 1902. Esse crescimento tornou a cidade o sexto maior centro urbano do Império Russo no período do estopim da Primeira Guerra Mundial.

para produtos vindos do Mar Cáspio. Suas ferrovias criadas pelo boom do petróleo também ligavam a região até Poti e Batumi no Mar Negro, assim como ao norte do Cáucaso até Derbent e Petrovsk (KING, 2008).

Baku era um grande centro comercial em expansão e o resultado disso foi um grande fluxo de pessoas na cidade alcançando a marca de 200 mil habitantes no início dos anos 1900. A sua riqueza, largamente marcada pelo petróleo, criou relações sociais tensas entre seus habitantes (KING, 2008, p.175). Dentro das classes sociais mais abastadas havia disputas entre novos empresários e antigas elites. Por outro lado, havia uma massa de jovens buscando empregos nas indústrias de petróleo formando assim um proletariado industrial considerável. Também havia na região um histórico de discórdia comunitária entre armênios cristãos e azerbaijanos mulçumanos (KING, 2008, p.175). O território de Baku, assim como a maior parte do Cáucaso, era um dos mais propensos a conflitos sociais dentro do Império Russo.

Enquanto nos campos no Cáucaso as insurreições costumeiras na região durante todo o período imperial se intensificavam, nos arredores de Baku ocorreram duas grandes greves gerais em 1903 e 1904 (KING, 2008, p.175). Elas foram causadas pelas péssimas condições de trabalho e pela crescente exploração conduzida pelas empresas de petróleo na região. Partidos socialistas agitavam os trabalhadores a se rebelarem contra essa situação de diversas formas, dentre elas via o contrabando clandestino da Europa para Baku do jornal *Iskra*, de Vladimir Ilyich Lenin, feito a partir das redes ferroviárias construídas para a distribuição nacional de petróleo (YERGIN, 1991, p.129). Baku e a indústria de petróleo ainda foram um campo de treinamento enriquecedor para os projetos dos líderes Bolcheviques e seus discípulos, entre eles um jovem georgiano de nome Joseph Djughashvili, codinome Koba, que anos depois se tornaria Joseph Stalin.

Stalin, ainda sob codinome Koba, cresceu rapidamente nas organizações socialistas em plena atividade em um Cáucaso movimentado pelo petróleo. Em 1901 ele se tornou organizador socialista chefe de Batumi, fomentando greves e protestos contra a indústria petrolífera local, incluindo uma longa greve contra os Rothschild que resultou na primeira de suas oito prisões (YERGIN, 1991, P.129). Em 1903 os trabalhadores de Baku decidiram entrar em greve. O movimento se espalhou pelo império culminando na primeira greve geral nacional da Rússia imperial. De forma geral, apesar do boom da indústria do petróleo, a Rússia passava por um momento delicado política e

economicamente falando. As tensões foram intensificadas pela Guerra Russo-Japonesa (1904-1905) e a consequente derrota do império no conflito, um marco que referendou para o Sistema Internacional não apenas o Japão como uma das novas potências imperialistas, como também a queda de força e status da Rússia.

A derrota na guerra somada aos problemas agrários, políticos internos e as questões nacionais no multiétnico império culminaram com o que ficou conhecida como a Revolução Russa de 1905. Esse cenário impulsionou os movimentos operários contra os empresários de petróleo e o próprio regime no Cáucaso. Em 1905, quando as notícias sobre o Domingo Sangrento chegaram à região, os trabalhadores do setor de petróleo organizaram mais uma greve geral em locais como Batumi e Baku (YERGIN, 1991, p.130).

Em agosto do mesmo ano a agitação social atingiu seu clímax e trechos inteiros de Baku foram incendiados. Diversas instalações de petróleo foram destruídas assim como fábricas têxteis. Empresas internacionais foram fechadas e seus gerentes foram obrigados a fugir da cidade (KING, 2008, p.175). Apesar de a lei marcial ter sido imposta, a violência controlou as ruas e a motivação da revolta se tornou difusa; o ideal socialista contra os petroleiros disputou lugar com as questões étnico-religiosas comunitárias. Amedrontados com o perigo revolucionário, oficiais do governo se utilizaram dessas discórdias e armaram mulçumanos que destruíram bairro e propriedades armênias, assim como massacraram os próprios cristãos armênios, inclusive os líderes da indústria do petróleo (YERGIN, 1991, p.130).

Para a Rússia, o resultado do ano de 1905 foi desastroso. Apesar da Revolução de 1905 ter sido contida, o império viu dois terços de seus poços de petróleo (a grande maioria no Cáucaso) serem substancialmente danificados, as exportações colapsaram e o mercado conquistado pelo petróleo russo foi largamente perdido para a Standard Oil Company (YERGIN, 1991, p.131). Em relação ao Cáucaso, houve a ferida social profundamente aberta com os massacres armênios em regiões como as da cidade negra e a destruição de diversas cidades. A região também ficou marcada pelos assassinatos de grandes líderes da indústria de petróleo a exemplo do chefe da Nobel, assassinado nas ruas de Batumi, e pela força conquistada pelos trabalhadores do petróleo da região conseguiram eleger deputados bolcheviques para a Duma.

As tensões entre a indústria de petróleo, o Império Russo e os trabalhadores do Cáucaso não diminuiriam. Nos anos seguintes elas continuariam existindo agora sob a pressão de melhorias nas condições de trabalho. Era comum que grande parte dos trabalhadores vivesse em péssimas condições nas proximidades dos poços de petróleo e sob a jurisdição de seus próprios empregadores, o Conselho dos Industriais do Petróleo (SUNY, 1972, p.377). Apesar dos salários, em média, serem mais elevados do que trabalhadores do resto da Rússia, em 1907 novas greves foram iniciadas pelas exigências de bonificações feitas pelos trabalhadores. Líderes bolcheviques enviaram novamente Stalin, agora livre, para a região de Baku para organizar os protestos e greves que continuariam mesmo após 1910 quando este foi preso novamente. Os levantes trabalhistas continuariam inclusive durante a Primeira Guerra Mundial afetando a produção industrial e contribuindo ainda mais para o ódio étnico na região (KING, 2008, p.176).

Apesar da queda brusca na produção do petróleo no Cáucaso em 1905 e de toda a tensão existente no início do século XX na Rússia que culminaria na Revolução de 1917, o que se viu no Cáucaso entre 1906 e 1917 foi, surpreendentemente, um período de abertura de novos poços de petróleo em cidades como Maykop, Surakhani e Grosny. A produção retomou parte da sua força e relevância, ainda que distante do volume pré-1905, como pode ser visto nas tabelas abaixo:

Tabela 6: Produção de petróleo cru nos quatro poços de petróleo de Baku entre 1889 e 1919⁶⁰ (em milhões de poods)

⁶⁰ KANO; KELLY, 1977, p. 334.

TABLE 7 a

CRUDE OIL PRODUCTION IN THE FOUR OLD BAKU FIELDS: 1889-1919
(in millions of poods)

Year	Balakhany	Notes	Sabunchi	Notes
1889	76.	3	98.5	3
1890	72.5	3	134.8	3
1891	86.	3	151.7	3
1892	69.9	3	142.3	3
1893	71.1	3	133.	3
1894	69.6	3	132.4	3
1895	76.9	3 = 5	142.	3 = 5
1896	90.4	3 + 5	147.8	3 = 5
1897	100.4	3 + 5	162.6	3 = 5
1898	108.9	3 + 5	179.8	3 ^a
1899	114.9	3 = 5	230.8	3 = 5
1900	124.7	3 = 5	251.6	3 = 5
1901	117.8	3 = 5	295.3	3 = 5
1902	101.5	4	267.2	4 (= 3 = 5)
1903	88.7	4	230.4	4 (= 3 = 5)
1904	82.0	4	218.1	3 = 5 = 7 ^b
1905	56.3	3 + 5	139.2	3 = 5
1906	67.9	3	156.9	3
1907	71.3	3	184.0	3
1908	70.2	3	198.8	3
1909	72.9	3	207.0	3
1910	68.2	3	195.0	3
1911	63.8	3	175.8	3
1912	65.3	3	170.4	3
1913	65.7	3	160.3	3
1914	67.0	3	143.8	3
1915	66.8	7	143.1	7
1916	63.5	7	128.1	7
1917	50.6	7	103.1	7
1918	27.3	7	49.0	7
1919	30.7	7	57.0	7

Tabela 7: Produção de petróleo cru nos quatro poços de petróleo de Baku entre 1889 e 1919⁶¹ (em milhões de poods)

TABLE 7 b

CRUDE OIL PRODUCTION IN THE FOUR OLD BAKU FIELDS: 1889-1919
(in millions of poods)

Year	Romany	Notes	Bibi-Eybat	Notes
1889	—	—	17.8	3
1890	1.5	3	18.	3
1891	13.	3	23.9	3
1892	41.	3	33.3	3
1893	73.1	3	47.5	3
1894	61.7	3	33.8	3
1895	111.4	3 = 5	47.1	3 = 5
1896	78.1	3 = 5	69.8	3 = 5
1897	96.2	3 + 5	62.5	3 = 5
1898	100.5	3 = 5	96.5	3 = 5
1899	98.6	3 = 5	80.8	3 = 5
1900	114.8	3 = 5	109.2	3 = 5
1901	124.1	3 = 5	133.6	3 = 5
1902	139.9	4 (= 3 = 5)	127.4	4 (= 3 = 5)
1903	119.9	4 (= 3 = 5)	157.3	4 (= 5)
1904	133.4	3 = 5 ^a	181.1	4 (= 3 = 5)
1905	87.2	3 + 5	126.7	3 = 5
1906	95.3	3	127.6	3
1907	89.5	3	131.2	3
1908	78.2	3	119.6	3
1909	87.6	3	122.7	3
1910	96.1	3	118.7	3
1911	83.1	3	102.5	3
1912	78.7	3	104.6	3
1913	70.5	3	93.8	3
1914	55.1	3	72.1	3
1915	53.8	7	79.1	7
1916	48.2	7	89.6	7
1917	48.1	7	61.1	7
1918	24.4	7	32.1	7
1919	36.6	7	37.5	7

⁶¹ KANO; KELLY, 1977, p. 335.

Tabela 8: Produção de petróleo cru em outros poços de petróleo no Cáucaso entre 1889 e 1919⁶² (em milhões de poods)

TABLE 8 a

CRUDE OIL PRODUCTION IN OTHER FIELDS: 1889-1919
(in millions of poods)

Year	Groznyy	Notes	Binagady	Notes
1889	.8	7		
1890	2.2	7		
1891	1.4	7		
1892	1.3	7		
1893	8.0	7		
1894	5.2	7		
1895	28.4	7		
1896	17.2	5	.03	5
1897	27.6	5	.20	5
1898	17.7	5	.23	5
1899	25.2	5	.21	5
1900	30.7	5	.41	5
1901	34.7	5	.47	5
1902	34.1	5	.49	4 (= 5)
1903	32.8	5	.26	4 (= 5)
1904	40.1	5	.30	4
1905	43.1	5	.34	5
1906	40.0	5	.3	1 = 3 = 6
1907	39.4	7 (= 1 = 6)	3.2	1 + 3 + 6*
1908	52.1	7 (= 1 = 6)	3.5	1 + 3 + 6*
1909	57.0	7 (= 1 = 6)	5.1	1 + 3 + 6*
1910	74.0	7 (= 1 = 6)	6.1	1 + 3 + 6*
1911	75.2	7 (= 1 = 6)	7.0	1 = 6
1912	65.4	7 (= 1 = 6)	15.1	1 + 6 + 7*
1913	73.7	7 (= 1 = 6)	20.6	1 + 6 + 7*
1914	98.4	7 (= 1 = 6)	24.3	1 + 6 + 7*
1915	88.1	7 + 6	36.3	6 + 7*
1916	102.7	7	44.6	7
1917	107.7	7	36.6	7
1918	25.2	7	—	—
1919	37.7	7	15.1	7

Tabela 9: Produção de petróleo cru nos outros poços de petróleo no Cáucaso entre 1889 e 1919⁶³ (em milhões de poods)

TABLE 8 b

CRUDE OIL PRODUCTION IN OTHER FIELDS: 1889-1919
(in millions of poods)

Year	Surakhany	Notes	Sviatoy	Notes
1900				
1901				
1902				
1903				
1904			.5	6
1905			.4	1 = 6
1906			.5	1 = 6
1907	.2	1 = 6	.2	1 = 6
1908	.3	1 = 6	1.1	1 = 6
1909	1.7	1 = 6 = 7	1.7	1 = 6 = 7
1910	10.4	1 = 6 = 7	1.4	1 = 6 = 7
1911	19.7	1 = 6 = 7	2.6	1 = 6 = 7
1912	31.4	1 = 6 = 7	3.3	1 = 6 = 7
1913	39.7	1 = 6 = 7	4.7	1 = 6 = 7
1914	51.3	1 = 6 = 7	5.9	1 + 6 + 7
1915	61.5	6 + 7	6.8	6 + 7
1916	96.6	7	6.8	7
1917	96.4	7	6.9	7
1918	50.9	7	3.0	7
1919	47.4	7	3.0	7

As revoltas na região do Cáucaso afetaram a produção industrial e de petróleo no Cáucaso. Esse impacto colocou a região em uma posição de retaguarda no mercado

⁶² KANO; KELLY, 1977, p. 336.

⁶³ KANO; KELLY, 1977, p. 337.

mundial de petróleo. No entanto, como é possível ver pelos números de produção entre 1906 e 1917, o Cáucaso demonstrou uma capacidade de produção de petróleo que o manteve como a mais importante fonte de petróleo da periferia imediata da Europa (YERGIN, 1991, p. 133). Por esta razão e em concordância com o autor Daniel Yergin, é possível afirmar que apesar das tensões, o Cáucaso se tornaria um dos maiores e mais decisivos prêmios a ser conquistado pelas Grandes Potências nas guerras sistêmicas vindouras (YERGIN, 1991, p. 133).

3.3. O petróleo caucasiano na guerra: objeto de desejo e disputas

Durante a Primeira Guerra Mundial, a Geopolítica e o Imperialismo entraram em voga. Os Estados-Impérios utilizaram-se dos dois para obter não apenas força, mas também conquistas estratégicas relevantes para a guerra. Essas conquistas muitas vezes apontaram no sentido de conseguir extrair de estados mais vulneráveis (periféricos) recursos para manter as posições privilegiadas no Sistema Interestatal Capitalista. A Geopolítica do Petróleo nasce ainda discreta, às portas da Primeira Guerra Mundial, com esse objetivo.

Como analisado no segundo capítulo deste trabalho, a partir de 1880 a maioria dos impérios começou a se preparar efetivamente para uma guerra a qual a maioria deles não pretendia efetivamente travar àquela altura. Com o passar dos anos, mostrou-se cada vez mais claro que um conflito na Europa era apenas uma questão de tempo e, apesar de não ser (ainda) a principal matriz energética militar, a adaptação tecnológica do petróleo para o setor militar o tornara uma fonte energética estratégica para as Grandes Potências.

A partir desta seção e nas próximas serão abordados os interesses das grandes potências em relação ao Cáucaso e se tentará mensurar o papel do petróleo caucasiano na formação desses anseios sobre a região. Este trabalho aborda, principalmente, os interesses geopolíticos do Império Britânico, Russo e Alemão. Além destes, também se faz necessária a análise das ambições do fragilizado Império Otomano, dado o seu investimento de forças militares em busca da conquista do espaço do Cáucaso durante o conflito por motivos que serão explicitados a frente.

Os capítulos anteriores puderam demonstrar as ambições do Império Alemão que se unificara sob um projeto de conquista de poder global. Eles também mostraram, com alguma profundidade, alguns dos imperativos geográficos que moldavam os interesses e

atuações geopolíticas da Alemanha do Kaiser Guilherme II. Como apontado anteriormente, a Alemanha era uma potência em pleno desenvolvimento. No aspecto geográfico, seu território se situava no centro da Europa, próximo a outras potências que disputavam posições dentro da hierarquia do sistema mundial. Sob a ótica do Poder Global de José Luis Fiori (2004), essa pressão competitiva por espaços na Europa levou à unificação alemã e imputou aos alemães a necessidade de manter uma força militar terrestre sempre relevante para se proteger de seus vizinhos. Ao estar posicionada geograficamente no centro do continente, a Alemanha convivia com limitações ao seu acesso aos mares, algo que dificultava suas ambições de conquistar posições ultramarinas que pudessem prover o Império Alemão com recursos naturais e novos mercados para abastecer sua indústria.

A partir da sua formação estatal que gerou uma unificação da moeda, dívida pública, banco central na Alemanha, o Estado alemão passou a contar com mais investimentos tanto para suas indústrias quanto para seus exércitos. Esses investimentos foram utilizados em larga escala e a Alemanha se tornou em poucas décadas uma potência militar totalmente industrializada. No entanto, ainda faltava à Alemanha possessões que suprissem a nova oferta de produtos alemães e oferecessem recursos baratos ao Império Alemão (HOBSBAWM, 1988).

Nesse contexto e com os avanços feitos no uso do petróleo na sua armada naval, que era considerada um dos pilares do projeto militar alemão, o Cáucaso com sua abundância de petróleo tornou-se um alvo do interesse germânico. Porém, desde a conquista da região pelos russos no século XIX até o início da Primeira Guerra Mundial, o Cáucaso esteve sob um forte controle do Império Russo. Diante disso e do pouco espaço para disputas coloniais com as outras potências, a solução encontrada pelo kaiser Guilherme II foi se aliar ao Império Otomano em busca de conseguir explorar a Anatólia e se aproximar da Índia, Oriente Médio e do Cáucaso. Os interesses geopolíticos em estreitar laços com os otomanos ficam claros na mensagem que o chefe do Comando Geral Alemão, Helmuth Moltke, para o Escritório de Relações Exteriores em 1914:

"After being informed of the secret accord signed between Germany and Turkey on 2 August, Moltke instructed the Foreign Office three days later that 'revolution in India and Egypt, and also in the Caucasus, is of the highest importance. The treaty with Turkey will make it possible for the Foreign Office to realize the idea and to awaken the fanaticism of Islam" (MCMEEKIN, 2010, p. 86)

O tratado citado era a aliança secreta realizada entre Alemanha e Império Otomano, em agosto de 1914, que previa assistência mútua no caso de hostilidades internacionais (KING, 2008, p. 154). A aliança era estratégica em três sentidos. Primeiro porque a Alemanha esperava que o Império Otomano conseguisse cortar as comunicações russas com o resto do mundo através do Mar Negro (REYNOLDS, 2011, p. 120). Depois, ela garantiria apoio militar aos alemães em uma área que apesar de importante, se tornaria mais um front de batalha em uma guerra na qual a Alemanha já tentava evitar lutar em duas frentes durante um longo período⁶⁴. Além disso, parte da estratégia alemã em relação ao Cáucaso (e também para outras regiões) era, via Império Otomano, fomentar um afã islâmico nacionalista sob o poder de outros impérios até que essas populações mulçumanas se rebelassem contra seus dominadores da Tríplice Entente.

"Enver Pasha, the Ottoman War Minister who consulted almost daily with the German Ambassador, was fully on board, although Turkey had not yet entered the war. According to Wangenheim, Enver had already dispatched agents to spread the word of the coming jihad to Afghanistan, the Caucasus, Baghdad, Benghazi and Cairo." (MCMEEKIN, 2010, p. 87).

Os conceitos da Guerra Santa e do Jihad foram incentivados pelos alemães inclusive para o Império Otomano que em novembro de 1914 proclamaria a Jihad ou Guerra Santa (FROMKIN, 2010, P.109) ao Império Britânico. Existem divergências entre historiadores quanto a mensuração da eficácia do plano germânico-otomano para a Jihad como uma arma para a Primeira Guerra Mundial (FROMKIN, 2001; MCMEEKIN, 2010). Porém, não há dúvidas quanto a existência de evidências de que de fato o plano existiu e foi empregado em diversas regiões do Cáucaso, como no Daguestão durante a guerra (MCMEEKIN, 2010, p.88).

Outro evento histórico do qual não se tem dúvidas é a insistência alemã em relação a uma posição otomana no conflito em 1914. No momento em que se inicia a guerra o Império Otomano, sob o controle do Comitê União e Progresso ou Jovens Turcos, passava por um lento processo de esfacelamento político e territorial. Esse movimento em direção a fragmentação e pulverização do império tivera início a partir de um cenário de avanços

⁶⁴ O Plano Schlieffen (1905) foi a estratégia militar utilizada pela Alemanha na Primeira Guerra Mundial. Ele previa a Alemanha em um conflito de duas frentes, onde haveria um esforço de guerra direcionado no Front Ocidental visando imprimir uma rápida vitória à França e assim seria possível um deslocamento rápido para fortalecer o Front Oriental onde o avanço russo era considerado mais lento devido à organização e tamanho desse exército. O Plano era direcionado a evitar a entrada imediata da Grã-Bretanha no conflito e assim enfraquecer o Front Ocidental tornando possível o combate em duas frentes por um breve período.

do Império Russo e do Império Austro-Húngaro sobre os Balcãs ainda durante o século XIX como mostra a imagem abaixo:



1. Dismemberment of the Ottoman empire, 1878–1913

Mapa 1: Desmembramento do Império Otomano (1878-1913)⁶⁵

Frágil, o Império Otomano sobreviveu ao século XIX em parte dado o apoio dos outros grandes impérios que procuraram manter a todo o custo manter o *status quo* dentro do Sistema Internacional (MCMEEKIN, 2010, p.101). Após a Guerra da Crimeia, no entanto, foi apenas com o Império Alemão que os laços se estreitaram. A aproximação foi benéfica aos dois Estados e a relação teve grandes frutos para os otomanos como a renovação do exército do Sultão e o apoio financeiro-logístico alemão recebido após a Guerra da Crimeia. Pelo lado alemão, a construção da ferrovia Berlim-Bagdá possibilitou a Alemanha aumentar sua influência sob outros territórios ricos em recursos estratégicos para os germânicos como ferro, aço e petróleo.

Essa relação viria a se estreitar ao longo dos anos com cada vez mais influência alemã nos governos otomanos⁶⁶. No início da Primeira Guerra Mundial o Império

⁶⁵ REYNOLDS, 2011, p. 16.

⁶⁶ Em 1908, foi organizada no Império Otomano uma união de nacionalistas turcos modernos e secularistas, dentre os quais diversos oficiais militares, que questionava e culpava o Sultão Abdul Hamid II pelas constantes derrotas políticas e militares internacionais. Essa união ficou conhecida como os Jovens Turcos e ganhou apoio das massas ao longo de seus protestos públicos e de grupos políticos dissidentes ao se transformar em Comitê União e Progresso. O Comitê liderou uma rebelião que obrigou o sultão a reinstaurar a constituição e o parlamento em 24 de julho daquele ano. Em 1909, após uma tentativa frustrada de contrarrevolta, o sultão foi deposto e seu irmão Mehmed V foi coroado, porém apenas como uma figura simbólica. No ano de 1913, em meio a seguidas derrotas na Guerra dos Balcãs, os Jovens Turcos

Otomano se manteve neutro, apesar da crescente pressão alemã por apoio. O governo dos Jovens Turcos hesitava em se envolver em uma guerra contra Rússia, Grã-Bretanha e França de uma vez (KING, 2008, P. 154). Foram os interesses estratégicos no Cáucaso e em regiões próximas que finalmente puseram os otomanos em guerra pelo lado da Tríplice Aliança.

A Guerra dos Bálcãs (1912-1913) haviam quase eliminado o Império Otomano da Europa. Dessa forma, as ambições e interesses otomanos se voltaram para as regiões mais próximas à Ásia e o Cáucaso, que parecera inacessível anos antes, voltou a um ser alvo de interesse. A Grande Guerra foi vista como uma possibilidade única de reaver os territórios perdidos no século anterior e ainda aumentar sua esfera de influência até o Cáucaso do Norte, o que garantiria aos otomanos não apenas o petróleo (que eles sabiam que disputariam com os alemães), mas também a existência do próprio império.

Ao fim desse processo, o Império Otomano entrou na guerra entre outubro e novembro de 1914 dando apoio a Bulgária, ao Império Alemão e ao Austro-Húngaro na Campanha Balcânica. Também esteve presente no Teatro do Oriente Médio e foi o maior responsável pelos esforços militares nas Campanhas do Cáucaso e Persa no Teatro Oriental.

Pelo lado da Tríplice Entente, o Império Britânico empreendera, nos anos antes da guerra, um grande esforço e vultosos investimentos nas suas armadas, com destaque para a *Royal Navy*. Esses investimentos que continuariam ao longo da guerra foram em geral empregados na construção de novos navios movidos a petróleo e o óleo pouco a pouco se juntou ao carvão como uma das fontes energéticas militares relevantes para a Grã-Bretanha. Com as transformações rápidas ocorrendo nas forças armadas britânicas e o petróleo cada vez mais relevante para a guerra, ter o controle sobre as fontes de petróleo no mundo se tornou um imperativo estratégico britânico, como é possível observar no comentário de Winston Churchill em 1912 na Comissão Real para o Petróleo e o Motor movimento a Petróleo: "We must become the owners or at any rate the controllers at the source of at least a proportion of the oil which we require."⁶⁷ (SLULGETT, 1976apudENGDAHL, 2007; YERGIN, 1991, p.160).

organizaram um golpe de Estado e criaram um triunvirato ditatorial que governaria o império até a sua dissolução. (WINEGARD, 2016, p. 26-27).

⁶⁷ Tradução livre: Nós devemos nos transformar em donos ou ao menos controlar fontes de pelo menos uma parte do petróleo ao qual nós necessitamos.

Em 1913, uma das prioridades de segurança nacional da Inglaterra era assegurar grandes reservas de petróleo fora do território britânico porque apenas 2% da produção mundial do óleo era extraída dentro do império (MOHR, 1926apudENGDAHL, 2007). Como explorado em outros capítulos, já na primeira década de 1900 o Império Britânico utilizaria geopoliticamente suas empresas de petróleo, conquistando por meio delas longas concessões na região do Oriente Médio e garantindo algum nível de fornecimento de petróleo (ENGDAHL, 2007, p. 2047). A proteção dessas concessões de petróleo em território persa era uma questão absolutamente relevante para os britânicos que destacaram o exército indiano para protegê-las em 1915 (WILLIAM, 2010, p.25-26).

Em relação ao Cáucaso, existem divergências quanto as motivações reais para os movimentos britânicos durante a Grande Guerra (e logo após a mesma) na região. A Grã-Bretanha se fez presente no Cáucaso com forças militares suas apenas em 1917, já no último ano de guerra. Antes, a Campanha do Cáucaso fora palco de embates entre o Império Russo e Império Otomano. Por diversos motivos que variam entre a importância da proteção de seus territórios, com destaque para a Índia, até o interesse geopolítico na região da Mesopotâmia, a influência sobre o Cáucaso não foi considerada um objetivo prioritário britânico nos primeiros anos da guerra. Porém, com caos estatal que o império russo sofreu em meio a Revolução Russa de 1917 e a Paz de Brest Litovsk em março de 1918, o Cáucaso e seu petróleo se tornaram alvo de interesses externos, inclusive britânicos.

É a partir da ocupação britânica no Cáucaso em 1918, onde se encontram certas divergências em estudos que exploram as motivações que levaram a Grã-Bretanha a enviar uma missão militar para a região e ocupá-la por um período (GHAZARIAN, 2016, p.3). Nesses estudos existe certo consenso de que um dos maiores motivos para a formação da missão militar foi causada, em parte, com o objetivo de evitar que alemães e otomanos conquistassem acesso aos enormes suprimentos de petróleo que provinham dos poços do Cáucaso (O'CONNOR; HEFFERNAN, 2006, p.63). Essa preocupação é expressada inclusive no livro de memórias do primeiro ministro britânico Lloyd George, onde o mesmo diz:

“Russia had deserted the Entente and signed a separate peace with Germany...We could not acquiesce in the vast accession of strength which Prussian Imperialism stood to gain from its treaty spoils, especially from its dominance over the Ukraine and...the vast oil deposits of the Caspian. If Germany succeeded in provisioning itself from these sources, the whole effect

of our blockade would be lost.” (WINEGARD, 2016apudLLOYDGEORGE, 1933)

No entanto, autores se dividem quanto aos outros objetivos do Império Britânico com a ocupação. Parte da historiografia sobre o período indica que existia um interesse britânico na extração e na exportação do petróleo da região como eles ambicionavam na Mesopotâmia (GHAZARIAN, 2016, p.8). Para os autores adeptos dessa visão, o Cáucaso seria também uma rota para a conquista total do petróleo da Mesopotâmia que seria dividido nos tratados do pós-guerra.

Por outro lado, existem evidências de que ao invés da exploração do petróleo, os formuladores de políticas britânicos tomaram outra rota e o controle de cidades estratégicas como Baku, Batumi e Tbilisi serviu ao Império Britânico para a obstrução da exploração e exportação petrolífera (GHAZARIAN, 2016, p.8). Para Matthew Ghazarian em seu artigo *Obstruction as Power: Rethinking Britain's Caucasus Occupation 1918–20*, existiu uma utilização militar do petróleo da região onde o comando britânico garantiu o abastecimento de sua frota no Mar Negro (GHAZARIAN, 2016, p.6).

Esse apontamento, de fato, confere com as necessidades da *Royal Navy* a partir de 1917. O memorando "The Petroleum Position", enviado ao Gabinete de Guerra em 16 de agosto de 1917 atesta os baixos estoques de petróleo britânico, a manutenção da ação da marinha real abaixo da sua capacidade e suscitava o governo a, entre outras medidas, garantir controle sobre novas fontes de petróleo⁶⁸. No entanto, o autor entende que o grande objetivo do envio de tropas ao Cáucaso teria sido assegurar à Anglo-Persian Oil Company melhores condições de competição no mercado internacional ao impedir a exploração do petróleo do Cáucaso pela Royal Dutch Shell⁶⁹⁷⁰.

Para Ghazarian, houve uma clara política de obstrução da exportação do petróleo da região, principalmente para a França e a empresa anglo-holandesa Royal Dutch Shell.

⁶⁸ O memorando demonstrava que a marinha britânica operava com menos de um terço do necessário de petróleo. Esse número ainda tinha tendência de piora com a entrega de novos navios de guerra movidos a óleo. Fonte: NA, CAB/24/23, Memorandum Long, 16 August 1917.

⁶⁹ Apesar da Royal Dutch-Shell ter 40% de ações britânicas, o governo britânico preferiu apoiar uma empresa totalmente britânica para assegurar não apenas o crescimento da empresa no mercado petrolífero mundial como para garantir um fornecimento totalmente seguro de petróleo para suas necessidades militares.

⁷⁰ Em 1912 a Royal Dutch Shell havia comprado todas as possessões de petróleo pertencentes aos Rotschild na região do Cáucaso (WINEGARD, p. 58).

Essa visão se apoia em fontes como as cartas trocadas pelo Comissário Geral de Produtos de Petróleo na França, senador Henry Bérenger, e o Primeiro Ministro francês em 1919:

"This policy of stopping our purchases in the United States is possible only insofar as it can be immediately replaced with a policy of purchasing in Eastern Europe. The English have perfectly understood this, and it is for this reason that their agents want to get their hands on all the oil of the Caucasus, which is, for them, one of the principal keys to the oil of Persia and Mesopotamia."
(GHAZARIAN, 2016, p.8)

Além delas, também suporta essa tese as evidências de que o governo francês e a Royal Dutch Shell passaram todo o ano de 1919 em busca de um acordo com os britânicos para a extração de petróleo na região sem sucesso (GHAZARIAN, 2016, p.6-7). Ghazarian formula duas explicações para essa política de obstrução: obrigar a França a abrir concessões nas negociações dos tratados que envolveram a divisão do petróleo do Oriente Médio e diminuir a competição para o petróleo da Anglo-Persian Oil Company situado na Mesopotâmia (GHAZARIAN, 2016, p.9).

As estatísticas do período não trazem conclusões concretas sobre a existência ou não de uma obstrução da extração/exportação do petróleo no Cáucaso no período (GHAZARIAN, 2016, p.4-5). O que existe são indícios retirados de documentos e cartas entre oficiais franceses, empresários de empresas estrangeiras e mesmo de oficiais britânicos interessados em uma força maior na ocupação britânica na região. Esses indícios apontam, de fato, na direção de uma atuação britânica no sentido de impedir o desenvolvimento do petróleo do Cáucaso.

De toda a forma, fica evidenciado a partir de diferentes visões que, ao contrário da visão de David Fromkin (FROMKIN, 2001, p.29), a Grã-Bretanha tinha, por certo, interesses em petróleo na região do Cáucaso. Esses interesses não podem ser considerados como uma ambição prioritária britânica porque as historiografias e a própria História evidenciam outras regiões petrolíferas como os assuntos de segurança nacional britânica no período. Porém, é possível a partir desta pesquisa perceber que o petróleo no Cáucaso, em alguma medida, compeliu a Inglaterra a traçar estratégias de ocupação para o Cáucaso ainda na Primeira Guerra Mundial.

Por fim, o outro grande império a estar envolvido diretamente com a Campanha do Cáucaso foi, claro, o Império Russo. Dado que durante o capítulo foi demonstrada a história da conquista russa no Cáucaso, não resta tanto a esclarecer sobre os interesses geopolíticos russos na região. O que se pode ressaltar é que a própria possessão do

território do Cáucaso pelo Império Russo o tornou um interessado direto na região durante a Primeira Guerra Mundial.

Como mencionado anteriormente, no caso da região, sua posição geopolítica era considerada extremamente estratégica por diversos motivos. Geograficamente ela possibilitava a circulação entre dois continentes, ampliava a costa marítima russa ao longo do Mar Negro e no Mar Cáspio e estava situada próxima a outras regiões de interesse para os russos como a Mesopotâmia. Além desses fatores, a região ainda continha recursos naturais como as imensas reservas de petróleo com uma importante infraestrutura de gasodutos e ferrovias; suas cidades tinham populações entre as maiores do império e comércio nessa região era consolidado e forte, facilitado pela geografia local. Todos esses fatores continuavam a manter a região do Cáucaso como importante para os impérios próximos e os russos que haviam empreendido uma empreitada de conquista na região que durara quase 100 anos não foram exceção (KING, 2008, p.151).

Dentro desses aspectos, o petróleo, por certo, foi em alguma medida um dos interesses geopolíticos para os russos no Cáucaso. A indústria do petróleo russa àquela altura ainda detinha uma parcela da produção mundial mesmo após as rebeliões de 1905 que destruíram parte da sua infraestrutura; na produção interna, o petróleo do Cáucaso e da Ucrânia representavam 90% do produzido no império em 1914 (WINEGARD, 2016, p.40). Para uma Rússia que enfrentara diversas crises político-econômicas no começo do século XX, a posse de uma região rica em recursos e geograficamente estratégica significava a acumulação de riquezas (WINEGARD, 2016, p. 38). Essa preocupação em manter a região, seus recursos e riquezas sob o controle russo esteve presente durante a Frente do Cáucaso, onde o império investiu tropas ao preço da divisão do exército imperial.

Essa atenção russa para o Cáucaso teve uma breve interrupção com a Revolução Russa em março de 1917, o que reacenderia as disputas na região dados as ambições dos outros impérios envolvidos no conflito. No entanto, os russos não abandonariam a região que após o fim da guerra se tornaria alvo de diversas disputas. Antes de 1920 os bolcheviques enviariam parte do Exército Vermelho para garantir que o Cáucaso não fosse conquistado por outros impérios ou forças políticas dissidentes da região. Nesse momento o espaço do Cáucaso foi considerado um ambiente de disputa e conquista onde sua geografia privilegiada, seus recursos e sua infraestrutura foram considerados prêmios

valiosos. Essa exata reflexão foi expressa por Stalin em 1920: "In the end, who will establish himself in the Caucasus? Who will use the oil and the most important roads leading into the depths of Asia, the Revolution or the Entente? That is the whole question." (KING, 2008, p. 142).

De forma genérica, é legítimo afirmar que os impérios chegaram ao ano de 1914 com interesses e diferentes estratégias em torno do Cáucaso. Alguns com ambições mais latentes, outros não enxergavam a região como prioridade e essa regra também se aplica a relevância do petróleo caucasiano para esses poderes. O petróleo no geral, mas principalmente no Cáucaso, tem uma importância apenas marginal para a Primeira Guerra Mundial. No entanto, também foi possível mapear registros históricos que mostram que se não uma prioridade, o petróleo da região atuava como um estimulador para os formuladores de políticas e para os estrategistas dos grandes impérios durante a segunda década do século XX.

3.4. A Frente do Cáucaso (1914-1917)

"According to British Prime Minister David Lloyd George, 'The events in those forgotten and despised theatres in the East brought the war to an end in 1918; but for them it might have dragged its bloody course into the spring and summer of 1919.'" (LLOYDGEORGE, 1936apudWINEGARD, 2016)

Ao contrário de diversos outros teatros da Primeira Guerra Mundial, a Campanha do Cáucaso só teve início com a entrada do Império Otomano no conflito ao fim do ano de 1914. Por isso, no início dos combates, ainda no verão europeu de 1914, grande parte das forças russas no Cáucaso foi transferida para o Front Oriental, onde alemães e austro-húngaros tentavam imobilizar as tropas do czar e impedi-las de abrir uma rota em direção aos Bálcãs (KING, 2008, p.154). Assim, nos meses finais de 1914 o exército russo no Cáucaso consistia em cerca de cem mil soldados da infantaria, quinze mil na cavalaria além de cento e cinquenta mil voluntários (KING, 2008, p. 154). O número pode ser considerado importante, porém é revelador das preparações modestas se comparadas ao tamanho do Império Russo e dos preparativos militares em outras regiões.

Os primeiros ataques e combates entre o Império Otomano e o Império Russo na Campanha do Cáucaso aconteceram entre o fim de outubro e o início de novembro de 1914. Essas primeiras batalhas na fronteira russo-otomana resultaram em vitórias divididas para os Estados beligerantes. Este dividido encontro de forças impulsionou o Império Otomano a organizar estratégias ofensivas tanto na Frente do Cáucaso quanto na

Campanha da Pérsia. Torna-se válido citar, ainda que brevemente, a Campanha da Pérsia neste momento porque os planos envolvendo a ofensiva otomana visavam como um dos seus objetivos conseguir, através de uma invasão ao norte da Pérsia com o apoio de mulçumanos locais, alcançar Baku, seu petróleo, e impedir o acesso russo a esses recursos à beira do Mar Cáspio (REYNOLDS, 2011, p.126).

Na invasão ao norte da Pérsia em direção ao Azerbaijão, os otomanos conquistaram brevemente a cidade de Tabriz em janeiro de 1915. Porém um mal calculado avanço militar otomano no inverno do hemisfério norte de 1914/1915 influenciou os futuros das operações militares na Pérsia, na Anatólia Oriental e no Cáucaso até 1917 (KING, 2008, p.154).

Segundo o autor Charles King, Enver Pasha (líder do exército otomano) planejara uma ofensiva até a província de Kars, seguida de uma quebra das linhas defensivas russas na região. O líder acreditava que o avanço otomano serviria como estímulo a um levante dos caucasianos mulçumanos que impediria o exército russo de avançar em direção ao sul. O plano foi pobremente executado em consequência da má preparação do exército otomano que sofria com uma escassez de materiais que ia de suprimentos, vestimenta apropriada para o inverno até mapas topográficos do Cáucaso. Na metade de janeiro de 1915 o exército otomano sofreu uma grande derrota em Sarikamish, a sudoeste de Kars (KING, 2008, p.155) que foi uma verdadeira catástrofe para o Terceiro Exército Otomano com as perdas humanas alcançando o número de 75 mil combatentes (ALLEN, W. E. D; MURATOFF, 1953, p. 284). A vitória em Sarikamish permitiu ainda ao Império Russo deslocar parte de suas tropas para a Pérsia e retomou a cidade de Tabriz impedindo assim qualquer avanço otomano em direção a Baku naquele ano.

A Guerra na região teve uma profunda influência na História do Cáucaso. Enquanto os conflitos ocorriam em 1914 e 1915, as tensões sociais entre armênios cristãos e mulçumanos de origens otomanas ou azerbaijanas se intensificaram e alcançaram a área da Anatólia Oriental. O apoio russo à formação de milícias armênias e a intenção de grupos políticos armênios de formar um Estado com área alcançando seus antigos territórios na Anatólia aprofundaram essas tensões. Aproveitando-se das tensões religiosas existentes e do caos da guerra, o governo dos Jovens Turcos criou políticas de realocação forçada e de extermínio de todos os indivíduos considerados ameaças nacionais. As políticas preconizavam a expulsão (por realocação e assassinatos) dos

armênios do Império Otomano, porém também incluíram gregos e assírios (KING, 2008, p. 157). Essas políticas foram apoiadas por grande parte da população mulçumana no império e permaneceram ativas até a sovietação da Armênia, já na década de 1920. Hoje elas e suas reais dimensões são alvos de disputa política entre armênios e turcos, onde os armênios buscam o reconhecimento internacional e reparações para o Genocídio Armênio.

Enquanto os massacres ocorriam e o Império Otomano obrigava milhares de armênios civis a abandonarem suas casas e caminharem em direção a morte no deserto de Deir al-Zor, outras ações militares ocorriam na Frente do Cáucaso. Ao longo de 1916 uma nova ofensiva russa foi feita com significativas vitórias. Fortes estratégicos otomanos na Anatólia Oriental caíram perante ataques russos durante os primeiros meses do ano e na primavera o Império Russo havia alcançado o litoral otomano do Mar Negro e estava próximo à cidade litorânea de Trebizonda. Pelo lado otomano poucas foram as respostas militares devido a diminuição das tropas nos combates. Entre novembro de 1915 até março de 1917 as forças otomanas diminuíram em até 400 mil homens com estimativas apontando entre 100 mil e quase 300 mil baixas resultantes das campanhas contra os russos (REYNOLDS, 2011, p. 167; ALLEN, W. E. D; MURATOFF, 1953, p. 439). O Império Otomano somava às derrotas no Cáucaso a outras derrotas em outras regiões e a sua condição no começo de 1917 era desesperadora (REYNOLDS, 2011, p. 167). Até a desintegração do exército russo em 1917-1918 o Império Otomano seria obrigado a manter posições defensivas no Teatro do Cáucaso (REYNOLDS, 2011, p. 125).

O autor do livro *The Ghost of Freedom*, Charles King, aponta que entre 1916 e 1917 preparações foram feitas para uma operação conjunta massiva na qual as forças russas na Frente do Cáucaso encontrariam o exército britânico na Mesopotâmia (KING, 2008, p.160). A campanha tinha como objetivo empregar uma derrota final aos otomanos no Oriente Médio e os possíveis espólios territoriais do Império Otomano chegaram a ser divididos no acordo de Sykes-Picot-Sazonov de 1916. Charles King (2008) sustenta que, se tivesse sido bem sucedida, a ofensiva conjunta da Tríplice Entente poderia ter diminuído em diversos meses o curso da guerra. No entanto, a campanha não obteve o sucesso planejado devido a outros fatores históricos.

Apesar de vitoriosa na Campanha do Cáucaso e bem na Campanha Persa, a Rússia enfrentava diversos problemas militares e sociais em seu território. Na parte europeia do

Front Oriental os russos haviam sofrido diversas derrotas para o mais forte e capacitado exército alemão ao longo do período entre 1914-1917. Após a Grande Retirada em 1915, a oposição na Rússia passou a exigir novas reformas em um Estado que vinha tornando-se cada vez mais autocrático desde a entrada no conflito (VON HAGEN, 2006, p.104). Somada às derrotas estiveram as questões sociais e econômicas consequentes da guerra. Milhões de refugiados entraram cada vez mais no território russo a partir da retirada de tropas da Polônia e exauriram os já pequenos recursos das populações civis russas. A falta de atuação do império para minimizar as agruras da guerra fez populações inteiras se voltarem contra refugiados e novas tensões sociais explodirem (VON HAGEN, 2006, p.99). A economia por sua vez se deteriorara e as forças de oposição à monarquia russa se fortaleceram ao longo dos anos de guerra.

Em março de 1917 estourou no Império Russo a Revolução Russa que levaria à abdicação do czar Nicolau II e ao fim da monarquia russa. A Revolução Russa de 1917 não será amplamente explorada aqui já que a proposição desta dissertação está em investigar o papel da Primeira Guerra Mundial na formação da Geopolítica do Petróleo e as implicações para a região do Cáucaso. Porém, é inegável sua importância nos rumos da guerra. No Cáucaso, por exemplo, o ano de 1917 foi de certo equilíbrio no Cáucaso entre russos enfraquecidos em meio a um processo de desintegração do seu exército e otomanos incapazes de capitalizar em cima da crise política do rival (KING, 2008, p.160).

Para além do Cáucaso, a chegada dos bolcheviques ao poder na Rússia em novembro de 1917 instaurou o slogan "Pão e Paz" como a maior missão do novo governo para a Rússia. Ela refletia os pedidos da população russa e, assim, no mês de novembro conversas por um armistício foram instauradas entre Rússia e as Potências Centrais. Os bolcheviques eram fortes opositores da guerra e de um exército profissional russo. Em dezembro de 1917 foi instaurado o Armistício de Erzincan, entre Império Otomano e Rússia, que seria seguido em alguns meses do Tratado de Paz de Brest-Litovski que oficialmente retiraria a Rússia da Primeira Guerra Mundial. A saída da Rússia da Primeira Guerra Mundial causou um verdadeiro maremoto no curso do conflito. Ela reforçou a crença das potências centrais em uma vitória e alterou, durante um período, a balança de poder da guerra já que a Alemanha agora lidava com apenas um Front.

No que concerne o petróleo, é possível perceber a primeira parte da Primeira Guerra Mundial não abrigou movimentações estratégicas relevantes para o controle do

recurso energético na região do Cáucaso. Apesar de diversas fontes enunciarem interesses das grandes potências em relação ao petróleo, esta ambição teve uma importância marginal para o andamento do conflito em terras caucasianas até 1917. É apenas a partir, talvez, do ano de 1917 com a Revolução Russa e o início da desintegração do exército imperial que tenha sido inaugurada uma geopolítica de petróleo das grandes potências para o Cáucaso. O debate sobre a formação da geopolítica do petróleo para o Cáucaso nos anos finais da guerra e os conflitos na região até a sua sovietação no início da década de 1920 serão abordados no próximo capítulo.

Capítulo 4: A Geopolítica do Petróleo para o Cáucaso e suas implicações para a região (1918-1922)

4.1. Aliados ou inimigos? A disputa turco-germânica na ofensiva de 1918 ao Cáucaso.

Se o petróleo do Cáucaso tem apenas uma importância marginal para as estratégias militares e interesses das potências nos dois primeiros anos da Primeira Guerra Mundial, no período entre 1918 e 1922 sua relevância aumentou significativamente. Fiori afirma⁷¹ que neste período houve uma espécie de segunda fase da Primeira Guerra Mundial que acabara apenas formalmente. Isto porque ao iniciar um processo de desintegração política em decorrência de disputas políticas internas, a Rússia e seu território foram alvos de disputas e intervenções externas que envolveram todos os outros impérios beligerantes na Grande Guerra. Nesse sentido, o ano de 1917 é extremamente importante tanto para o que viria a ser a segunda fase da Primeira Guerra Mundial quanto para a formação e desenvolvimento da geopolítica do petróleo voltada para a região por algumas razões históricas.

A partir do processo que já foi explicitado no segundo capítulo da dissertação, a guerra impôs aos Estados necessidades prementes de investimentos em tecnologia. Isto porque se disseminou entre os *policy makers* das potências que a vitória dependia, dentre outros fatores, de um aparato bélico mais poderoso e de uma logística mais eficaz e menos custosa. Esses investimentos resultaram na evolução rápida da indústria automobilística, aérea e naval. São nos anos de preparação para o conflito e principalmente nos últimos anos da guerra onde são criados ou se disseminam no âmbito militar o tanque, o avião, automóveis e navios movidos pelo motor à combustão (YERGIN, 1991, p.170-171; MCMEEKIN, 2010, p. 324). Esses avanços tornaram a máquina de guerra cada vez mais mecanizada e mais dependente de petróleo, o que impulsionou a necessidade dos impérios de assegurar a segurança energética que possibilitou o desenvolvimento da geopolítica do petróleo das grandes potências.

Do ponto de vista temporal, o ano de 1916 foi repleto de acontecimentos na guerra, onde vários foram relacionados a uma embrionária geopolítica do petróleo. Dentre estes, alguns episódios teriam influência direta para as políticas de petróleo no Cáucaso⁷².

⁷¹ Comunicação pessoal com José Luís Fiori em dezembro de 2019.

⁷² Esses acontecimentos geopolíticos diversas vezes envolveram o uso estratégico de empresas pelos governos envolvidos na guerra. Por exemplo, nos meses finais de 1915 o governo britânico percebeu que

Alguns exemplos são a destruição dos poços de petróleo na Romênia, segunda maior produtora na Europa (WINEGARD, 2016, p.93), na Galícia (MCMEEKIN, 2010, p.324) e o eficaz bloqueio naval britânico que produziu uma escassez de suprimentos e petróleo ao Império Alemão⁷³. Além destes é possível destacar a incapacidade do exército otomano em avançar sobre os poços de petróleo da Pérsia, sob o controle britânico. Todos esses eventos fizeram com que o ano de 1917 chegasse com um imperativo das Potências Centrais, com destaque para a Alemanha (YERGIN, 1991, p.182), de alcançar alguma fonte segura de petróleo ou ao menos impedir o acesso dos aliados a essas fontes. Porém até a Revolução Russa estourar em março de 1917, essa possibilidade não era vislumbrada com facilidade em nenhum dos teatros da guerra.

A Revolução Russa definitivamente mexeu com o mundo e com a história da Primeira Guerra Mundial. Regionalmente, como Winegard cita, ela transformou o equilíbrio de poder e os parâmetros estratégicos de todos os beligerantes na região do Cáucaso (WINEGARD, 2016, p.97). Como dito anteriormente, foi no ano de 1917 onde houve o Armistício de Erzincan entre Rússia e Império Otomano (Allen, W. E. D.; MURATOFF, P.; 1953, p. 457). Os fronts russo-turcos tiveram pouca ou nenhuma ação relevante no período por dois motivos: pela situação calamitosa que se encontrava o exército otomano e pelos conflitos internos na Rússia. Porém, o processo de desmobilização e dissolução do exército imperial russo na Caucásia e em regiões fronteiriças, uma consequência direta da chegada ao poder dos bolcheviques no fim de 1917⁷⁴, abriu as portas para uma série de disputas no Cáucaso.

os países escandinavos, neutros na guerra, eram grandes fornecedores do petróleo para a Alemanha. Uma das estratégias para impedir o abastecimento alemão foi a incorporação, via a Anglo-Persian Oil Company, de diversas companhias que detinham capitão alemão, incluindo a British Petroleum. Além disso, o Gabinete Britânico reservou uma quantia de 400 mil libras para que as empresas britânicas de navegação encomendassem todos os navios-tanques neutros com o objetivo de evitar que esses fossem utilizados pelos alemães (WINEGARD, 2016, p.95-6).

⁷³ A *Royal Navy* começou o bloqueio ainda em 1915. Suas ações tinham interesses estratégicos e capitalistas. Estrategicamente um bloqueio à Alemanha enfraqueceria a nação inimiga mais forte na guerra. Em relação à busca permanente por capital, o bloqueio da marinha britânica visava aumentar a força da Anglo-Persian Oil Company e impedir companhias como a Royal Dutch-Shell e a Standard Oil Company de expandirem seus mercados. Por isso, diversos navios da Standard Oil sob a bandeira alemã foram apreendidos e suas remessas de petróleo confiscadas (WINEGARD, 2016, p.96).

⁷⁴ O processo de desmobilização e desmonte do exército imperial russo é uma fonte de divergência entre historiadores. De um lado McMeekin (MCMEEKIN, 2010) faz um relato detalhado sobre as relações entre o Império Alemão e o Partido Bolchevique e propõe a dissolução do exército no fim de 1917 como uma consequência de interesses das duas partes. No entanto, autores como Muratoff e Allen (Allen, W. E. D.; MURATOFF, P.; 1953, p. 457) e Fromkin (FROMKIN, 2010, p.383) citam o movimento de desmobilização de forma mais naturalizada, o ligando a processos dos grupos políticos e étnicos da região

O petróleo do Cáucaso, principalmente na região de Baku, virou um prêmio a ser conquistado⁷⁵. Ainda em abril de 1917, logo após o início da Revolução de Fevereiro, o Ministério das Relações Exteriores alemão promoveu um estudo aprofundado sobre o petróleo na região (MCMEEKIN, 2010, p.324). Porém, as ambições alemãs em terras caucasianas estavam acompanhadas das otomanas. Sean McMeekin aponta que o Cáucaso era uma região considerada de extrema importância para o Império Otomano que se via cada vez mais fragmentado com as vitórias e ocupações britânicas no Oriente Médio. O autor relaciona essa importância às questões históricas ligando a Caucásia e o império, com a ideologia do Pan-Turanianismo, mas também com a importância estratégica que a área tinha em consequência do novo modelo de guerra mundial (MCMEEKIN, 2010, p. 326).

Enquanto isso, no Cáucaso o momento era de disputas políticas internas. Enquanto a Revolução Russa acontecia, o governo provisório russo criou uma Comissão Especial Transcaucasiana. A Comissão, porém, foi utilizada para investir poder em elites locais subservientes e socialistas, o que desagradou lideranças das províncias (KING, 2008, p 160). Com a Revolução de Outubro abriu-se oportunidade para esses líderes se organizarem. Assim, o Comissariado da Transcaucásia foi criado como uma organização política que unia os territórios da região onde ficam atualmente a Armênia, Geórgia e Azerbaijão e englobava as áreas conquistadas pelo exército imperial no Império Otomano. O Comissariado não permitia a representação bolchevique e iniciou rapidamente conversas com o Império Otomano por um tratado de paz. Por sua vez, o partido retornou o "favor" excluindo representações do Cáucaso nos diálogos de Brest-Litovsk (KING, 2008, p.160-161). O Partido Bolchevique chegou no início de 1918 a um acordo com as Potências Centrais e o Tratado de Brest-Litovsk decretou de vez a desmobilização do exército russo.

A assinatura do tratado afetou diretamente a região do Cáucaso que ficara sem a proteção do exército que ocupara suas fronteiras durante os anos de guerra⁷⁶. O

do Cáucaso. Para a dissertação importa dizer que o desmonte militar se não foi causado pela chegada bolchevique ao poder, se intensificou após esse fenômeno histórico.

⁷⁵ Fonte: NA CAB/24/59. SITUATION IN PALESTINE, MESOPOTAMIA & THE EAST (From the Central Power's point of view).

⁷⁶ No Tratado de Brest-Litovsk a Rússia ainda concordou em retirar suas tropas de Kars, Erdehan e Batumi e deixar os distritos e suas populações decidirem sua organização política contando com a colaboração de seus países vizinhos, principalmente o Império Otomano (KING, 2008).

Comissariado do Cáucaso viu seus esforços por um acordo de Paz com os otomanos se mostrarem infrutíferos à medida que o império percebeu o vácuo de poder militar na região. Procurando a precisão histórica, é necessário apontar que essa percepção otomana se deu ainda durante os diálogos para estabelecimento do acordo. A chance de reconquistar os territórios perdidos na guerra e avançar sob o Cáucaso e seu petróleo era real enquanto nenhum império havia enviado tropas para a área. Por isso, o Império Otomano lançou uma ofensiva militar em direção ao Cáucaso ainda em fevereiro de 1918 e imediatamente após Brest-Litovsk exigiu a evacuação de todas as tropas de seu território pré-1914. Não sobrou opção ao Comissariado da Transcaucásia a não ser declarar-se independente da Rússia e organizar exércitos próprios (KING, 2008, p.161).

Rapidamente o Império Otomano conseguiu avançar sobre a Anatólia e reconquistar seus territórios perdidos na guerra como Erzincan, Trebizonda e Erzurum. Em dois meses as fronteiras pré-1914 estavam refeitas e o império avançava na direção de reestabelecer as fronteiras pré-1878 reconquistando Ardahan e Sarikamish (MCMEEKIN, 2010, p.330). Enquanto os otomanos se lançavam sobre a diminuta força militar da nova e efêmera República Democrática Federativa da Transcaucásia⁷⁷, a Alemanha também se lançou em direção ao petróleo do Cáucaso (YERGIN, 1991, p.182), a partir de Sevastopol, distrito anexado pelo Império Alemão no tratado de paz.

⁷⁷ A República Federativa Democrática da Transcaucásia foi formada em abril de 1918. Um mês após sua declaração de independência ela se dissolveria em três novas repúblicas democráticas: o Azerbaijão, a Armênia e a Geórgia que, por sua vez, seriam anexadas à União Soviética no início da década de 1920.



Mapa 2: O Tratado de Brest-Litovsk e a visão alemã da Rússia em 1918⁷⁸

Segundo Daniel Yergin (YERGIN, 1991, p.182), a Alemanha se preocupava com a possibilidade de destruição dos poços de petróleo no caso de uma bem sucedida invasão otomana. Essa ideia também se mostra presente no livro de memórias escrito pelo adido militar austríaco em Constantinopla, Josef Pomiankowski. Ele menciona que em cartas

⁷⁸ MCMEEKIN, 2010, p. 325

trocadas entre ele e o adido militar alemão, Otto von Lossow, este explicitara que o problema no controle otomano ao Azerbaijão seria a incapacidade turca em administrar e regular a produção do petróleo (MCMEEKIN, 2010, p.333). Dessa forma, a Alemanha enviou o General Von Lossow até Batumi, via o porto de Poti, para a missão de observar os avanços otomanos e uma comissão de engenheiros alemães foi enviada para observar a ferrovia Baku-Tbilisi-Batumi (MCMEEKIN, 2010, p. 332). Ademais, a Alemanha também obteve apoio da recém-criada República Democrática da Geórgia para impedir os otomanos e, por isso, o General Kress, importante por suas batalhas na Palestina, foi deslocado para comandar a força militar alemã em Tbilisi (MCMEEKIN, 2010, p.332).

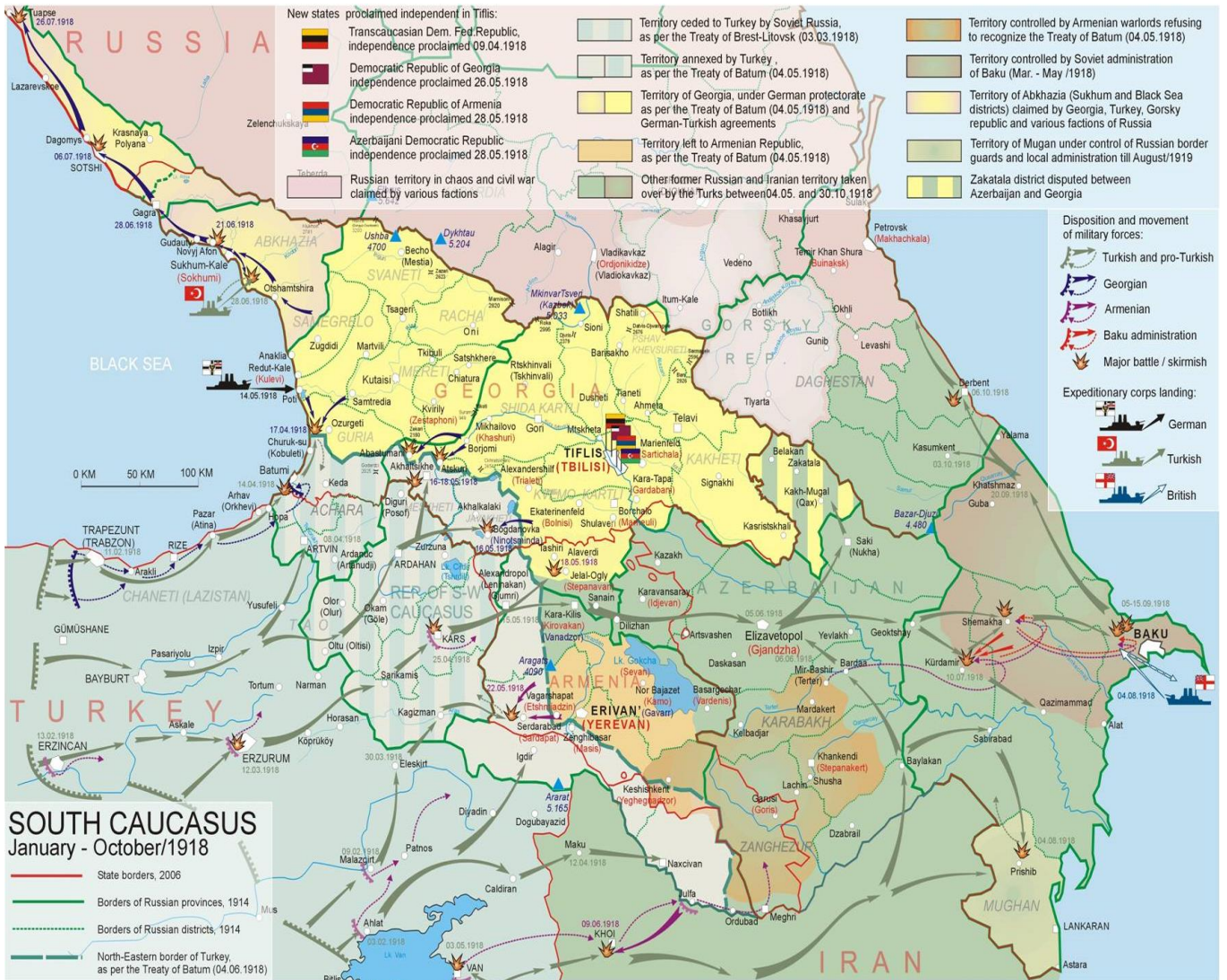
Um ponto importante que ajuda a demonstrar como os interesses no petróleo da região eram relevantes para os movimentos dos impérios é a atuação alemã como aliada estratégica do novo Estado da Geórgia⁷⁹. Ao se tornar nação protetora do jovem país, a Alemanha logo ocupou os trechos georgianos das ferrovias do Cáucaso. Isso incluiu a linha Poti-Tbilisi da ferrovia Baku-Tbilisi-Batumi⁸⁰, a principal via de escoamento de petróleo e manganês da região (ALLEN, W. E. D.; MURATOFF, P., 1953, p.477). Apesar do esforço alemão feito para assegurar o controle da região a partir dos interesses do petróleo e do manganês georgiano (MCMEEKIN, 2010, p.332-333), com o general Ludendorff enviando mais tropas de outros locais como a ocupada Crimeia e do front na Síria, a força alemã ainda era bem menor do que a otomana. No dia 18 de junho de 1918 houve o derradeiro ato que colocaria em risco a aliança turco-otomana. Tropas dos dois exércitos se encontraram em Vorontsovka, na estrada que levava a Tbilisi, e entraram em combate pela primeira vez na Primeira Guerra Mundial. A vitória foi turco-otomana, o que gerou consternação e ameaças alemãs de retirada das suas tropas do Império Otomano (ALLEN, W. E. D.; MURATOFF, P., 1953, p.476-478).

Com a ampliação da crise, foi marcada entre os dois impérios uma reunião em Batumi para discutir uma situação favorável a ambos. Procurando evitar uma retirada das tropas alemãs na Anatólia, Enver Pasha entrou em acordo com o Império Alemão e cedeu à ambição pela região da Geórgia juntamente com o controle da ferrovia Baku-Tbilisi-Batumi e do principal oleoduto do Cáucaso (MCMEEKIN, 2010, p.334). Para os alemães

⁷⁹ Segundo Charles King, esse movimento aconteceu em um momento no qual a região sofria com os avanços otomanos e o novo governo precisava de apoio para defender a Geórgia contra otomanos e russos (KING, 2008, p. 163).

⁸⁰ Também conhecida como Ferrovia Transcaucasiana.

que detinham uma força diminuta na região e enfrentavam não apenas outros grandes fronts, mas também a necessidade premente de mais recursos, o acordo bastou momentaneamente. Assim, O Império Otomano dividiu suas tropas e decidiu-se por fazer uma ofensiva à Baku via o Estado Armênio (recém-criado) e outra via a área norte da Pérsia, controlada pelos britânicos, como fica evidenciado no mapa abaixo:



Foi na ofensiva pela Armênia onde as tropas otomanas avançaram mais rapidamente, deixando pelo caminho centenas de milhares de vítimas armênias. Charles King aponta que ao chegar no Azerbaijão, a força otomana recebeu apoio de forças azeris muçumanas que desejavam a queda do governo soviete em Baku no que ficou conhecida como o Exército do Islã (KING, 2008, p. 167). Daniel Yergin relata que ao fim de julho

⁸¹ ANDERSEN, A.; PARTSKHALADZE, G., 2006. Disponível em: <<https://www.edmaps.com/html/caucasus.html>>. Acesso em: 10/12/2018.

as tropas já haviam sitiado a cidade de Baku e no início de agosto já haviam conquistado poços de petróleo em plena operação (YERGIN, 1991, p.182). A essa altura, armênios e mesmo alguns cidadãos russos da região pediam uma interferência britânica maior⁸², na forma de tropas, para evitar mais massacres e a conquista otomana (YERGIN, 1991, p.182). As tropas de voluntários armênios haviam se juntado com grupos bolcheviques de Baku em uma espécie de Exército Vermelho armênio resistiram como puderam. No fim de julho de 1918 o Soviete de Baku, então de maioria armênia, votou em regime de urgência uma proposta de convite às tropas britânicas do general Dunsterville que estavam em Enzeli, cidade portuária da Pérsia, para os ajudarem na resistência. Por 259 votos a 236, a proposta foi aceita e o convite feito à Grã-Bretanha (MCMEEKIN, 2010, p.335).

4.2. A defesa e queda de Baku

"Baku oil was a windfall of this design. However, by this time Baku oil was a war aim for both Britain and Germany and gave strategic leverage to Lenin and his Bolshevik revolutionaries." (WINEGARD, 2016)

Como o mapa das batalhas no Cáucaso do Sul mostra, a força de elite britânica que ficou conhecida como Dunsterforce focou seus maiores esforços na cidade de Baku. A decisão de apoio à resistência no Cáucaso pelo Reino Unido esteve calcada em dois objetivos: a proteção da Índia e nos interesses estratégicos em relação ao óleo do Mar Cáspio. A importância do petróleo está presente na passagem do livro de memórias do primeiro-ministro britânico Lloyd George que cita o impedimento ao acesso aos poços de petróleo no Cáspio para a Alemanha e Turquia como um dos maiores objetivos britânicos a leste (WINEGARD, 2016apudLLOYDGEORGE, 1933). Outro relato importante nesse sentido foi o do general de brigada Percy Sykes para a revista *Foreign Affairs* em 1923. Ao citar a missão da tropa comandada por Dunsterville, Sykes diz que: "Indeed, oil was the pivotal question (...) in consequence, to deny Baku to the enemy, even for a while, was of great importance. Major-General Dunsterville was appointed to carry out this extremely difficult task." (WINEGARD, 2016apudSYKES, 1923).

Ao mover as tropas para Baku pelo norte da Pérsia no meio de agosto, Dunsterville encontrou uma cidade sitiada. A situação na região era caótica com confusas e contraditórias alianças. O exército otomano tinha apoio de mulçumanos azeris e

⁸² As tropas de voluntários armênios haviam sido financiadas pelos aliados como consta em memorandos do Conselho Supremo de Guerra britânico.

circassianos enquanto armênios voluntários lutavam ao lado de um pequeno destacamento de um Exército Vermelho ainda em formação. Além disso, a Alemanha que outrora fizera acordos com seus aliados otomanos ainda não aceitara completamente os seus avanços no Cáucaso. Em 27 de agosto o Império Alemão e o Partido Bolchevique entraram em um acordo onde os alemães se comprometiam a frear os avanços otomanos em troca de 25% do petróleo caucasiano (YERGIN, 1991, p.182; WHEELER-BENNETT, 1938, p.433). A *Dunsterforce* lutaria ao lado de armênios, cossacos e do Exército Vermelho ao mesmo tempo em que a Tríplice Entente apoiava secretamente o Exército Branco⁸³, as forças opositoras ao governo soviético (WINEGARD, 2016apudLLOYDGEORGE, 1993).

Apesar de o Tratado Suplementar ao Tratado de Brest-Litovsk (WHEELER-BENNETT, 1938, p.427-434), a Alemanha não tinha condições de enviar rapidamente forças a Baku. Seu apoio se deu na forma de sabotagens à logística otomana na fronteira da Geórgia (MCMEEKIN, 2010, p. 336). Dessa forma, a principal força de resistência em Baku foi uma junta de armênios, cossacos, russos e britânicos. Dadas as condições precárias, a tropa britânica tinha ordens de garantir que alemães e otomanos não obtivessem petróleo do Cáucaso, principalmente de Baku e Grozny⁸⁴, mesmo que tivessem de utilizar o mesmo plano operado na Romênia anos antes. Apesar de importante, o governo britânico não considerava o Cáucaso uma região primordial enquanto houvesse outros grandes fronts em andamento. Portanto, em caso de chances de derrota, a melhor solução para o Reino Unido era a destruição dos poços e evacuação da *Dunsterforce*.

Durante cerca de um mês as tropas de defesa do Cáucaso conseguiram resistir. Em setembro, porém, a derrota se tornou uma questão de tempo. Dunsterville desobedecera as ordens britânicas de destruição e evacuação enquanto solicitava um maior apoio militar. O apoio não veio e o comandante britânico não conseguiu manter a defesa de Baku organizada por uma série de razões as quais não são o foco da discussão aqui. O comandante ainda conseguiu assegurar o controle sobre os navios no porto de Baku e com o combate do dia 14 de setembro de 1918 se encaminhando para uma vitória final otomana, a força britânica começou as operações de evacuação. Em 15 de setembro de

⁸³ Nesse momento o apoio, em geral, foi financeiro. Nos combates em Derbent também foi militar.

⁸⁴ Em 1918 o governo britânico entendia que Baku e Grozny comportavam cerca de 20% da produção mundial de petróleo (WINEGARD, 2016apudFISHER, 1999).

1918 a *Dunsterforce* desembarcou no porto de Enzeli deixando Baku a mercê de seu próprio destino.

Como Winegard cita, existe um grande debate quanto aos resultados da força britânica enviada à Baku. Muitos viram como um fracasso e hostilizaram Dunsterville. Porém, dado que a intenção britânica não era de uma ocupação permanente na região, outros como o primeiro-ministro Lloyd George recusaram a retórica de fracasso. Isso porque a força britânica, aliada com os demais defensores da cidade, conseguira manter Baku longe de otomanos e alemães durante seis semanas (WINEGARD, 2016, p. 208). Quando os otomanos ocuparam a cidade, a guerra contra uma exausta Alemanha já havia sido largamente decidida no front ocidental e a vitória sobre os otomanos conquistada na Mesopotâmia, Palestina e na Bulgária (WINEGARD, 2016).

A incapacidade de conquista de Baku foi uma das derrotas estratégico-logísticas derradeiras para a Alemanha. Àquela altura a pressão sobre a necessidade de petróleo era cada vez maior e o Exército Alemão havia exaurido todas as reservas do império. O Alto Comando do Exército antecipava uma grave crise de petróleo para as semanas seguintes e a marinha alemã trabalhava com estimativas que apontavam uma capacidade de manutenção das batalhas navais entre 6 e 8 meses (YERGIN, 1991, p. 183). Essas estimativas jamais seriam testadas porque no dia 11 de novembro de 1918 foi assinado o Armistício de Compiègne entre a Alemanha e os Aliados que determinou o fim das batalhas oficiais pela Primeira Guerra Mundial (YERGIN, 1991)..

Pelo lado otomano, existe um consenso de que a conquista de Baku também fora tardia dada às derrotas decisivas em outros fronts. Em outubro de 1918 o Império Otomano enfraquecido pelas derrotas e pela crise político-econômica que pôs fim ao triunvirato dos três Pashas assinou o Armistício de Mudros com os Aliados. O acordo, assinado antes mesmo do Armistício de Compiègne, pavimentaria o caminho para uma ocupação britânica na Transcaucásia, o estabelecimento do controle sobre a indústria do petróleo e o transporte ferroviário da região e no aumento das disputas sobre a Ciscaucasia (KING, 2010, p. 167-8).

4.3. A Geopolítica do Petróleo na ocupação britânica da Transcaucásia

Para todos os efeitos, durante quase todo o ano de 1918 a Rússia já saíra da Primeira Guerra Mundial. Porém, como mostrado anteriormente, sua guerra civil seguida de desmobilização militar abriu um grande vácuo de poder no Cáucaso que, em última

instância, resultara em campanhas militares feitas pelas Potências Centrais, no crescimento de uma série de movimentos nacionalistas e na explosão de repúblicas na região (KING, 2010). Esse cenário de instabilidade, de disputas e de ingerências estrangeiras no Cáucaso se estenderia mesmo após a saída do Império Otomano do conflito no fim de outubro de 1918 como é possível observar no mapa abaixo que mostra a situação da Guerra Civil Rússia em março de 1919.



MAP SHOWING APPROXIMATE POSITIONS OF BOLSHEVIST AND ANTI-BOLSHEVIST FORCES ON ALL THE FIGHTING FRONTS IN RUSSIA, (MARCH, 1919)

Mapa 4: Posições das forças bolcheviques e antibolcheviques na Rússia (1919)⁸⁵

⁸⁵ CURRENT HISTORY OF NEW YORK TIMES, 1919, p. 262.

O mesmo vácuo de poder que possibilitara a invasão do Cáucaso também permitiu que Aliados e o Império Otomano decidissem o futuro do sul da Rússia sem consultar russos e as populações locais. No Cáucaso, os armistícios estabeleceram a retirada das tropas do Império Otomano e da Alemanha do Cáucaso do Sul seguida de uma ocupação britânica na região. Declaradamente, a ocupação tinha como objetivos a supervisão da evacuação de tropas, restauração da ordem e a manutenção de estabilidade na região; sigilosamente, havia outros interesses e, afinal, a ocupação tornou a Inglaterra o poder dominante na região ignorando os governos das novas repúblicas (ARSLANIAN, 1978, p.524). No momento da movimentação das tropas inglesas, a Transcaucásia contava com três formações político-territoriais⁸⁶ mais sólidas que almejavam o reconhecimento internacional dos Estados independentes da Geórgia, Armênia e Azerbaijão (KING, 2010). As reações de cada governo local foram diferentes, com armênios mais receptivos aos britânicos e azerbaijanos e georgianos mais reticentes a respeito da ocupação.

De toda a forma, poucas semanas depois do Armistício de Compiègne e do período de evacuação das tropas otomanas até o restabelecimento das fronteiras de 1914, a Grã-Bretanha obteve o controle da região. A ocupação britânica no Cáucaso se deu em função de diversos interesses político-econômicos britânicos. Desses interesses, destacam-se a defesa da Índia⁸⁷ de futuras ameaças alemãs, otomanas (ARSLANIAN, 1978, p.524) ou mesmo dos bolcheviques⁸⁸, o investimento nas forças antirrevolucionárias na Guerra Civil Russa e ambições político-econômicas em torno do petróleo caucasiano. Em geral, os interesses britânicos materializavam a sua estratégia de poder e moldaram de alguma forma as políticas da força de ocupação no Cáucaso e a geopolítica de petróleo britânica para o Cáucaso.

Observando os interesses econômicos estratégicos britânicos em torno do petróleo caucasiano, é preciso dizer que até o estopim da Primeira Guerra Mundial, o Reino Unido

⁸⁶ Cabe mencionar aqui que durante este período houve pelo menos mais duas tentativas de formação de Estados independentes no Cáucaso, sendo estes a Ditadura Centro-Cáspia e a República Montanhosa do Cáucaso. A primeira se formou na região de Baku no período que antecedeu a Batalha de Baku e foi uma tentativa de tomada de poder da cidade que estava sob o controle do Soviete de Baku enquanto a segunda se deu na região norte do Azerbaijão e em parte das províncias russas do Cáucaso do Norte durante as disputas entre os exércitos brancos e vermelhos.

⁸⁷ War Cabinet no. 502, 14.11.1918, CAB 23/8, NA.

⁸⁸ Wilson's 'Memorandum on Our Present and Future Military Policy in Russia', 13.11.1918, Cabinet paper G.T.6311, CAB 24/70, NA.

havia sido o maior investidor de capital na indústria petrolífera russa (protagonizada pelo Cáucaso), como é possível ver nas tabelas abaixo:

Tabela 10: Investimento estrangeiro no petróleo russo em 1914 (milhares de dólares-ouro)⁸⁹

Table 2.2 Foreign investment in Russian oil, 1914 (thousands of 1914 gold dollars)

Foreign investor	Amount
United States	620
Belgium	3,800
Netherlands	5,600
Germany	7,300
France	26,400
Great Britain	86,000

Tabela 11: Capital britânico investido no petróleo russo em 1914⁹⁰

Table 2.4 British capital among Russian oil regions, 1914

Region	British capital (millions 1914 gold dollars)	British concentration (% of total concentration in region)
Baku	25.0	60
Grozny	13.2	50
Maikop	12.4	90
British total	50.6	
Others	35.4	
Total	86.0	

Em 1914 o investimento britânico no petróleo do Cáucaso era praticamente o dobro da soma de todos os outros maiores Estados investidores na região. Em alguns distritos produtores, a concentração de capital britânico no total investido na cidade alcançava escalas entre 60% e 90%. Essa relação entre o capital britânico e o Cáucaso ficara abalada durante os primeiros anos da guerra. Parte desse investimento foi vendido para outros capitalistas (YERGIN, 1993) e o Estado inglês não relegou grande importância ao território que sofrera diversos processos de estatização das petroleiras durante 1917. Porém, em 1918 houve o primeiro indício de mudança de política britânica em relação ao Cáucaso com o envio da *Dunsterforce*. Ainda que pequena, a força militar mostrara que o petróleo da região passara a ser entendido como de estrategicamente relevante. Nesse caso, é necessário mencionar que parte dessa ação geopolítica britânica fora uma reação às geopolíticas do petróleo das Potências Centrais para a região. Porém, o passo britânico foi dado e a compreensão da importância do petróleo do Cáucaso aumentaria com o Armistício de Mudros.

⁸⁹ WINEGARD, 2016apudHASSMANN, 1953.

⁹⁰ WINEGARD, 2016apudHASSMANN, 1953.

A ocupação britânica por quase toda a Transcaucásia foi realizada rapidamente. Duas divisões militares inteiras foram destacadas para a região, sendo o maior contingente britânico na Rússia (KOPISTO, 2011, p.60). Porém, em determinadas áreas, os ingleses encontraram percalços dadas as organizações nacionalistas que cresceram por todo o Cáucaso durante a guerra. Em Kars, na Anatólia Oriental, por exemplo, um governo provisório havia sido estabelecido e clamava autoridade sobre áreas otomanas ou islâmicas entre Batumi e Nahçivan (ALLEN, D. A; MURATOFF, P, 1953, p.498). Essa área representava uma grande faixa territorial dos Estados georgiano e armênio, este último fragilizado politicamente pelos massacres à população armênia nos anos anteriores. Dado que a região abrigava o porto de Batumi, maior fonte de escoamento do petróleo do Mar Negro, e parte importante do oleoduto Baku-Batumi, os britânicos não hesitaram. Ocuparam militarmente Kars, prenderam os representantes e os enviaram para Malta, destruindo qualquer ambição política do movimento. Essa política controladora seria uma característica do comando britânico na Transcaucásia, especialmente para os territórios da Geórgia e Azerbaijão (KOPISTO, 2011, p.82).

Na região petrolífera da recém-criada República Democrática do Azerbaijão, os interesses econômicos britânicos envolvendo o petróleo do Cáucaso foram rapidamente evidenciados. Assim que Baku foi ocupada, foram expedidas ordens ao governo azerbaijano pela desnacionalização e reativação da indústria do petróleo que havia tido seu funcionamento comprometido na Batalha de Baku⁹¹. Além disso, uma zona de segurança, guardada pelas tropas britânicas, de 16 quilômetros foi estabelecida ao redor dos poços de petróleo da península de Absheron (VISIONS, 2006). Como sugere o autor Afgan Akhmedov, o interesse no controle do petróleo organizava parte das políticas da Grã-Bretanha e o ano de 1919 foi extremamente favorável para a conquista inglesa sobre o petróleo na Mesopotâmia, Pérsia e Cáucaso (AKHMEDOV, 2018, p.175). Com a reativação da indústria, os benefícios britânicos ficaram evidentes. O regime de controle britânico sobre o petróleo se assemelhou ao da exploração colonial e os ingleses nunca pagaram taxas locais sobre o óleo comprado na região (ARSLANIAN, 1980, p. 6).

Além da desestatização das companhias de petróleo, outros setores também foram alvo de privatizações. O setor de transportes, extremamente importante na logística da indústria do petróleo e para as estratégias geopolíticas e bélicas, foi alvo de uma série de

⁹¹ A nacionalização das indústrias de petróleo em Baku ocorrera durante o governo do Soviete de Baku.

privatizações que alcançaram transportadoras e a ferrovia Transcaucasiana (AKHMEDOV, 2018, p.178). Essa movimentação em torno, principalmente, dos transportes navais foi de grande valia para a intensificação do controle sobre os principais portos do Cáucaso, sobre o Mar Cáspio e também sobre as exportações de petróleo. Esse controle, como citado brevemente no terceiro capítulo da dissertação, seria em parte utilizado para formar uma espécie de monopólio britânico sobre o petróleo na região, impedindo países como França e Itália e empresas como a Royal-Dutch Shell e Standard Oil de utilizarem o óleo azerbaijano de qualquer forma (GHAZARIAN, 2016, p.6-8).

No âmbito político-estratégico, a Grã-Bretanha tinha uma série de interesses que moldaram a sua política para o petróleo do Cáucaso durante a ocupação. Apesar do grande interesse econômico no rápido reestabelecimento da produção e exportação do petróleo em Baku, foi vedada a exportação do petróleo da região para os soviéticos russos (AKHMEDOV, 2018, p.174). A partir do mesmo objetivo também foi proibida a exportação de petróleo pelo Mar Cáspio sem a permissão do comando de ocupação britânico; nesse ponto o controle sobre os transportes e portos do Cáucaso foi fundamental para a efetividade da resolução britânica. Essa proibição seria efetivamente realizada mesmo à custa da queda do volume de exportações do óleo e do enfraquecimento da economia da região do recém-criado Estado azerbaijano (AKHMEDOV, 2018, p.184-5). A restrição de exportações aos soviéticos foi notada por Vladimir Lênin que em determinada reunião em Moscou expôs:

"You know that the British have robbed us of our Baku oil supplies. They have captured many of the ships in the Caspian Sea, they have occupied Grozny and are preventing us from using the oil. Neither industry nor the railways can work without fuel. We must exert our efforts to the utmost." (AKHMEDOV, 2018, p.175).

Enquanto cortava o fluxo do petróleo para os soviéticos, o governo inglês fomentava e apoiava a formação do *Volunteer Army*, exército do Movimento Branco contra revolucionário russo. Documentos britânicos como o "*Policy of H. M. Government, and duties of british military mission, South Caucasia*" (KOPISTO, 2011, p. 190) mostram a decisão britânica de apoiar logisticamente o *Volunteer Army*, movimento antibolchevique considerado mais forte pelos ingleses. O apoio se deu na forma do envio de suprimentos militares⁹² assim como na utilização das ferrovias e vias

⁹² Foram enviados ao quartel general do Movimento Branco em Krasnodar: munição, armas, veículos militares, tanques, uniformes, equipamentos médicos e aeroplanos. (KOPISTO, 2011, p. 193).

do Cáucaso, controladas por tropas britânicas, para o transporte dos suprimentos. Também houve uma política de permissão velada dada à realização de recrutamentos para o Exército Voluntário Branco na Transcaucásia (AKHMEDOV, 2018, p.92) e o estabelecimento de uma Missão Britânica no norte do Cáucaso para o treinamento das tropas contrarrevolucionárias. Apesar de evitar a todo o custo uma política explícita de apoio militar aos contra revolucionários, internamente o governo britânico se afastara dos antigos aliados russos a partir da Revolução de Outubro e temia pelo avanço do ideal revolucionário na Europa e Ásia (KOPISTO, 2011, p.57).

O apoio ao *Volunteer Army* foi fundamental para a conquista do Movimento Branco (*White Movement*) sobre o Cáucaso do Norte, controlado anteriormente pelos bolcheviques, no front sul da guerra civil (KOPISTO, 2011, p. 80). Após a conquista, o exército voluntário começou a ter atritos com os governos da Geórgia, Azerbaijão e com as tribos das montanhas do Cáucaso devido a movimentos feitos em direção a Transcaucásia. Este talvez tenha sido o momento de maior atrito com os ingleses já que havia uma ambição do exército voluntário em torno do petróleo de Baku e dos portos e ferrovias georgianas (AKHMEDOV, 2018, p.92-93). Pelo lado do governo britânico, por meio do lorde George Curzon, o recado de proteção à Transcaucásia (e ao seu petróleo) foi claro: "If Denikin and his myrmidons would leave the Caucasus alone all would be well. But if he persists in trying for Batum, Baku, etc., he inevitably comes up against people whom it is our policy to support" (FO 371/3663, 1919c).

De todo o modo, a questão sobre as fronteiras políticas entre a Transcaucásia e o território controlado pelo Movimento Branco foi resolvida a partir da mediação do comando britânico. A anuência britânica em relação aos maiores objetivos contrarrevolucionários do Movimento Branco foi relevante para o estabelecimento de um acordo e as fronteiras estabelecidas deram ao *Volunteer Army* total acesso sobre os poços de petróleo de duas das maiores cidades produtoras ao norte do Cáucaso (Grozny e Maykop) além do porto de Petrovsk, conhecido pelo escoamento do petróleo (KOPISTO, 2011, p.82). Essa ação demonstra como os interesses britânicos orientaram decisões políticas em torno do petróleo caucasiano mesmo que a atuação nesse caso tenha sido no sentido de ceder importantes poços de petróleo para outros. Por sua vez, o general Denekin, líder do *Volunteer Army*, também reconheceu a Transcaucásia e seu petróleo como objetos de interesse britânico e preferiu manter o império inglês como um aliado

contra os bolcheviques abdicando do petróleo transcaucasiano (AKHMEDOV, 2018, p.93).

Por fim, é necessário salientar que, como dito no terceiro capítulo da dissertação, parte relevante da produção de petróleo da região negada a outras potências foi encaminhada para as forças militares britânicas. Ghazarian (GHAZARIAN, 2016, p.6). e Akhmedov (AKHMEDOV, 2018, p. 188) apontam em seus trabalhos como parte da frota britânica no Mar Mediterrâneo, Mar Cáspio e Mar Negro era alimentada pelo petróleo caucasiano. Assim, a necessidade de assegurar o abastecimento da *Royal Navy* também foi um imperativo estratégico que moldou a política restritiva britânica na região do Cáucaso.

Ao analisar as políticas britânicas, é possível dizer que houve um esforço inglês para a formação de um monopólio sobre a indústria do petróleo que durou toda a ocupação, a despeito dos governos locais. A Geórgia e o Azerbaijão, envolvidos diretamente na logística da indústria de petróleo, empenharam muitos esforços para a flexibilização das regras britânicas sem, no entanto, obter sucesso (AKHMEDOV, 2018, p. 175-176). Isso porque a geopolítica do petróleo da Inglaterra para o Cáucaso sempre esteve baseada nos interesses político-econômicos do Império Britânico sobre a disputa hegemônica do Sistema Interestatal Capitalista. Assim, as políticas britânicas caminharam diversas vezes, como demonstrado acima, na direção contrária ao aquecimento das economias nacionais da região. Como resultado, a Geórgia e, principalmente, o Azerbaijão viram suas economias entrarem em declínio devido ao controle e restrições empregados pela Inglaterra (AKHMEDOV, 2018, p. 175-176).

Em conclusão, é possível entender que apesar de não ambicionar uma ocupação permanente (CAB, 27/24, 43rd Meeting, 1917), o Império Britânico implementou uma ocupação na Transcaucásia que se assemelhou aos moldes coloniais empregados em outros territórios, especialmente no que tange o petróleo. Em relação ao Cáucaso do Norte, a política foi distinta em razão dos combates da Guerra Civil Russa que ali ocorreram. Os britânicos preferiram não se envolver diretamente nas batalhas, mas estabelecer uma cooperação logística e militar com o Movimento Branco contrarrevolucionário. Essa cooperação envolveu, também, o óleo caucasiano de forma estratégica. Esses movimentos ocorreram desde o estabelecimento do Armistício de

Mudros até a assinatura do Tratado de Paz de Versalhes quando o Império Britânico decidiu-se por retirar suas tropas da Transcaucásia (AKHMEDOV, 2018).

4.4 O fim da ocupação britânica e a sovietação do Cáucaso

A ocupação britânica na Transcaucásia terminaria no verão europeu de 1919 (ARSLANIAN, 1978. p. 524). Essa decisão britânica se deve a uma série de fatores. Naquele verão, as notícias sobre a evolução da luta dos exércitos antirrevolucionários eram extremamente conflituosas e o *War Office* britânico ficou extremamente insatisfeito com o que considerou como progressos lentos, ou mesmo derrotas importantes, dos exércitos que contavam com vultosos apoios logísticos ingleses (KOPISTO, 2011, p.110). Em junho o então Secretário de Estado da Guerra Winston Churchill, grande entusiasta do apoio aos contrarrevolucionários, decidiu autorizar a troca de comando na missão britânica organizada para apoiar os exércitos antibolcheviques. Foi instalada também em Novorossisk, no Cáucaso do Norte, uma base britânica com a função de supervisionar os suprimentos e, secretamente, os comandantes do Exército Voluntário.

Enquanto a base era instalada, a relação entre britânicos e os líderes do *White Army* se deteriorou. Informações inverídicas sobre a situação dos fronts de batalha, a má utilização dos suprimentos enviados, desconfianças entre os comandantes britânicos e russos e a própria situação da Guerra Civil Russa colaboraram para o distanciamento de parte do governo britânico do Movimento Branco. Além desses fatores, a Grã-Bretanha enfrentava cada vez mais a questão da desmobilização de suas tropas que não enfrentavam mais a Grande Guerra e o crescimento das críticas internas quanto à qualquer política intervencionista na Rússia (ARSLANIAN, 1978, p.524-525; KOPISTO, 2011, p.115). Por fim, ainda havia outras percepções sobre o Cáucaso que depunham a favor do fim da ocupação. A Grã-Bretanha lidara durante toda a ocupação com questões e conflitos envolvendo as nacionalidades da região, algo que não previra inicialmente. Cada vez mais a Transcaucásia significava uma alocação de esforços e tropas que para muitos dentro do governo britânico deveriam ser direcionados para regiões considerada mais cruciais para a manutenção dos interesses do Império como a Índia, Egito e Irlanda (ARSLANIAN, 1978, p.524-525; KOPISTO, 2011, p.115-116).

Todos esses fatos somados à Conferência de Paz de Paris fizeram o governo britânico decidir-se por, contra a vontade de Winston Churchill, atuar na direção dos maiores interesses nacionais britânicos (ARSLANIAN, 1978, p.525). A decisão pela

retirada das tropas, no entanto, foi postergada diversas vezes. O adiamento se daria em razão das últimas tentativas de manutenção de apoio aos contrarrevolucionários, feitas por Churchill, e das tratativas, infrutíferas, com a Itália por uma troca do comando da ocupação. Por fim, decidiu-se manter um pequeno destacamento em Batumi, com o objetivo de controlar o porto, e desocupar totalmente o resto da Transcaucásia até setembro de 1919 (KELLY, 2000, p. 93). Sobre o apoio aos exércitos antibolcheviques, ficou acertado que um último carregamento de suprimentos para as tropas seria realizado e que a Missão Militar Britânica de apoio, no norte do Cáucaso, para o sul da Rússia só seria desfeita na primavera europeia de 1920 (KOPISTO, 2011, p. 155).

A retirada das tropas ao longo da ferrovia Baku-Batumi menos de um ano depois da ocupação mostra que conforme colocado em diversos documentos britânicos, não havia grandes planos para o estabelecimento de um protetorado permanente no Cáucaso (CAB, 27/24, 43rd Meeting, 1917). Dessa forma, é possível notar que, apesar das políticas britânicas na região serem muito influenciadas pelo fator petróleo, para o Império Britânico o óleo caucasiano era apenas parcialmente importante se comparado a outros interesses nacionais. Mesmo assim, a Inglaterra ainda manteve o controle sobre Batumi com a intenção de controlar o porto mais importante da região, não por acaso maior escoadouro de petróleo.

Enquanto o governo britânico retirava suas tropas da Transcaucásia ainda com a expectativa da manutenção do território fora do controle bolchevique, os governos das repúblicas da região enfrentaram diversas crises político-econômicas. Ainda durante o período da ocupação, conflitos entre as populações caucasianas de diferentes nacionalidades e etnias foram uma questão recorrente. A Guerra Georgiano-Armênia, os confrontos entre as tribos das montanhas do Cáucaso e o Exército Voluntário ao norte do Azerbaijão e Geórgia e a crise econômica do Azerbaijão são apenas alguns exemplos do ambiente tenso e complexo que se instalara na região. Com o fim da ocupação, as amargas heranças deixadas pelas disputas das grandes potências na região tornariam os Estados da Transcaucásia extremamente frágeis e, como a História revela, os sonhos de independência dos governos das três repúblicas sucumbiriam para a força do Exército Vermelho. Esse processo ocorreriam em duas fases, uma no ano de 1920 e outra em 1921 (ZHEBIT; LIMA, 2019, p.39)

O Azerbaijão foi o primeiro Estado do Cáucaso do Sul a passar pelo processo de sovietação (ZHEBIT; LIMA, 2019, p.39). A saída das tropas britânicas deixara o país, governado pelo partido Musavat, a beira do caos econômico e social. Existiam enfrentamentos entre as populações armênias e azeris do país frequentemente, o comércio e a produção industrial do país ainda era afetada pelas políticas restritivas britânicas. Com o deterioramento da situação sócio-econômica do país, as populações proletárias passaram a sofrer com o desemprego, a desvalorização dos salários e com a inflação dos preços dos produtos (AKHMEDOV, 2018, p. 192). Toda essa situação alinhada com políticas do governo de retirada de direitos e precarização do trabalho influenciaram as comunidades proletárias a se aproximarem dos discursos socialistas. Greves e protestos foram organizados e fortaleceram a oposição do governo e reforçaram a instabilidade política no país que seria governado pelo partido Musavat até abril de 1920 (AKHMEDOV, 2018, p. 192-199).

Ao mesmo tempo em que o Azerbaijão enfrentava uma situação político-econômica complicada, a Guerra Civil Russa (a segunda fase da Primeira Guerra Mundial) começava a ter seu destino definido. Após um período de intensas batalhas entre os exércitos antirrevolucionários e as tropas soviéticas, onde durante julho de 1919 o Exército Branco chegou próximo a Moscou, foi se tornando claro que os rumos da Guerra Civil Russa haviam mudado. Ao fracasso das tropas do general Denekin na ofensiva contra Moscou se somaram o fim da ocupação francesa na região ucraniana em decorrência das derrotas em Odessa e na Crimeia (KOPISTO, 2011, p.10), as vitórias bolcheviques no front siberiano e o fim da ocupação britânica na Transcaucásia. Começou a se desenhar um cenário onde os bolcheviques com seu Exército Vermelho avançavam e consolidavam seu poder pela Rússia.

Com o ânimo reforçado após grandes vitórias no ano de 1919, os bolcheviques iniciaram 1920 com planos de enfrentamento dos exércitos inimigos restantes e de reconquista de diversas regiões do antigo Império Russo. Dentre elas, o Cáucaso era considerado vital por suas reservas de petróleo, de minerais e indústria petrolífera (KELLY, 2000, p. 95). Essa importância da região é expressada em um telegrama de Lênin datado de 17 de março de 1920, onde este ordena ao Exército Vermelho no sul da Rússia a missão de reconquista do Cáucaso:

“(…) it is extremely, extremely important for us to take Baku. Exert all efforts in this direction, but at the same time do not fail to show yourself doubly

diplomatic in your announcements and make as sure as possible that firm local soviet authority has been prepared. The same applies to Georgia, but in this case I advise even greater circumspection....” (SWIETOCHKOWSKI, 2004 p.177)

Assim, o 11º Exército Vermelho foi direcionado para Baku. A essa altura, o Cáucaso do Norte já havia sido reconquistado do Exército Branco que se esfacelava por toda a Rússia. Ao mesmo tempo, foi organizada uma revolta em Baku contra o governo Musavat pelo comitê revolucionário pró-bolchevique local (ZHEBIT; LIMA, 2019, p. 40). Em 27 de abril de 1920 representantes do comitê revolucionário submeteram ao governo azerbaijano um ultimato para abdicação do poder. O parlamento azerbaijano, entendendo a própria incapacidade de manutenção do poder frente ao Exército Vermelho, decidiu entregar o poder. Rapidamente o 11º Exército Vermelho tomou a cidade e no dia 28 de abril de 1920 foi proclamada a República Socialista Soviética do Azerbaijão (ZHEBIT; LIMA, 2019, p. 40). Em um primeiro momento a Rússia estabeleceu um controle militar sobre o Azerbaijão, porém ainda em maio reconheceria a independência do país que passara a ser governado pelo partido comunista do país.

Com o movimento, em poucos meses a Rússia soviética, ainda em processo de formação da União Soviética, nacionalizaria novamente toda a cadeia produtiva do petróleo além de outras manufaturas e infraestrutura (SICOTTE, 2017, p. 266). Dessa forma, a mãe Rússia ou pátria mãe voltara a ter controle sobre o petróleo de Baku, um dos maiores, senão o maior, objetivo do plano de reconquista do Cáucaso como fica evidenciado na seguinte declaração de Lênin:

“(...) we received yesterday news from Baku which indicates that our industry has taken a turn for the better. We all know that our industry has come to a standstill for the lack of fuel, but now the news comes that the Baku proletariat has taken the power in its hands and overthrew the Azerbaijani government. This means that we now have such an economic base that can put life back into our industry.” (SWIETOCHOWSKI, 2004, p. 184)

À sovietação do Azerbaijão seguiu-se o mesmo processo na Armênia. Em 1920 a Armênia vinha de um período onde sua população havia sido dizimada pela guerra, por políticas genocidas do governo otomano. A consequência desse esforço e sofrimento ignorados pelas grandes potências, com destaque para os britânicos, foi a intensificação do nacionalismo armênio radical que levou o governo armênio a empreender políticas expansionistas. Esses movimentos de expansão tinham como objetivo assegurar para a Armênia terras consideradas sagradas para a população armênia. No entanto, essa política

levou o país a uma série de guerras com seus vizinhos da Transcaucásia e também com o decadente Império Otomano e seu ente político sucessor, a Turquia.

Com este último poder territorial, o conflito tornou proporções que ao fim de 1920 eram desfavoráveis aos armênios. As grandes baixas militares e civis armênias deixaram um país já dizimado sem exército, o que resultou na invasão e ocupação de quase dois terços do território do país por forças turcas (ZHEBIT; LIMAS, 2019, p.43). Em 29 de novembro de 1920 uma onda de rebeliões tomou conta da capital Yerevan e o governo do partido Dashnak foi derrubado. A missão diplomática soviética na cidade imediatamente exigiu a transferência do poder do governo para o Comitê Revolucionário da República Socialista Soviética da Armênia. A proclamação da República Socialista Soviética da Armênia se daria no dia 2 de dezembro, um acontecimento que não diminuiria as tensões, conflitos e disputas territoriais entre turcos e armênios.

No dia seguinte a proclamação, o governo dashnak deposto assinaria o Tratado de Alexandrópolis que imporia perdas territoriais severas à Armênia em troca do fim do conflito e do reconhecimento do poder dashnak pelos turcos kemalistas. Porém, àquela altura o governo soviético da Armênia detinha o poder sobre Yerevan e não ratificou o tratado. Assim, o conflito não teve fim oficial, apesar da rápida ocupação militar dos territórios. Essa controvérsia só seria resolvida com os Tratados de Moscou e de Kars em 1921. Neles as exigências territoriais turcas foram atendidas pelo governo soviético russo em troca da anistia do governo dashnak, socialista, e do fim da guerra entre Armênia e Turquia (ZHEBIT; LIMA, 2019, p. 43).

Por fim, o último Estado do Cáucaso do Sul a sofrer o processo de sovietação foi a Geórgia. Durante todo o ano de 1919 o país vivera sob constante tensão. O parlamento do governo georgiano era de maioria nacionalista menchevique, não alinhados com os bolcheviques que disputavam poder internamente no país e também opositores do Exército Voluntário que tinha ambições de anexação da Geórgia (KING, 2008, p. 164). Essas ambições em um primeiro momento foram atrapalhadas pela ocupação e comando britânico na região. A ocupação britânica permaneceu em Batumi, na Geórgia, até 1920; esse fator é colocado como um dos motivos para a Geórgia ter sido o último Estado a sofrer a ocupação do Exército Vermelho⁹³.

⁹³ Juntamente com a ocupação britânica, a Guerra Polaco-Soviética também é colocada como um dos impedimentos a uma ação soviética rápida no norte do Cáucaso e na Geórgia pois o Exército Vermelho foi

Em maio de 1920 foi organizada uma tentativa de tomada de poder por bolcheviques armênios onde o governo menchevique conseguiu a manutenção do poder. Esse conflito interno levou a formalização de um tratado de paz entre Rússia e Geórgia em maio do mesmo ano onde os soviéticos reconheciam o Estado georgiano em troca da retirada das tropas britânicas da região e da formalização de um partido soviético na Geórgia (ZHEBIT; LIMA, 2019, p. 44). Por certo, entre junho e julho do mesmo ano as tropas britânicas foram retiradas de Batumi o que abriu de vez o caminho para a conquista soviética. Em dezembro de 1920, após o fim das batalhas na Guerra Soviético-Polonesa, o 11º Exército Vermelho foi reencaminhado em direção à Geórgia (e também Armênia) (ZHEBIT; LIMA, 2019, p.44).

A Geórgia se viu ao fim de dezembro e início de 1921 entre um Império Otomano que, em guerra, se transformava na Turquia kemalista e outros Estados da Transcaucásia já sob o regime soviético. Nesse período, a estratégia soviética para ocupação da Geórgia foi orientada para o ressurgimento das rebeliões dos bolcheviques georgianos (ZHEBIT; LIMA, 2019, p.45). Em fevereiro o Exército Vermelho invadiu partes da Geórgia complicando a situação do governo georgiano que orientava seus esforços na manutenção da autonomia do país⁹⁴. Ao fim do mês houve a invasão soviética da capital Tbilisi (Tiflis naquele momento) e foi proclamada a República Socialista Soviética da Geórgia. A Geórgia ainda enfrentaria combates entre tropas georgianas, que se encontravam a sudoeste do país, com o exército soviético assim como invasões da Turquia kemalista em direção a Batumi que só se resolveriam com o Tratado de Moscou entre Turquia e Rússia soviética de 1921.

Durante todo o período do que se considera a segunda fase da Primeira Guerra Mundial, ambientada em território russo, o Cáucaso conviveu com invasões, batalhas, ocupações e controle de outras potências. Após esses eventos complexos e profundos, a autonomia e a independência dos Estados da Transcaucásia se provariam mais do que frágeis, efêmeras. Em 1922, em um momento onde já a autonomia desses países já havia sido fortemente atacada, a sua independência foi de vez anulada com a formalização e criação de dois entes federativos: a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e a

momentaneamente direcionado para o front de batalha da guerra, o que freou os avanços soviéticos na Transcaucásia (KOPISTO, 2011, p.178).

⁹⁴ Essa política de investimento na defesa nacional foi feita durante toda a breve independência do governo georgiano. Como exemplo, no ano de 1919, metade do orçamento nacional foi para o do Ministério da defesa da Geórgia (KING, 2008, p. 164).

Federação Socialista Soviética Transcaucasiana. Esse foi o momento onde as autoridades das nações do Cáucaso, já bolcheviques, cederam as mais importantes funções de Estado para a União Soviética, institucionalizando assim a administração de Moscou sobre a região. O Cáucaso amanheceu em 1923 com o fim dos combates iniciados na Primeira Guerra Mundial, porém com as ambições independentistas de suas populações completamente destruídas. Suas populações e o seu petróleo estavam sob a administração inexorável da União Soviética.

Essa administração soviética seria regida intensamente pela importância adquirida pelo Cáucaso no período da Primeira Guerra Mundial e desenvolvida no momento entre guerras. Essa relevância do Cáucaso é, de certo, fruto de um processo geohistórico muito anterior à guerra que foi brevemente citado aqui. Porém, o conflito precipitou o desenvolvimento da indústria de petróleo e deu início ao processo de transformação do tabuleiro geopolítico mundial que tornaria a região uma peça geoestratégica e geoeconômica importante para o governo soviético no segundo quarto do século XX;

Ao fim do período de sovietação, o Cáucaso sofreu um reinvestimento no setor petrolífero, na extração de outros recursos minerais vastos na região e no aumento da produção industrial (MARSHALL, 2010, p. 223). A volta da produção em larga escala na região, possibilitada por meio da importação de tecnologia dos países ocidentais, tornou novamente o Cáucaso um grande exportador do óleo (YERGIN, 1991, p. 240). O aumento da produção de petróleo foi alinhado com uma política de exportação a preços extremamente competitivos que não agradaram empresas do ramo e solidificaram a ideia da União Soviética como o novo inimigo a ser combatido pelas grandes potências capitalistas (MARSHALL, 2010, p. 241-2). No entanto, os soviéticos souberam utilizar estrategicamente os recursos do Cáucaso para assegurar o desenvolvimento e segurança da "Pátria mãe".

No aspecto geoeconômico, a indústria petrolífera da região teve um papel destacado para a URSS. Ela contribuiu de forma relevante para as metas dos primeiros planos quinquenais soviéticos⁹⁵ com a cidade de Grozny provendo 36% de toda a produção de petróleo durante o período do primeiro plano, perdendo apenas para a também caucasiana Baku (MARSHALL, 2010, p. 240). Além disso, até o início da

⁹⁵ O primeiro plano quinquenal soviético se deu entre 1928 e 1932. Tinha como principal objetivo criar as bases para a economia socialista e previa o incentivo a indústrias pesadas.

Segunda Guerra Mundial o Cáucaso chegou a prover 93,5% de todo o óleo e combustível soviético via três pontos principais: Batumi, a principal rota de escoamento, Baku e Grozny⁹⁶. Também nessas cidades era realizado 91% do refinamento das reservas de combustíveis soviéticos (MARSHALL, 2010, p. 241). Essa produção, brevemente exposta aqui, foi extremamente necessária na manutenção da construção das bases para a economia socialista, modernizada e industrializada, prevista pelo governo soviético.

Por outro lado, o Cáucaso também foi uma peça geoestratégica para a URSS. Além de sua importante posição geográfica, o petróleo se tornou no entre guerras uma fonte energética militar extremamente necessária. Ele foi utilizado muitas vezes como moeda de troca em negociações internacionais, com destaque para sua importância no pacto de não agressão nazi-soviético em 1939. A região exportou durante os primeiros anos de guerra uma vasta quantidade de petróleo, lubrificantes e produtos metalúrgicos para a Alemanha nazista (MARSHALL, 2010, p. 223). Isso, em última instância reforçou o interesse na região para os envolvidos na guerra com destaque para a própria Alemanha. O petróleo do Cáucaso seria, em última instância, o motivo pelo qual Hitler criaria a Operação Barbarossa que violaria o pacto de não agressão e expandiria ainda mais a sangrenta Segunda Guerra Mundial.

⁹⁶ Também é possível destacar as cidades de Maikop e a atual Krasnodar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa se propôs a investigar e dimensionar o papel das disputas de hegemonia no início do século XX, condensadas factualmente na Primeira Guerra Mundial, para a formação de uma Geopolítica do Petróleo orientada para a região do Cáucaso. Para que isso fosse possível, primeiro tornou-se necessário definir teoricamente os parâmetros a serem utilizados nas análises. Nesse sentido, a perspectiva do Poder Global, de José Luis Fiori (2007), e as colaborações de autores como Mariana Mazucatto (2014) e Carlos Medeiros (2004) foram fundamentais para nortear as reflexões. Foi a partir desses arcabouços teóricos que se pôde compreender a ligação que existe entre as disputas de hegemonia, esforço contínuo de guerra e as inovações tecnológicas.

O segundo passo na construção da dissertação foi examinar como a disputa de hegemonia na transição para o século XX impulsionou inovações tecnológicas que iniciaram o processo de transição da matriz energética mundial do carvão para o petróleo. Para isso, foi feito um recuo no tempo onde se observou as condições históricas que levaram ao acirramento das disputas por poder entre as potências europeias, com destaque para a Grã-Bretanha e Alemanha. O exame atento de fontes bibliográficas primárias e secundárias nos leva a crer que ambições e condições geopolíticas levaram à Alemanha a alterar sua política externa adotando uma postura mais imperialista e belicista que desafiou o *status quo* do Sistema Internacional. Esse desafio foi encarado pelo hegemom do sistema, a Grã-Bretanha, e outras potências como uma ameaça e assim se iniciou o processo de escalada dos investimentos militares para uma eventual guerra por hegemonia.

Por sua vez, o segundo capítulo da dissertação focou-se na história do petróleo no mundo. A primeira consideração extraída dele foi que a indústria do petróleo precede temporalmente o momento da guerra. No entanto, até a última década do século XIX, o óleo e sua indústria eram pouco relevantes a nível mundial e em geral fomentados pelos "grandes heróis do petróleo". O que transforma o status do petróleo são as novas tecnologias voltadas para a guerra, com destaque para o motor interno à combustão. É neste momento onde a disputa por hegemonia se liga ao processo de inovação tecnológica por meio dos investimentos nas cadeias organizacionais militares dos Estados-Impérios Europeus. São as pesquisas organizadas pelos mais fortes governos europeus que

apontam os benefícios do uso do petróleo nos novos motores dos navios militares que começam a transformar tanto a história da guerra quanto a própria história do petróleo.

Entre as inovações para a guerra, a descoberta das utilidades e benefícios do petróleo para a máquina bélica gera um processo grandioso de investimentos na produção de petróleo e adaptação dos aparatos bélicos para o novo combustível. Desse processo nascem os navios movidos a petróleo, se disseminam os carros, são criados os tanques e aviões de guerra. Apesar disso, é fundamental destacar que a Primeira Guerra foi prioritariamente movida a carvão. Os números oficiais mostram que o petróleo começa a ter seu uso militar desenvolvido e ampliado durante o conflito, porém apenas por algumas potências e não de forma expandida. O petróleo demoraria ainda algumas décadas até completar a transição para a posição de matriz energética militar mundial. Então, tornou-se extremamente importante redobrar o cuidado para evitar que o restante da dissertação não caísse em uma problemática de anacronismo em relação a real relevância do petróleo no período.

No entanto, ainda que não competisse pelo posto de matriz energética militar naquele momento, o crescimento da indústria do petróleo e do seu uso militar até o estopim da guerra gerou uma primeira grande consequência a nível sistêmico. Houve um aumento importante do interesse das grandes potências em regiões com reservas petrolíferas e lentamente o tabuleiro geopolítico mundial passou a sofrer mudanças. Esse interesse pode ser traduzido no início de uma série de movimentações dos Estados-Ímpérios no sentido de garantir o acesso irrestrito a reservas de petróleo.

É com essa compreensão que a dissertação alcança o seu segundo seguimento, focado nas análises sobre a possível formação de uma geopolítica do petróleo para o Cáucaso e suas implicações. A palavra possível foi escolhida porque até então era apenas uma hipótese a formação de uma geopolítica do petróleo para a região do Cáucaso durante a Primeira Guerra Mundial. Com o recorte espacial feito em razão da relevante produção petrolífera do Cáucaso no período analisado, fez-se uma investigação histórica sobre a região. Sua história ao longo dos séculos foi abordada, sua importância geopolítica histórica foi examinada e pôde-se concluir que o Cáucaso sempre fora uma região importante geopoliticamente. Isto porque sua posição geográfica o tornou, desde as primeiras civilizações, uma fronteira religiosa, imperial, populacional e comercial

(RONDELI, 1988, p. 21). Portanto sempre existiram disputas envolvendo e ambicionando as terras caucasianas.

Como então dimensionar até que ponto as campanhas militares da Grande Guerra e importantes acontecimentos político-sociais no Cáucaso eram indícios do nascimento de uma geopolítica de petróleo dos impérios na região? Uma vasta bibliografia sobre o Cáucaso, o petróleo na região e a Primeira Guerra foi utilizada para uma análise qualitativa.

Diversos documentos oficiais também foram analisados no esforço de compreender a ligação existente entre os combates da guerra com os interesses em petróleo das grandes potências. As considerações alcançadas foram variadas e complexas. Primeiramente, a investigação histórica comprovou que o Cáucaso detinha algumas das maiores reservas de petróleo do mundo. Essas reservas foram exploradas durante anos pelo Império Russo. Porém, assim como no resto do território russo, o Cáucaso era um berço de contradições em termos econômicos. A má-administração e o acirramento das contradições político-econômicas em decorrência da superexploração do petróleo levaram a região a um furor revolucionário em 1905. As áreas petrolíferas do Cáucaso, com destaque para Baku, foram alguns dos berços dos movimentos que em 1917 fariam a revolução que destruiria o czarismo na Rússia.

O furor revolucionário de 1905 é uma das razões pelas quais o petróleo no Cáucaso chega na Primeira Guerra Mundial com uma produção muito menor em comparação com a do maior produtor mundial à época, os Estados Unidos. A cadeia industrial petrolífera fora parcialmente destruída nas revoltas de 1905 e sofria para se recuperar com a má-administração czarista. A produção em menor escala alinhada a proteção da região feita pelo Império Russo são consideradas aqui como algumas das explicações para a pouca relevância da Frente do Cáucaso nos primeiros anos da Grande Guerra. De fato, o que se apurou na dissertação é que de 1914 até parte de 1917, a Frente do Cáucaso não foi palco de grandes movimentações militares e as que existiram, envolveram apenas dois Impérios em processo de dissolução (Russo e Otomano).

Essa situação só muda efetivamente com a Revolução Russa em 1917 que causou uma intensa desmobilização nas tropas no Cáucaso. É nesse momento também onde começa a Guerra Civil Russa, considerada em comunicação pessoal por José Luis Fiori como uma segunda parte da Primeira Guerra Mundial. Isto porque a Guerra Civil Russa

contou com a interferência de todas as potências europeias envolvidas na Grande Guerra. A partir deste momento é onde a historiografia e documentos oficiais britânicos e alemães revelam que o petróleo passa a operar um papel mais proeminente para as batalhas na região e para o destino do conflito. Em 1917 o uso de petróleo já estava mais difundido para a guerra e as buscas por controle a regiões petrolíferas se acentuaram. Com a Revolução Russa e desmobilização das tropas, o Cáucaso se tornou um alvo em potencial. É a partir deste período que há uma série de interferências das potências na região, com destaque para o Império Otomano, o Império Britânico e o Império Alemão.

A historiografia nos permite afirmar que os três impérios planejaram movimentações militares motivadas, em parte, pelo interesse em petróleo. No entanto, é necessário esclarecer que esses interesses em petróleo não necessariamente significavam uma ambição de ocupação permanente na região. O ano de 1918 foi de intensas disputas na região que envolveram otomanos, alemães, tropas caucasianas e, em menor escala, britânicos. Enquanto otomanos invadiam o território caucasiano e competiam por espaço com tropas alemãs, explodiam no Cáucaso repúblicas independentes. Ainda que frágeis, a maioria delas tentou manter sua autonomia contra invasões estrangeiras. Ao fim de 1918 a maioria delas já havia sido invadida por tropas otomanas que se dirigiram à indústria petrolífera de Baku deixando milhares de mortos em seu caminho. É nesse momento onde o governo britânico, preocupado com os avanços da Tríplice Aliança, envia uma força para evitar a conquista da cidade.

A disputa por Baku e suas reservas de petróleo durou apenas o tempo suficiente para exaurir as forças restantes da Alemanha. Quando o Império Otomano avança sobre Baku já era tarde demais. Tanto otomanos quanto o Império Alemão enfrentavam graves crises econômicas e militares que geraram a assinatura dos dois Armistícios que anunciaram o fim das hostilidades da Primeira Guerra Mundial. Porém está não acabaria com os novos interesses formados em relação ao petróleo caucasiano. A partir do envio da *Dunsterforce*, a Grã-Bretanha passou a analisar o petróleo do Cáucaso (AKHMEDOV, 2018). A assinatura do Armistício de Mudros oficializou a ocupação inglesa na região e a análise permitiu concluir que ela tinha como objetivos: não permitir o controle soviético sobre o petróleo caucasiano, fomentar as tropas do Exército Branco contrarrevolucionário e impedir uma onda socialista em direção à Índia. Além dessa questão, é possível verificar uma intensa movimentação britânica pela desestatização da indústria petrolífera e um

intenso controle sobre a mesma. Nesse período da ocupação britânica, empresas inglesas tornaram-se novamente as maiores investidoras na indústria do petróleo.

Apesar disso, a dissertação concluiu que o Império Britânico não tinha interesses em uma ocupação permanente na região. Documentos britânicos revelam uma disputa intensa sobre as movimentações na região, principalmente a partir do momento onde se tornou claro que os exércitos contrarrevolucionários perdiam a Guerra Civil Russa. Em 1919 o governo britânico decide terminar a ocupação na Transcaucásia por diversos motivos. Essa decisão aponta na direção de que apesar de cada vez mais proeminente, o petróleo do Cáucaso ainda detinha apenas uma relevância parcial para as decisões geopolíticas das potências para a região.

Ao final do processo de retirada das tropas britânicas o Cáucaso mais uma vez se tornaria uma região fragilizada a mercê das disputas imperiais. Tão logo foi possível, os Estados herdeiros dos Impérios Russo e Otomano se lançaram novamente em disputas sobre a região. Com a crescente força do partido bolchevique e a desorganização interna no Cáucaso, a Rússia soviética tomou a frente na disputa e avançou sobre a Ciscaucásia e sobre as repúblicas da Transcaucásia. O processo de sovietação do território durou quase 3 anos e envolveu uma série de disputas sangrentas onde os mais uma vez os maiores perdedores foram as populações caucasianas. Como o autor Alexander Rondeli cita em sua pesquisa sobre a Geórgia, frequentemente os povos caucasianos mais perdem do que ganham de sua importante posição geográfica (RONDELI, 1988, p.21)

As considerações finais dessa dissertação apontam na direção da hipótese trabalhada com alguns importantes destaques. A Primeira Guerra Mundial teve um papel fundamental para a formação de uma Geopolítica do Petróleo das grandes potências para a região do Cáucaso. No entanto, apesar de haver esse processo de nascimento de uma Geopolítica do Petróleo no mundo (e para a região), é necessário apontar que esse transcurso foi lento e só se completaria na Segunda Guerra Mundial. Na Grande Guerra, o petróleo caucasiano deteve uma importância apenas parcial nas decisões estratégicas das grandes potências para a região e isto apenas a partir de 1917 com o advento da Revolução Russa que transformou a balança de poder na área. Estados-Impérios como Grã-Bretanha, Alemanha, Império Otomano e Império Russo tinham níveis diferentes de interesse no Cáucaso e, principalmente, no petróleo da região. Por isso, também tiveram posicionamentos distintos sobre a área em variados momentos da guerra. Essas estratégias

militares, motivadas por complexos interesses geopolíticos, afetariam a vida dos povos caucasianos. Em resumo, a história do Cáucaso seria permanentemente transformada em decorrência das campanhas militares e disputas dos impérios na região que tinham, em alguma medida, relação com o nascimento de uma Geopolítica do Petróleo caucasiana.

DOCUMENTOS:

CAB 23/8/502. **Minutes of a Meeting of the War Cabinet**, 1918.

CAB 24/4/144. **Documents, Orders, and Correspondence: South Russia, Central Asia, Persia, Mesopotamia, India, Egypt**. Eastern Committee, Dunsterforce, January 1918 to September 1920.

CAB 23/4/69. **War Cabinet and Cabinet: Minutes**. Appendix. The National Archives, 1917.

CAB/24/59. **Situation in Palestine, Mesopotamia & the East**. The National Archives, 1918.

CAB 24/70/11. **Memorandum on our Present and Future Military Policy in Rússia**. The National Archives, 1918.

CAB 27/24. **Minutes of meetings 1-49. 43rd Meeting**. The National Archives, 1917

FO 371/3663. **Foreign Office: Political Departments: General Correspondence from 1906- 1966**. Paper n° 126879, 10/09/1919. The National Archives, 1919a

Tratado de Brest-Litovsk, 1918. Disponível em: <http://avalon.law.yale.edu/20th_century/bl34.asp#treatytext>. Acesso em: 12 de dezembro de 2019.

Tratado de Sèvres, 1920. Disponível em: <https://wwi.lib.byu.edu/index.php/Peace_Treaty_of_S%C3%A8vres>. Acesso em: 02 de março de 2019.

Tratado de Kars, 1921. Disponível em: <<http://groong.usc.edu/treaties/kars.html>> . Acesso em: 30 de maio de 2019.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AARON, R. **Paz e Guerra entre as nações**. Brasília: Ed. UnB, 1985.

AGOSTINHO, C. T. **Aproximações entre tecnologias militares e telecomunicações: o impacto das tecnologias desenvolvidas no meio militar nas telecomunicações**. In: Interprogramas de Mestrado da Faculdade Cásper Líbero, 7., 2011, São Paulo. Anais...São Paulo: Cásper Líbero, 2011. Disponível em:<<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/04/Tiago-C%C3%A9sar-Agostinho.pdf>>. Acesso em: 13/12/2019.

ALLEN, W. E. D.; MURATOFF, P. **Caucasian Battlefields. A History of the wars on the Turco-Caucasian Border: 1828–1921**. United Kingdom: Cambridge University Press, 1953. 688p.

ANANICH, B. The Russian economy and banking system. In: LIEVEN, Dominic (Org). **The Cambridge History of Russia: Volume 2: Imperial Russia, 1689-1917**. Cambridge: Cambridge University Press, p.593-616, 2006.

ARCASSA, W. S. FRIEDRICH RATZEL: A IMPORTÂNCIA DE UM CLÁSSICO. **Geographia Opportuno Tempore**, Londrina, v. 3, nº1. p. 98 - 115, 2017.

ARSLANIAN, A.H. Britain and The Transcaucasian Nationalities during the Russian Civil War. Washington D.C.: **Kennan Institute for Advanced Russian Studies**, n. 104, April 24-25, 1980.

BARREIROS, D. **A filogenia da guerra – Uma hipótese evolucionária sobre as origens do conflito intersocietário na linhagem do homem**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<http://www.ie.ufrj.br/index.php/index-publicacoes/textos-para-discussao>>. Acesso em: 15/10/2019.

BEHBUDOV, Tahir. BRITISH POLICE IN BAKU. **Visions of Azerbaijan: Discover the land of fire**. Azerbaijan, v. 1.2, summer 2006. Disponível em: <<http://www.visions.az/en/news/99/afcf2df0/>>. Acesso em: 10/10/2019.

BP. Statistical review of world energy. Disponível em: <<http://www.bp.com>>. Acesso em: 25/08/2019.

BRANCO, P. M. O Petróleo. **Serviço Geológico do Brasil - CPRM**, 18 de agosto 2014. Disponível em: <<http://www.cprm.gov.br/publique/Redes-Institucionais/Rede-de-Bibliotecas---Rede-Ametista/Canal-Escola/Petroleo-1256.html>>. Acesso em: 05/08/2019.

BROWN, W. M. **The Royal Navy's fuel supplies, 1898-1939: the transition from coal to oil**. London: University of London, 2003. 328 p.

BUNGE, Mario. **Teoria e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CARDOSO, L.C.S. **O Petróleo do Poço ao Posto**. Rio de Janeiro: Editora Qualitymark, 2008.

CARVALHO, Rodrigo. ENCRUZILHADA DE INTERESSES: AS INTERVENÇÕES ESTRANGEIRAS NA TRANSCAUCÁSIA (1917-1921). **Cadernos do Cáucaso**, Rio de Janeiro, v.2, n. 2, p.21-36, 2019.

CASTRO, I. E. **Geografia e Política: território, escalas de ação e instituições**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CENTENARY OF AZERBAIJAN DEMOCRATIC REPUBLIC ON BBC AZERBAIJANI. **BBC MEDIA CENTER**. United Kingdom, 28 mar. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.co.uk/mediacentre/latestnews/2018/centenary-azerbaijan-democratic-republic>>. Acesso em: 15/11/2018.

CORNELL, S. **Small Nations and Great Powers: A Study of Ethnopolitical Conflicts in the Caucasus**. Routledge, 2005.

COSTA, W. M. **Geografia Política e Geopolítica: discursos sobre o território e o poder**. 1. ed. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

CURRENT HISTORY: A MONTHLY MAGAZINE OF THE NEW YORK TIMES. New York: The New York Times, v. 10, 1919.

DEUS DEU, M. Por trás do Iphone, o Estado e os militares. **Outras palavras**, São Paulo, 14 out. 2019. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/estadoemdisputa/por-tras-do-iphone-o-estado-e-os-militares/>>. Acesso em: 28/12/2019.

DOROGOCHINSKII, A. Z. The birth and growth of the Grozny petroleum refining and petrochemical industry. **Chemistry and Technology of Fuels and Oils**, v.29, n°12, p.602–608, Dec. 1993.

EDIGER, Volkan; BOWLUS, JOHN. A Farewell to King Coal: Geopolitics, Energy Security, and the Transition to Oil, 1898-1917. **Historical Journal**, vol. 62, n.2, p. 427-449, jun. 2018.

ENGDAHL, Frederick William. Oil and the Origins of the Great War. 2007. **History Compass Journal**, vol. 5, n. 6, p. 2041–2060, out. 2007.

FERGUSON, N. **The war of the world: Twentieth-century conflict and the descent of the West**. New York: The Penguin Press, New York, 2006.

FERNANDES, Marisa. A Arma Submarina na Estratégia Alemã na Primeira Guerra Mundial. **Revista Nação e Defesa**, vol. 145, p.133-152, 2016. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/23869/1/FERNANDESMarisa_p133_152.pdf>; Acesso em: 01/09/2019.

FIORI, J. L. (Organizador). **O Poder Americano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

_____. **História, Estratégia e Desenvolvimento**. São Paulo: Boitempo, 2014.

_____. **O poder global e a nova geopolítica das nações**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

_____. **Sobre a Guerra**. Petrópolis: Editora Vozes, 2018. 408p.

FISHER, J. On the glaxis of India: Lord Curzon and British policy in the caucasus, 1919. **Diplomacy & Statecraft**, v. 8, issue 2, p.50–82, 1997.

FITZGERALD, E. France's Middle Eastern Ambitions: the Sykes-Picot Negotiations, and the Oil Fields of Mosul, 1915–1918. **The Journal of Modern History**. Chicago: Universidade de Chicago, edição 66, vol. 4, p. 697–701, 1994.

FRERET, V. A. C.; CHAVES, H. A. F.; JONES, C. M. Análise cronológica da indústria petrolífera. **Terræ Didática**, vol.15, p. 25-32, 2019. Disponível em:< <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/td/article/view/8654690/19185>>. Acesso em: 15/08/2019.

FROMKIN, D. 1989. **Paz e Guerra no Oriente Médio. A queda do Império Otomano e a criação do Oriente Médio**. Rio de Janeiro: Contraponto, BIBLIEX. 2011.

GHAZARIAN, M. Obstruction as Power: Rethinking Britain's Caucasus Occupation 1918–20. **The International History Review**, v.38, issue 4, p.654-666, 2016.

GIBSON, M. W. **British strategy and oil, 1914-1923**. Thesis (Phd in Philosophy) – School of Humanities, University of Glasgow, Glasgow. 2012. Disponível em: <<http://theses.gla.ac.uk/3160/1/2012gibsonphd.pdf>>. Acesso em: 21/11/2019

GIDDENS, P. H. **Pennsylvania petroleum, 1750-1872: a documentary history**. Titusville: Drake Well Memorial Park, Pennsylvania Historical and Museum Commission, 1^a ed. 1947. 420p. Disponível em: <<https://historicpittsburgh.org/islandora/object/pitt%3A00awn8200m/viewer#page/1/mode/1up>>. Acesso em: 10/08/2019.

GOLDEMBERG, J. O papel da tecnologia na Guerra e na Paz. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 21 jul. 2014. Seção Opinião. Disponível em: <<https://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,o-papel-da-tecnologia-na-guerra-e-na-paz-imp,-1531730>>. Acesso em: 05/12/2019.

GORSHKOV, T.; BAGATURIA, G. Developments at Georgian Railway. **Japan Railway & Transport Review**, vol.24, p.42-47, jul 2000. Disponível em: <http://www.ejrct.or.jp/jrtr/jrtr24/pdf/f42_gor.pdf>. Acesso em: 24/08/2019.

HOBBSAWM, Eric J. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **A era dos Impérios: 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

KANO, T.; KELLY, W. Crude oil production in the Russian Empire: 1818-1919. **Journal of European Economic History**, vol.6, n° 2, p. 307-338, 1977.

KAPLAN, D. R. **The revenge of Geography: what the maps tells us about coming conflicts and the battle against fate**. New York: Random House, 2012.

KAZEMZADEH, Firuz. **The struggle for Transcaucasia, 1917-1921**. Nova Iorque: Philosophical Library, 1951.

KELLY, David. End of the great game: British intervention in Russia's Southern Borderlands and the Soviet response. **The Journal of Slavic Military Studies**, v.13, n.4, p.84-100, 2000.

KING, Charles. **The Ghost of Freedom: A History of the Caucasus**. Oxford: Oxford University Press, 2008. 290p.

KOPISTO, Lauri. **The British Intervention in South Russia 1918-1920**. Dissertation (Historical Studies Masters) - Faculty of Arts, University of Helsinki, Helsinki, 2011.

KUSBUR, J. Russian Forces and the German Guildup at the outbreak of World War 1. In: EHLERT, H.; EPLENHANS, M.; GROSS, G. eds. **The Schlieffen Plan: International Perspectives on the German Strategy for World War I**. Kentucky: The

University Press of Kentucky, 2014. p.247-260. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=IVjCBAAAQBAJ&pg=PA248&lpg=PA248&dq=Jan+Kusber+russian+forces&source=bl&ots=41pP2EE3Gt&sig=ACfU3U1rAHEfVeUZU98reeomhtz3GQYgQ&hl=en&sa=X&ved=2ahUKEwiVv6nc98vkAhVzFLkGHWaLBy8Q6AEwEnoECAgQAQ#v=onepage&q=Jan%20Kusber%20russian%20forces&f=false>>. Acesso em: 12/09/2019.

LACOSTE, Yves. **A Geografia: isso serve em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2004.

MACKINDER, H. J. The Geographical Pivot of History. **Geographical Journal**, 23, 1904.

MAQUIAVEL, Nicolau (2004). **O Príncipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

MAZZUCATO, M. **O Estado Empreendedor: desmascarando o mito do setor público x setor privado**. São Paulo: Portfolio-Penguin, 2014, 320p.

MCMEEKIN, S. **The Berlin-Baghdad Express: The Ottoman Empire and Germany's Bid For World Power, 1898-1918**. London: Allen Lane, 2010.

MEDEIROS, Carlos Aguiar (2004) “**O Desenvolvimento Tecnológico Americano no pós-Guerra como um Empreendimento Militar**” In: FIORI, J.L. (org.) **O Poder Americano**, Editora Vozes, Petrópolis.

MELLO, A. I. L. **Quem tem medo da Geopolítica?** São Paulo: Editora Hucitec; Edusp, 1999, 228p.

MIR-BABAYEV, M. **Concise history of Azerbaijani oil**. Baku: Azerneshr, 2008. 288p.

_____. Baku-Batumi - The world's longest pipeline. **Visions of Azerbaijan**, jan./fev. 2015. Disponível em: <<http://www.visions.az/en/news/618/3b2f9122/>>. Acesso em: 28/08/2019.

_____. BRIEF HISTORY OF THE FIRST OIL DRILLING WELLS IN BAKU REGION. **NOEMA**, vol 17, p.175-185, 2018. Disponível em: <http://noema.crifst.ro/ARHIVA/2018_04_04.pdf>. Acesso em: 15/08/2019.

_____. OIL BUSINESS: THE STORY OF AZERBAIJAN’S FIRST OIL JOURNAL **Visions of Azerbaijan**, autumn of 2018. Disponível em: <<http://www.visions.az/en/news/1063/c2e00908/>>. Acesso em: 16/08/2019.

MOHR, Anton. **The Oil War**. New York: Harcourt, Brace & Co. 1926.

MOREIRA, B. Geopolítica e energia na região do Cáspio. **Revista Brasileira de Estratégia e Defesa**, v. 5, nº 1, p. 251-271, jan./jun. 2018.

NASCIMENTO, Vinícius Damasceno do; COSTA, João Marcelo Dalla. Paradigma tecnológico e guerra. **Revista da Escola Superior de Guerra**, [S.l.], v. 32, n. 65, p. 61-74, ago. 2017. ISSN 0102-1788. Disponível em:

<<http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/RESG/article/view/1238>>. Acesso em: 13 dez. 2019.

NEIVA, J. **Conheça o Petróleo**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 6ª ed. 1993. 306p.

O'HARA, S.; HEFFERNAN, M. From Geo-Strategy to Geo-Economics: The 'Heartland' and British Imperialism Before and After MacKinder. **Geopolitics**, v.11, issue 1, p.54-73. 2006.

PAPAVINASAM, S. The Oil and the Gas Industry. In: _____. **Corrosion Control in the Oil and Gas Industry**. Londres: ELSEVIER, 2013.

REYNOLDS, Michael A. **Shattering Empires: The Clash and the Collapse of the Ottoman and Russian Empires, 1908-1918**. Cambridge University Press. 2011.

RODRIGUES, R. **Eficiência operacional numa empresa de navegação: em busca da racionalização de contratos de afretamento**. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Estratégica) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. 126p. Disponível em:<<https://tede.ufrj.br/bitstream/jspui/1501/2/2012%20-%20Rodrigo%20Rossi%20Rodrigues.pdf>>. Acesso em: 20/08/2019.

RONCHI, B. et al. O petróleo e a Primeira Guerra Mundial: consequências operativas e planejamento estratégico. **Revista Perspectiva**: Santa Catarina, v.8, n.14. p.57-72. 2015.

RONDELI, A. Georgia: Foreign Policy and National Security Priorities. **UNDP Discussion Paper Series**, Tbilisi, n. 3, 1998.

ROYAL DUTCH SHELL. Nossa História. Disponível em:<<https://www.shell.com.br/sobre-a-shell/nossa-historia.html>> Acesso em: 10/08/2019.

SEQUEIRA, João. **Nacionalismo e Conflitos Étnicos no Cáucaso: Subversão e Colapso do Estado da Transcaucásia Czarista e Soviética (1830 - 1991)**. 2014. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estratégia, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014.

SICOTTE, J. **BAKU: VIOLENCE, IDENTITY, AND OIL, 1905-1927**. Thesis (History PhD) - Faculty of the Graduate School of Arts and Sciences, Georgetown University, Washington, 2017.

SLULGETT, Peter. **Britain in Iraq: 1914-1932**. London: Ithaca Press, 1976.

SUNY, R. G. A Journeyman for the revolution: Stalin and the labour movement in Baku, June 1907-May 1908. **Soviet Studies**, v.23, issue 3, p.373-394. 1972.

SWIETOCHOWSKI, Tadeusz. **Russian Azerbaijan, 1905-1920: The Shaping of National Identity in a Muslim Community**. Cambridge: Cambridge University Press 2004. 256 p.

TORRALBA, C. El gasto militar mundial escala a su máximo por el impulso de EE UU. **El País**, Madrid, 29 abr. 2019. Sección Internacional. Disponível em:<https://elpais.com/internacional/2019/04/28/actualidad/1556487884_515159.html>. Acesso em: 10/12/2019.

TZU, S. **A arte da Guerra**. São Paulo: Pensamento, 1988.

UNITED STATES ENERGY INFORMATION ADMINISTRATION. U.S. FIELD PRODUCTION OF CRUDE OIL. Disponível em:<<https://www.eia.gov/dnav/pet/hist/LeafHandler.ashx?n=p&s=mcrfpus2&f=a>>. Acesso em: 15/08/2019.

VESENTINI, José William. **Novas Geopolíticas**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

VON HAGEN, Mark. The First World War: 1914-1918. In: SUNY, R. ed. **The Cambridge History of Russia: The Twentieth Century**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2016. 883p.

WHEELER-BENNETT, J. **Brest-Litovsk: The Forgotten Peace**. London: Mcmillan & Co., 1938. 478p.

WINEGARD, T. **The First World Oil War**. Toronto: University of Toronto Press, 2016.

YERGIN, D. **O petróleo. Uma história mundial de conquista, poder e dinheiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. 932p.

_____. **The Prize: The Epic Quest for Oil, Money and Power**. New York: Simon & Schuster, 1991. 945p.

YUDENITSCH, N. Confira 5 tecnologias da Era Napoleônica. **Revista Aventuras na História**, São Paulo, 20 set. 2019. Seção Guerras. Disponível em:<<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/5-tecnologias-da-era-napoleonica.phtml>>. Acesso em: 01/12/2019.

ZHEBIT, A; LIMA, L. O ESTABELECIMENTO DO PODER SOVIÉTICO NA TRANSCAUCÁSIA. **Cadernos do Cáucaso**, Rio de Janeiro, v.2, n. 2, p.37-48, 2019.